Coleção Amores Eternos

Edição 8

Loreley McKenzie

Na lembrança, o amor vive para sempre.



sob a Luz das Estrelas

MYTHOS BOOKS

Loreley Mckenzie

SOB A LUZ DAS ESTRELAS

Valery era uma mulher que trazia o coração dilacerado pela tristeza. Jimmy havia morrido há mais de 126 anos e encontrava-se em um lugar onde não deveria estar.

Quando o milionário Allen Boyd presenteia a esposa com uma mansão na Inglaterra, as vidas dessas quatro pessoas unem-se em uma grande história de amor, cujos protagonistas deverão enfrentar forças poderosas, maldições seculares, espíritos vingativos e arriscar a própria vida na defesa de seus sentimentos.

(*Romance Contemporâneo* - **Coleção Amores Eternos 08)**



Digitalização: Marina Campos
Revisão: Lais
Formatação: ЄǮƆ NÏЄTΔ ƆƗЄ

Capítulo I

Quando, em 1642 o então rei da Inglaterra Charles I visitou Bridgnorth, cidadezinha erguida às margens do rio Severn, na região de Shropshire, e disse: "Esta é a mais linda paisagem sob meus domínios", os McGregor já estavam lá assentados, e sua propriedade era formada de vários acres de campos férteis e verdejantes.

Diziam que o velho Iam McGregor tinha suas diferenças com a coroa e, ao tomar conhecimento da visita de Charles, partiu com a família para uma viagem longa, programada para durar até que ele se retirasse daquela região, evitando, assim, hospedar o rei e seu séquito em sua imensa propriedade. Isso, é claro, não agradou nenhum pouco à Sua Majestade que, a partir daquele dia, passou a ignorar os McGregors, referindo-se a eles como provincianos, despidos de cultura e refinamento e mantendo-os afastados da corte. Não que essa atitude desagradasse ao velho McGregor, ao contrário! Encantava-o! Dizia sempre, em alto e bom som, para quem o quisesse ouvir:

— Charles que vá para o inferno junto com seus impostos e o bando de inúteis que o cercam!

Esse espírito indomável e por vezes até fanfarrão tornou-o famoso e Iam passou a alimentar as histórias que surgiam em torno de seu nome, tornando-se cada vez mais rabugento — e com o tempo, um tanto cruel. Enquanto isso, a família crescia e prosperava, enriquecendo cada vez mais a seus descendentes.

Morreu aos 63 anos, deixando atrás de si uma lenda, plena de histórias terríveis que se misturavam e arrancavam gargalhadas das pessoas simples do lugar.

O tempo passou, Charles I acabou assassinado por Oliver Cromwell, a Revolução Gloriosa veio e se foi, a monarquia inglesa enfraqueceu, depois se fortificou e a Inglaterra acabou saindo na dianteira da Revolução Industrial, tornando-se a maior potência do mundo, no ramo das indústrias.

Em 1878, o patriarca da época, Steve Patrick George McGregor, era rico e um próspero industrial inglês, com uma fortuna que causava assombro até mesmo à Rainha Vitória. Ele astutamente voltava os olhos para o outro lado do Atlântico, pois via na América o futuro da indústria.

Diferentemente de outros milionários do seu país, Steve não pensava que a Inglaterra era o centro do mundo ou que o colonialismo duraria para sempre. Bem ao contrário, acreditava que mais dia menos dia seu país sentiria o impacto de perder a preciosa "ajuda" de suas colônias, o que de fato já começava a acontecer. A independência dos Estados Unidos — duro golpe para a Coroa Britânica — ilustrava isso.

Steve, casado há 30 anos com Esther Jane, uma séria e religiosa mulher em cujas veias corria uma boa porção de sangue nobre, tinha três filhos. O primo-gênito, William Patrick James McGregor, era um rapaz de 28 anos, advogado formado pela Universidade de Oxford. Solteirão convicto, herdara do pai o sorriso encantador e o avantajado porte físico e, da mãe, os penetrantes olhos azuis e cabelos ondulados. Era o predileto de Steve, que não desistia de tentar casá-lo

com alguma jovem herdeira da América. As outras duas filhas, Emma e Juliet, com 15 e 13 anos respectivamente, embora graciosas e inteligentes, eram vistas por ele com outros olhos. Amava-as muito, mas eram mulheres. E mulheres — para Steve McGregor — não tinham grande futuro.

— O mundo é dos homens. Quem garante o sustento e o progresso, senão nós? — dizia muitas vezes, para desagrado da esposa.

O filho quase sempre o censurava por seus pensamentos e maneiras, mas, de certa forma, ainda que negasse veementemente, concordava com o pai. E talvez por isso não se casasse. Não queria ter de lidar com uma mulher pelo resto da vida. Várias delas, uma de cada vez, era bem mais fácil. Também não gostava da idéia de amarrar-se a uma pessoa. Quando a mãe, em sua santa paciência, tentava dissuadi-lo da vida que levava e lhe falava sobre apaixonar-se por alguém, casar e ter filhos, recebia dele um olhar terno e palavras brandas:

— Mãe, amor é para poetas e eu sou advogado! Além disso — dizia, abraçando a genitora com carinho — você é a única mulher que quero em minha vida.

Ela ria, mas não desistia de casá-lo.

— Quero netos, Jimmy, e seu pai teme que o nome da família acabe se dissolvendo! — argumentava.

O rapaz, entretanto, desconversava e continuava solteiro.

Porém havia nele uma forte convicção humanística, uma tendência para ajudar aos mais necessitados e, por conta disso, era querido e bem-visto por todos que o conheciam. Muitas vezes defendia pessoas que não

tinham dinheiro para pagá-lo e outras tantas, além de não receber, ainda ajudava a pagar as contas do pobre cliente.

A vida seguiu assim, tranqüila e próspera, até certa manhã de abril de 1879, quando o sol irradiava luz e beleza, as flores em torno da casa brindavam a todos com aromas suaves e refrescantes e as águas das inúmeras fontes do jardim jorravam com alegria, atraindo para si a atenção dos pássaros que buscavam nelas um pouco de frescor, e o mundo de paz e prosperidade que envolvia os McGregors começou a mudar.

Jimmy havia acordado cedo e saído, como fazia todos os dias, para cavalgar pela propriedade, sentindo o frescor do dia invadi-lo e renovar suas forças, enquanto o vento, ainda gelado, fustigava seu rosto, deixando-o com aparência indômita.

O cão, um setter irlandês chamado Brian — em homenagem a um amigo de infância que havia falecido vitimado por pneumonia —, corria a seu lado, com a pelagem de cor conhaque lustrosa brilhando e flutuando ao vento, os músculos fortes esforçando-se ao máximo para acompanhá-lo. Eventualmente parava para latir, implicando com algum animal silvestre ou correndo atrás de algum coelho, mas voltava para junto do cavalo do dono, alegre e cheio de disposição.

Como fazia todos os dias, Jimmy parou em uma campina que descia até as margens do rio Severn, liberando o cavalo para descansar e matar a sede. Aquele trecho da propriedade era o seu predileto há muitos anos. Quando garoto, era ali que brincava ou se refugiava, quando aprontava alguma travessura e sabia que o pai o esperava em casa para lhe dar um castigo

— que ele sempre considerava terrível e injusto. Quando ficou mais velho, Jimmy usava o local para refletir sobre a vida ou pensar em alguma menina que estivesse em sua mente.

Quando partiu para terminar seus estudos longe de casa, voltava ali em pensamentos toda vez que precisava de paz ou tinha alguma decisão importante a tomar.

Depois que voltou, já formado e com alguns clientes importantes em sua carteira, ia ali para estudar os casos mais complicados ou simplesmente para relaxar e desanuviar os pensamentos. Aquela manhã não era exceção. Jimmy resolvera defender um camponês em uma ação contra um rico proprietário da região que engravidou sua filha e se recusava a dar um tostão que fosse para ajudar a criar a pobre criança, já com quatro anos. O caso, entretanto, acabou se mostrando mais difícil que o esperado. Ele precisava ter uma boa argumentação ou o pobre cliente se veria em maus lençóis.

Sentado sob a sombra de uma árvore frondosa que começava a florir, mostrando suas cores avermelhadas, deixou que Brian se deitasse e colocasse a cabeça em seu colo, como o cão adorava fazer, e concentrou-se na complicada ação que, embora não fosse lhe render um tostão, era o que ele chamava de "questão de honra". Não admitia que um homem rico abusasse da sua posição para destruir a vida de uma jovenzinha tola e inocente.

Sabia que o réu era amigo de seu pai e que aquele caso estava criando uma situação incômoda para as famílias, mas não se importava. Sabia também que, se

não defendesse os interesses da pobre garota, ela ficaria à mingua e não veria um tostão sequer para alimentar o filho. O ganho de causa serviria de aviso a outros homens que, como Sir Sullivan, se achavam no direito de fazer o que queriam, apenas por serem ricos e bem posicionados na hierarquia social da época.

— Tudo depende de mim, Brian. — disse, afagando a cabeça do cachorro que devolveu o carinho com uma lambida, em sinal de solidariedade — E eu não tenho nenhuma idéia de como convencer o juiz de que o menino é mesmo filho daquele safado, embora a semelhança entre os dois seja espantosa!

Então pensou em Sir Andrew Sullivan por um instante e a primeira coisa de que se lembrou foi o tique nervoso que aparecia, toda vez que ele se sentia tenso ou se irritava. Viu mentalmente sua mão se abrir e fechar-se, abrir-se e fechar-se... então, soube o que fazer!

— É claro! — exclamou, segurando a cabeça do cachorro e olhando diretamente em seus olhos — Que estúpido eu sou! Como não pensei nisso antes? Venha, Brian, vamos voltar. Temos trabalho a fazer.

A notícia de que Sir Andrew Sullivan iria a julgamento por haver engravidado a filha de Abraham Fiennes caiu feito uma bomba na pequena Bridgnorth, e a população local correu toda à sala que serviria de tribunal, disputando a tapas um lugar para assistir àquela que seria a primeira sessão dessa natureza naquelas paragens.

As pessoas usavam suas melhores roupas, as crianças foram obrigadas a tomar banho e os ambulantes montaram suas bancas em frente à porta

do tribunal improvisado, onde o aroma de carne cozida, doces e frutas se misturava à ansiedade da população, aos gritos dos vendedores, ao choro das crianças e ao nervosismo do pobre Abraham Fiennes, que tremia só de pensar o que Sir Andrew seria capaz de fazer com ele, caso ganhasse a causa.

— Confiança, homem! — disse Jimmy, dando-lhe um tapa nas costas — Tudo vai se resolver bem.

Mas Abraham não tinha tanta certeza assim.

Em meio ao tumulto e à agitação que tomaram conta da sala onde se realizaria o julgamento, podia-se sentir no ar a expectativa das pessoas e um desagradável odor que misturava suor, gordura e perfume barato. Entre os rostos que esperavam para assistir ao que mais se parecia com um espetáculo do que com uma sessão legal, lá estavam os de Emma e Juliet que, driblando a vigilância paterna e os conselhos da mãe, fugiram para ver o irmão em ação.

Jimmy sorriu ao vê-las e soprou-lhes um beijo com ar malandro, o que fez várias jovens suspirarem, pois, como as duas, estavam ali não para assistirem ao julgamento — inédito, diga-se — de um homem rico que engravidou e abandonou uma jovem sem recursos, mas para verem William Patrick James McGregor e, quem sabe, conseguirem que ele reparasse nelas.

Por fim, o juiz e os jurados entraram e a sessão teve início. Não foram poucas as vezes que o velho Abbot McCorming, juiz já há algumas décadas, teve de bater furiosamente o martelo na mesa para calar a audiência.

Pessoalmente, aquele era um caso que não o agradava. Qualquer que fosse a decisão, ele teria aborrecimentos: se absolvesse Sullivan, seria taxado de

"vendido" e "protetor dos ricos" pelo populacho. Se o condenasse, seria prescrito de muitas festas e reuniões às quais adorava comparecer. Não que lhe agradasse a companhia das pessoas, mas a comida era sempre de primeira e Deus era testemunha de como o juiz apreciava uma boa refeição. Decidiu então encarar aquele episódio filosoficamente e, como Pilatos, lavaria as mãos. Se o jovem McGregor tivesse provas irrefutáveis, Sullivan estaria perdido. Se não fosse esse o caso, bem, então... o que ele podia fazer?

Ouviu pacientemente as testemunhas, inquirindo-as pessoalmente quando o advogado de defesa saía da linha ou quando percebia que havia ali alguma manipulação. A audiência, atenta, não perdia um lance, rindo das piadas, vaiando alguns comentários e se surpreendendo com outros.

— A filha de Fiennes não era mais pura? Ohhhhh! — faziam todos.

— O que pode um homem contra uma mulher endiabrada? Não sabem todos que as mulheres, que Deus tenha piedade delas, têm o demônio na alma?

— Hahahahahahaha. — A gargalhada era geral.

— Eu nunca toquei nesta moça!

— Uuuuhhh! — rugia a turba.

Em todas essas ocasiões, o martelo do juiz McCorming trabalhava furiosamente, o que deixava o velho magistrado ainda mais irritado.

Embora a sala estivesse com a capacidade lotada, as portas permaneciam abertas e as pessoas se amontoavam do lado de fora. Como não ouviam o que era dito, cada vez que algum som da audiência chegava ao pessoal de fora, ele lhe fazia coro,

transformando algo que devia ser sério e solene em um circo cheio de trapalhadas, torcidas, alimentos e libações.

Durante duas horas, tanto defesa como acusação apresentaram testemunhas que defendiam ora um lado ora outro. Por fim, quando chegou o momento das alegações finais, o advogado de defesa fez um longo e inflamado discurso, que, se encantou as pessoas simples, com seu palavrório complicado e incompreensível, causou uma terrível sonolência no juiz McCorming. Então chegou a vez de Jimmy.

— Com a palavra o advogado de acusação, Sir William Patrick James McGregor — disse o juiz, solene.

Uma parte aplaudiu, outra vaiou e o pessoal que estava do lado de fora, indeciso, fez os dois.

Abbot McCorming olhou, suplicante, para o jovem McGregor, como quem diz: "Pelo amor de Deus, seja breve" e passou-lhe a palavra. O rapaz sorriu, rezando para que seu plano desse certo. Adiantou-se e, colocando-se de frente primeiro para o magistrado e depois para os jurados, disse apenas:

— Se ainda têm dúvidas de que este menino seja mesmo filho de Sir Andrew Sullivan, peço-lhes, senhores, que olhem para os dois e vejam se conseguem negar a gritante semelhança entre eles.

Andrew Sullivan, nervoso e irritado, não parava de abrir e fechar as mãos, o tique nervoso totalmente sem controle. O juiz olhou para ele e depois para a criança, sendo seguido em seu gesto pelo júri. E foi nesse momento que Andrew perdeu a causa. O garotinho, apavorado pela confusão que reinava a sua volta, não parava de abrir e fechar as mãos febrilmente, olhando

com olhos arregalados para o advogado, que continuava dizendo:

— Olhem para um e depois para o outro e neguem se forem capazes!

Andrew foi obrigado a reconhecer a criança e ainda a pagar à mãe uma quantia substancial para o sustento do garoto. Quando o juiz McCorming deu a martelada final, encerrando a sessão e dizendo adeus aos quitutes que não mais veria, Jimmy sorria, triunfante.

A confusão que se seguiu à saída do magistrado foi incrível. As pessoas grilavam, celebrando aquele fato inédito, saindo da sala para comemorar pelas ruas a vitória do jovem McGregor. As tavernas da cidade venderam canecas e canecas de cerveja, carne assada, litros e litros de uísque e tudo mais que conseguiram empurrar aos fregueses dispostos a gastar o que não tinham para festejar.

Jimmy, assim que conseguiu, aproximou-se da filha de Fiennes e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Lave a calda de melado da mão do menino.

A moça riu e fez que sim com a cabeça. Aquele McGregor era mesmo um advogado dos bons. Tinha enganado Sullivan e o juiz direitinho. Mas era bem feito para o homem. Afinal, quem mandou levá-la no bico?

Jimmy tentou se livrar das pessoas e voltar para casa com as irmãs, mas ninguém queria que ele fosse embora: daquele dia em diante, o advogado era um deles e o fato de ser rico só o fazia ainda mais querido e estimado por todos. Vendo que não teriam como partir, despediu-se das meninas e as despachou para casa, pedindo que alguns homens as acompanhassem, pois logo começaria a escurecer.

— Alimentem Brian para mim, — pediu, acenando — não sei a que horas volto.

Elas jogaram beijos de despedida e partiram, sem saber que aquela era a última vez que viam o irmão.

A noite já ia alta quando Jimmy finalmente conseguiu se desvencilhar das pessoas e pegar o caminho de casa. A temperatura agradável e a beleza do céu negro, carregado de estrelas brilhantes, incentivaram-no a ir devagar, deixando o cavalo seguir como quisesse. Ele estava feliz. Tinha conseguido mais uma vez fazer justiça em uma sociedade, a seu ver, injusta e cruel. E, se usara um pequeno truque para facilitar as coisas... bem, fazia parte da profissão, não?

A noite de primavera, escura e quente, exalava a terra, resina de árvore e perfume de flores-do-campo. Sentindo o cheiro forte e ouvindo os grilos, sapos e morcegos encherem a noite com seus sons misteriosos e cadenciados, Jimmy deixou os pensamentos livres, imaginando o que diria seu pai que àquela altura já devia saber do acontecido. Estava tão absorto em seus pensamentos que só percebeu algo errado quando já era tarde demais.

De repente, ele olhou para a camisa que se tingia de vermelho, sem entender o que estava acontecendo, enquanto sentia o corpo amolecer lentamente e escorregar da cela do cavalo em direção ao poeirento chão da estrada. Como se tudo acontecesse muito devagar, ele sentiu o chão se aproximar e depois o gosto da poeira na boca. Com um movimento involuntário, virou-se de costas para o chão e ainda ouviu o relincho do cavalo que, assustado, parou alguns metros adiante.

Seus olhos, agora já perdendo a luz da vida, fixaram-se no céu, onde um mar de estrelas cintilava, enchendo a noite de poesia. Um meteoro riscou o firmamento, deixando atrás de si um rastro luminoso que logo se apagou. Caído, Jimmy lembrou-se das palavras da avó, anunciando que aquilo era sinal de sorte. Tossiu ligeiramente, engasgando com o sangue que se avolumava em sua boca e novamente olhou as estrelas que saíam de foco. Não teve forças para fechar os olhos. Morreu naquele instante, com a luz do planeta Vênus refletindo-se em sua pupila.

A notícia da sua morte chegou logo de manhãzinha, juntamente com o aroma de café fresco, bolo recém-assado, pão quentinho e queijo caseiro que, cuidadosamente colocados sobre a imaculada toalha de linho branco bordada a mão, constituíam parte da refeição matinal da abastada família McGregor.

O patriarca da família estava justamente perguntando pelo filho à esposa, Esther, ansioso para saber todos os detalhes da sua vitória — mesmo que, a seu ver, não fosse apropriado lutar contra alguém da mesma classe social —, quando um dos seus capatazes entrou no salão, ignorando os protestos do petulante mordomo.

Juliet e Emma tomavam seu desjejum, tranqüilas, e se espantaram ao ver o homem, botas sujas de poeira, corpo suado e barba por fazer, invadir a sala com ar apavorado. O velho McGregor virou-se e, quando viu os olhos do empregado, soube que algo terrível havia acontecido.

— Aqui não. — ordenou, levantando-se, diante do ar assustado da esposa e das filhas — Venha comigo.

O capataz seguiu o patrão até a elegante sala de visitas e então, em voz mais baixa do que usaria normalmente, em respeito à patroa e às crianças, deu a terrível notícia. O corpo de William Patrick James tinha sido encontrado bem cedo por algumas pessoas, caído ao lado da estrada que levava à propriedade, circundado por uma grande poça de sangue, com parte do rosto dilacerada por um tiro.

— C-como? — balbuciou o pai, caindo pesadamente sobre a primeira poltrona que encontrou.

— Foi tiro, patrão. O coitado nem teve chance. O cavalo dele ainda estava lá quando o pessoal da vila chegou.

Lívido e sentindo que as forças o abandonavam, o velho McGregor olhou para o nada durante alguns segundos, olhos fixos em algum lugar que apenas ele podia ver.

— Foi... foi assalto? — perguntou, tentando manter a coerência.

— Não, senhor. A gente que achou o patrãozinho disse que ele estava com seu relógio de ouro e o anel também. Não foi roubo, não senhor. Parece mais...

Ele não terminou de dizer o que pensava: Jimmy tinha sido morto por vingança.

Incapaz de raciocinar e sabendo que teria de dar a notícia à esposa, Steve segurou as lágrimas e o empregado, vendo que a palidez do patrão aumentava, serviu-lhe a primeira bebida que encontrou, caprichando na dose.

— O senhor "bebe" isso pra se sentir melhor... — disse, solícito, sem saber o que mais podia fazer.

McGregor sentiu a bebida queimar sua garganta,

mas tomou-a de um só gole, deixando o álcool amortecer-lhe os sentidos.

Eram apenas 7h da manhã de um glorioso dia de primavera. Os insetos zumbiam pelo jardim florido, atraídos pelo colorido vivo das flores, que espalhavam seu aroma pelo ar. Os pássaros, pousados sobre a borda da fonte, refrescavam-se nas águas que corriam tranqüilas e cristalinas. O céu, por algum capricho da natureza, estava tão azul que era impossível de se olhar para ele.

Com um suspiro profundo, McGregor levantou-se. O peito, pesado e oprimido, e os olhos, embaçados pelas lágrimas que o homem não deixava rolar, eram as únicas testemunhas da dor que dilacerava seu coração. Seu filho! Seu único filho homem, morto aos 28 anos! Caminhou, parecendo 50 anos mais velho, em direção ao salão onde a família, ansiosa, o aguardava, e ordenou ao capataz que esperasse por ele. Só então pareceu lembrar-se:

— Meu filho... alguém o trouxe? — perguntou, estranhando o som da sua voz, que não parecia ser a sua, mas de algum desconhecido que por uma razão qualquer estivesse falando em seu lugar.

— Não, senhor. Deixaram lá... ninguém quis tocar no patrãozinho. Só cobriram ele pra não sentar mosquito.

— Mande preparar uma carroça e avisar a polícia. Vou buscar Jimmy junto com vocês.

— Sim, senhor. — disse o empregado, baixando o olhar. — Patrão, eu sinto muito... eu gostava muito do seu Jimmy, gostava mesmo.

— Eu sei. — disse o pai, juntando as forças para dar a notícia à esposa.

O velório e o enterro do rapaz foram os mais tristes que aquele lugar já havia presenciado. A mãe, inconsolavel, parecia a imagem da dor: os olhos vidrados, vermelhos e secos, por onde mais nenhuma lágrima corria, fitavam o vazio, sem expressão.

As irmãs mais novas, que haviam trocado seus alegres e habituais vestidos por sérios e fechados trajes pretos, ao lado da pobre mulher, não pareciam muito melhores que ela. Aos olhos de todos — amigos, conhecidos, curiosos e empregados —, nada podia ser mais trágico e doloroso.

Por exigência da senhora McGregor, que não queria se afastar do filho, William Patrick James foi sepultado no pequeno cemitério da propriedade, situado atrás da igreja, também pequena, onde nos finais de semana todos se reuniam para as orações dominicais.

Durante toda a longa vigília feita em homenagem ao morto, e também durante a cerimônia de seu funeral, as pessoas se perguntavam a mesma coisa: por que alguém matou o jovem William Patrick James? Não foi assalto, já que nada fora levado. Ele era simpático e agradável, não tinha inimigos nem sua família era odiada no lugar. Ao contrário, era querida e conhecida pela bondade com que tratava a todos, ajudando a quem pedisse. Chegou-se à conclusão de que Jimmy foi assassinado por alguém a mando de Andrew Sullivan.

Outras teorias também apareceram, porque, afinal, pessoas são pessoas e gostam de falar, principalmente em um caso como aquele, que envolvia gente rica e nobre.

Investigações foram feitas, pessoas foram

interrogadas, mas o ano de 1879 terminou sem que uma alma sequer fosse parar na cadeia por conta daquele crime brutal e traiçoeiro.

O tempo, com sua ação branda e infalível, tratou de esfriar os comentários e aplacar a dor dos pais, embora a saudade permanecesse com eles até o final das suas vidas. Infelizmente também esfriou o empenho da polícia em encontrar o responsável pela morte do rapaz, já que as investigações fatalmente incluiriam Andrew Sullivan.

As meninas Emma e Juliet McGregor cresceram e se tornaram belas moças, inteligentes e educadas, casando-se com rapazes de boas famílias. Tiveram muitos filhos que acabaram por se tornar a alegria dos avós.

A família recuperou-se da dor e a vida seguiu seu curso.

Vinte anos depois, em 1898, Steve McGregor faleceu, sendo seguido pela esposa poucos meses depois.

As moças, que já não moravam mais na propriedade da família, decidiram vendê-la e levaram todos os pertences para outro local. A casa mudou de mãos e os novos moradores, por questão de respeito, mantiveram o cemitério conservado e bem-cuidado e o túmulo de Jimmy sempre com flores frescas.

Já ia então o ano de 1901. Um novo século começava e, com ele, novas e maravilhosas melhorias foram incorporadas ao imóvel.

No começo da década de 1930, a casa foi novamente vendida, dessa vez para uma atriz de teatro que resolveu se mudar para o campo em busca de sossego. Porém, após lutar anos a fio com o vicio de álcool e

drogas, acabou falida e a casa em posse do banco para o qual devia milhares de libras esterlinas.

Pouco tempo depois, a segunda guerra eclodiu e os diversos bombardeios alemães sobre a Inglaterra acabaram destruindo parte da propriedade, derrubando as cruzes do cemitério e pulverizando a velha capela.

A família McGregor, cujo sobrenome havia desaparecido devido aos vários casamentos de seus descendentes, também perdeu contato com suas raízes, ignorando assim o destino dado à antiga propriedade.

O banco colocou a casa em leilão, que acabou sendo vendida por um valor bem abaixo do real a uma firma que a transformou em depósito de bobinas de aço. O cemitério estava totalmente destruído e o pouco que restou da igreja ficou lá, desaparecendo sob a ação do tempo.

Muitos anos se passaram e já chegara o ano de 1996. A empresa de bobinas, perto da falência, passou a casa para um rico empreendedor imobiliário vindo da América, que pretendia erguer naquelas terras um clube de campo, algo que lhe rendesse sólidos e prósperos dividendos. Mas o homem morreu antes disso e o imóvel novamente mudou de mãos. Dessa vez, foi comprado por um milionário texano, espalhafatoso e de gosto no mínimo duvidoso, que dirigia um automóvel estofado com pêlo de zebra — e fazia questão de anunciar que era original.

Esse homem, cheio de dinheiro e sem nenhuma aptidão para reformas e restaurações, ao se casar com uma jovem corista de Las Vegas pouco tempo depois de adquirir a mansão McGregor, deu-a de presente de

casamento à esposa, uma loira de 1,80 m, 60 quilos, cheia de curvas, seios generosos e voz rouca que, quando viu a casa, torceu o nariz e, fazendo beicinho, implorou:

— Vamos reformar, querido, assim podemos passar nossas férias de verão aqui. É muito chique tomar chá numa casa na Inglaterra.

O marido olhou para ela e sua primeira reação foi dizer que aquilo era besteira e que preferia um belo uísque em algum bar de Austin. Mas, ao ver o cabelo platinado, as curvas generosas e os olhinhos azuis piscando para ele, concordou.

A casa, palco de tradições e que durante gerações vira o progresso de uma família forte e próspera, estava prestes a voltar à vida. E, com ela, seus fantasmas e histórias assombrosas.

Capítulo II

Dizem que um coração partido por uma grande desilusão só se conserta amando outra vez. Mas, se dependesse disso, Valery continuaria infeliz pelo resto da vida. Cada vez que pensava no que o ex-marido fez, sentia que morria um pouco.

Tinha se casado tão apaixonada, cheia de planos e esperanças, e amava tão desesperadamente aquele sem-vergonha, que nunca pôde sequer imaginar, em sonhos que fosse, que além dela ele tinha mais três outras esposas espalhadas pelo país. Claro que estranhava que ele tivesse de viajar tanto e sempre demorava várias semanas para voltar, mas ele dizia

que estava construindo o futuro deles e Valery, cega e apaixonada, acreditava.

Mesmo quando, após três anos de casamento e de várias e prolongadas ausências, foi procurada pela polícia, que lhe mostrou um retrato do marido, Mike Davenport, perguntando se Justin Brown morava ali, ela não acreditou e imaginou que a polícia era incompetente e atrapalhada, em vez de perceber o que realmente estava acontecendo.

Duas semanas depois, quando fazia apenas algumas horas que Mike havia voltado de uma de suas intermináveis viagens, a polícia voltou e o levou preso. Desesperada, sem saber o que fazer, brigando com o policial e dizendo que estavam cometendo um absurdo engano, foi para a delegacia. Para sua surpresa e desilusão, lá conheceu as outras três esposas do marido Emily, Debby e Cindy — esta já em estado avançado de gravidez. As mulheres olharam para ela primeiro com curiosidade, depois com pena e por fim com irritação, quando Valery insistiu em negar o inegável. Mas no final, vencida pelas evidências, tudo o que pôde fazer foi chorar, sendo consolada pelas outras três, que já haviam passado pela mesma situação.

Mike, ou melhor, Justin, cujo nome verdadeiro era John Simon Jones, foi preso e a única justificativa que conseguiu dar a Valery por seu reprovável comportamento foi:

— Mas eu te amo, querida, de verdade!!! Só que amo a elas também! O que posso fazer?

O casamento, sem validade, foi simplesmente desfeito e Valery voltou a ficar solteira. Mas, por mais que odiasse o falso marido, por mais que ele a tivesse

enganado e mentido, não conseguia esquecê-lo. Na sua cabeça, ainda estava casada. Cada vez que voltava para casa no final do dia, olhava cada um dos móveis que haviam escolhido juntos, as fotos que teimava em não tirar de cima da lareira, os quadros mostrando cenas típicas de Nova York e que Mike tanto gostava — disse ter comprado em uma das suas intermináveis viagens. A porcelana antiga que ele disse ter sido da avó e que ela acabou descobrindo que fora comprada em uma garagem — as típicas vendas dos norte-americanos — e mais uma infinidade de coisas. Agarrava-se a tudo, como as pessoas se agarram a velhas fotos de entes queridos que há muito se foram.

Os meses se passaram, viraram anos e Valery continuava presa à memória de algo que na verdade nunca havia existido: o amor que ela e Mike compartilharam.

— Não entendo por que não se livra disso tudo! Esqueça aquele filho da mãe! Já faz três anos!!! — esbravejou a irmã mais nova, Andréa, em uma visita, meses antes.

Valery alegou que já havia esquecido e que, se não se livrava das coisas que haviam sido "deles", era porque eram boas e não valia a pena jogá-las fora.

A irmã, claro, não acreditou e começou a pensar que talvez fosse hora de Valery buscar ajuda profissional. Com cuidado para não ferir seus sentimentos e também para não ofendê-la, deixou a idéia no ar e depois, conforme os dias passavam, foi entrando no assunto, até convencê-la de que talvez essa realmente fosse uma boa idéia.

Valery prometeu que veria alguém em uma manhã

gelada de outubro, ao se despedir de Andréa, que acreditou em sua promessa. Sem mais nada que pudesse fazer, voltou para Yale, onde terminava o curso de hotelaria, certa de que sua irmã não estava bem.

Allen Boyd, o milionário que adquiriu a propriedade McGregor, finalmente se decidiu a reformar a mansão. Mas coçou a cabeça por alguns instantes, imaginando como o faria. Não podia deixar seus poços de petróleo para "ficar fiscalizando meia dúzia de pedreiros ingleses moleirões que não sabiam fazer o trabalho deles", conforme alegou à esposa, a estonteante Mary Jane.

— Não seja bobo, meu tourinho. — ela sempre o chamava assim, para alegria do homem, que em contrapartida a chamava de bezerrinha — Contratamos alguém para fazer isso. Pra que temos tanto dinheiro?

Allen não gostou muito da idéia de contratar um inglês metido a sebo, que falava de uma maneira que ele julgava "coisa de boiola", como costumava se expressar, quando queria dizer que algo ou alguém era inglês. Novamente foi Mary Jane quem teve a idéia:

— Contratamos alguém aqui na América e mandamos pra lá. Assim não precisamos ter trabalho algum, só o de fiscalizar a obra.

Allen também não gostou dessa idéia, mas Mary Jane fez aquele seu beicinho e ele cedeu. Mas quem contratar?

Allen Boyd podia ser um texano legítimo, com botas e esporas, sotaque arrastado e gosto exagerado para roupas e carros, mas burro não era. Sabia que a propriedade valia muito dinheiro, apesar de tê-la adquirido por um valor bem inferior ao real, devido às

condições de conservação do imóvel. Sabia também que, após restaurar tudo, podia abrir a casa à visitação e ainda lucrar com isso. Pensou sobre o assunto durante alguns dias e fez o que sempre fazia quando precisava resolver alguma coisa e não sabia como: chamou seu assistente, Jake Spelce e o encarregou de encontrar alguém "que entendesse de coisas velhas e de remendos", disposto a mudar-se para a Inglaterra por alguns meses e fazer o que precisava ser feito.

— Ache alguém decente, pelo amor de Deus. Não quero um afeminado nem um metido à besta. — disse, com seu jeito franco — E não precisa economizar. A casa é da minha bezerrinha e ela merece o melhor.

Jake começou a pesquisa. Selecionou dezenas de nomes, mas os que Allen aprovava, Mary Jane torcia o nariz e, quando ela simpatizava com alguém, ele, enciumado, reprovava. Por fim, de comum acordo, decidiram que era melhor contratar uma mulher. E a pesquisa recomeçou.

O outono acabou, o inverno chegou, rigoroso e branco, dando a tudo uma impressão de contos de fada, e eles ainda não haviam encontrado ninguém. E assim continuaria até que a primavera começasse a derreter a neve, perfumar o ar e colorir a cidade.

Andréa andava ocupada com as provas na universidade e completamente sem tempo de ver ou falar com a irmã. Sabia que Valery, enfim, havia procurado uma terapeuta e que já estava vendo a psicóloga há alguns meses, mas, pelas cartas que recebia, não notou grandes mudanças no seu estado de espírito.

— Essas coisas demoram. — dizia para si mesma, procurando se consolar, enquanto não arrumava tempo para ir pessoalmente ver se havia progressos ou não.

Um dia, em uma de suas muitas visitas à biblioteca da universidade, enquanto tomava um café, sentada do lado de fora do prédio para manter-se acordada durante a pesquisa que a aguardava, ouviu sem querer a conversa entre um professor do campus e um homem alto e bem-vestido que, pelo jeito de falar, era, sem dúvida, texano:

— Não sei mais o que fazer. — dizia o desconhecido — O senhor Boyd me cobra todos os dias, mas não encontro ninguém que tenha as qualificações necessárias, seja mulher e esteja disposta a mudar-se para a Inglaterra. Será que o senhor pode me ajudar?

— Deixe-me ver... — pediu o professor, fazendo cara de quem estava varrendo a memória em busca de um nome — Você precisa de alguém que conheça a fundo restauração e os períodos históricos ingleses, seja mulher, não tenha família e esteja disposta a se mudar, ainda que temporariamente, para a Inglaterra... Lamento, mas não me ocorre ninguém.

Andréa, ao ouvir aquilo, decidiu que o destino colocou a sua frente uma oportunidade única: ajudar sua irmã e ainda conseguir férias grátis na Inglaterra. Esperou o professor se afastar e então abordou o desconhecido:

— Desculpe-me, — disse, sorrindo, com simpatia — mas não pude evitar e ouvi a conversa de vocês...

O homem olhou para ela curioso, mas permaneceu calado.

— O senhor estava dizendo que precisa de uma

arquiteta, não é? Especialista em restauros, que conheça bem a história da Inglaterra e seus diversos períodos arquitetônicos, seja gabaritada e possa viajar...

Mais curioso ainda, ele continuou olhando para Andréa, esperando pela conclusão daquela conversa, que ficava cada vez mais interessante.

— Acontece que eu conheço exatamente a pessoa que o senhor está buscando. Ela não mora aqui, é claro, mora em Albany, mas posso dar o telefone se quiser, e então...

Ele não respondeu e ela perdeu o jeito:

— Eu... quero dizer... desculpe-me se fui intrometida ou algo assim. Não quis ser mal-educada nem ofendê-lo...

— Continue de onde parou. Conhece alguém em Albany, certo? — pediu Jake, olhando, divertido, para o rosto dela, que estava vermelho pelo embaraço.

— Sim, é minha irmã, para ser franca. Ela é arquiteta, dedica-se a restauros, tem especialização em arquitetura inglesa antiga... e pode viajar livremente! Então pensei que, talvez...

— É casada? — ele era direto e Andréa se surpreendeu.

— Quem, eu?

— Sua irmã... Ela é casada?

Andréa não sabia como responder a essa pergunta. Casada não era, mas havia sido; ou não?

— Divorciada, sem filhos.

Jake examinou a garota a sua frente e achou-a muito atraente:

— É bonita, assim como você?

— Pensei que estivesse procurando uma profissional competente e não uma namorada, desculpe-me. — respondeu, com ar indignado.

— Você não entendeu... — disse ele, paciente, explicando sobre os ciúmes que Mary Jane sentia do marido e que uma moça bonita e desimpedida podia causar algum transtorno.

— Ah...! Não se preocupe. Minha irmã não está procurando marido e, para ser franca, duvido muito que sequer pense em homens... e, sim, ela é muito bonita.

Jake pareceu pensar um pouco sobre o assunto e decidiu que não faria mal algum ir a Albany conhecer a moça. Quem sabe tudo não se resolveria bem? Pediu o telefone e, antes de se despedir de Andréa, deixou-lhe seu cartão:

— Caso vá à Austin, ou algo assim, me ligue. Podemos tomar um café, se quiser.

Ela sorriu, satisfeita consigo mesma. Ele até que não era mau para um texano e o jeito de falar, embora um pouco arrastado, era educado e polido. E, se algum dia fosse ao Texas, por que não?

Despediram-se e, enquanto ela entrava na biblioteca, Jake pensou que devia visitar as universidades com mais freqüência.

O escritório de Valery, situado em uma ruazinha calma e arborizada, era o que os franceses chamam de *petit bijou* — pequena jóia. Instalado em um sobrado do começo do século XX, com um jardinzinho simpático, na frente, e boa parte da fachada recoberta por hera africana, de onde pendiam cachos de flores amarelas, tinha janelas modernas e espaçosas, porta clássica em madeira e ferro e charmosas jardineiras repletas de

flores coloridas, que emolduravam a pequena varanda, pintada em tons de terracota. A primeira impressão, parecia mais um ateliê de pintura do que escritório de arquitetura.

Jake, sentado na saleta que servia de recepção, aguardava para ser recebido. Observou os objetos harmoniosamente distribuídos, os quadros colocados em locais que ressaltavam suas cores e as cadeiras confortáveis, estofadas em tom de ouro antigo, enquanto saboreava o cafezinho servido pela secretária, impressionado pela sensação de conforto e aconchego que aquele ambiente transmitia. A iluminação indireta dava o toque final e ele pensou que aquela saleta proporcionava o ambiente ideal para se ler um bom livro ou simplesmente sentar e relaxar, olhando as flores lá fora através da janela.

O dia luminoso de primavera trazia uma agradável brisa que balançava as folhas da árvore centenária na frente da casa e tudo ali parecia tão sereno e acolhedor que Jake, sem perceber, se viu pensando em tirar férias no campo e passar horas sem fazer nada, deitado à sombra de alguma árvore frondosa. Absorto em suas idéias, demorou alguns segundos para perceber que alguém falava com ele:

— Senhor Spelce? Sou Valery Cooper, como vai?

A moça usava uma blusa de malha, que acentuava suas formas delgadas e a cintura finíssima, por cima de uma saia cinza claro, pouco acima dos joelhos, meias finas e um sapato channel do mesmo tom da saia, formando um conjunto clássico e despretensioso que apenas as pessoas verdadeiramente elegantes sabem como produzir. Os cabelos loiros, cheios e brilhantes,

caindo abaixo dos ombros. Os olhos azuis, de um tom médio, eram sinceros e vivos, a boca sensual, o queixo decidido, o nariz ligeiramente arrebitado e incrivelmente bem-feito. Ao vê-la, o primeiro pensamento de Jake foi: Mary Jane vai surtar, quando olhar para ela.

Valery sorriu com simpatia e o conduziu até seu escritório, uma sala de boas proporções, clara, bem iluminada e que, como a saleta, era decorada com a intenção de proporcionar conforto e bem-estar. Em uma das paredes, uma estante com portas de vidro deixava à mostra vários livros sobre decoração, arquitetura e história, alguns realmente antigos, ainda encadernados em couro com as letras da lombada feitas a ouro.

Em poucas palavras, Jake explicou seu encontro com Andréa e as razões que o levaram a procurar por ela. Foi sincero e claro, não omitindo sequer os ciúmes de Mary Jane.

Valery ouviu tudo com atenção, pensando na audácia da irmã e se divertindo, ao pensar que alguém podia imaginar que ela fosse lhe roubar o marido. Interessou-se imediatamente pelo projeto e, quando Jake lhe mostrou as fotos da propriedade em Bridgnorth, seu coração disparou: era simplesmente magnífica! Estava avariada e abandonada, mas ainda assim era belíssima.

— O senhor sabe que não custará pouco dinheiro restaurar essa casa nem será um trabalho de pouco tempo. É difícil dizer sem ver o local pessoalmente, mas eu diria que temos pela frente uma empreitada de, no mínimo, um ano, senhor Spelce.

Jake, que continuava pensando no que Mary Jane diria ao ver aquela bela mulher, explicou:

— Dinheiro não será problema, senhorita Cooper. E, caso aceite o serviço e meus patrões concordarem, terá carta branca e o tempo de que precisar para ajeitar tudo.

Valery olhou-o nos olhos, com a sensação de que havia algo mais a ser acrescentado, mas ele nada disse.

— E quando pode falar com seus patrões? — perguntou, sem despregar os olhos dele.

— Bem, assim que lhe for possível. Mary Jane, isto é, a senhora Boyd, está ansiosa para começar a reforma.

Valery pensou por alguns instantes. Caso aceitasse aquele trabalho, ficaria fora muito tempo e, portanto, afastada da sua casa e de tudo que lembrava seu infiel marido. Por outro lado, ganharia um bom dinheiro e teria a chance de tornar seu nome conhecido em outro país.

— O senhor entende que preciso conhecer a propriedade, antes de dizer qualquer coisa ou de apresentar um orçamento, ainda que prévio...

Jake concordou e Valery lhe propôs ir a Austin na semana seguinte, para conversar com os proprietários. Tudo acertado, ele se despediu, sem saber se o que mais o havia impressionado era o ambiente sereno e bem montado daquele escritório ou a beleza da sua dona. "Que classe tem esta mulher!", pensou, enquanto caminhava pela rua arborizada em busca de um táxi. "E a irmã não mentiu. Ela é mesmo muito bonita; só resta saber o que Mary Jane vai achar disso tudo".

Alicia Sullivan estava estranha naquele dia. Um peso no peito, a cabeça meio aérea, o corpo dolorido.

— Creio que vou pegar uma gripe. — comentou com a empregada que lhe servia o chá.

— Pode ser alergia por causa da primavera. — respondeu a moça, que notou mesmo certa palidez na patroa.

Alicia estava, então, com 50 anos. Era uma mulher vigorosa, alta, magra, de músculos fortes e olhar duro. Os cabelos, de um loiro pálido, eram sempre mantidos presos em um coque severo. O sorriso, que todos diziam às suas costas que lembrava o de um cavalo, era aberto e mostrava dentes grandes e quadrados, daí os comentários. O rosto era comprido e fino e as rugas já eram visíveis em torno dos olhos duros e da boca eqüina. Definitivamente, não era uma mulher bonita.

Solteira, sem filhos e dona de uma personalidade um tanto prática e vigorosa demais para uma mulher, também não fora agraciada com feminilidade ou suavidade de gestos. Em compensação, era rica, muito rica.

A propriedade onde morava, herdada de seus ancestrais, era quase tão antiga quanto a própria Bridgnorth e consistia de vários acres de terra fértil, galpões e uma casa de gigantescas proporções, cuja fachada austera estava quase toda coberta por hera, unhas-de-gato e trepadeiras floridas que suavizavam um pouco suas linhas duras e antigas.

Alicia administrava tudo com pulso firme, mantendo a tradição e o patrimônio deixados por seus ancestrais com uma reverência que beirava as raias da neurose. A casa, apesar das modernizações que foram incorporadas ao longo das décadas pelas várias gerações de Sullivans que a ocuparam, estava

praticamente igual ao que fora no passado. O mesmo, é claro, não se dava com a propriedade vizinha, a dos McGregor, que o diabo levasse suas almas.

Quando, há quase 150 anos, o tal William Patrick James McGregor condenou seu antepassado Andrew Sullivan ao ridículo e zombaria das pessoas, suas famílias tornaram-se inimigas. Alicia, que desde criança ouvia as histórias que a família contava sobre esse triste episódio, odiava qualquer coisa ligada àquela gente. Não que eles ainda estivessem por ali. Há muito, por justiça divina com certeza, haviam desaparecido de Bridgnorth, levando consigo seus descendentes e apagando seu sobrenome das páginas da história futura, mas a casa, praticamente uma ruína agora, permanecia lá, como um último tributo àquela corja que tão desrespeitosamente manchara com a desonra sua família.

Sempre que passava pela estrada, da qual se via a velha mansão caindo aos pedaços, tinha um sentimento de cruel felicidade. "Bem feito para todos eles! Que apodreçam no inferno, bando de bastardos!", pensava, nem ela mesma entendendo por que sentia tanta raiva daquela família que nunca havia conhecido.

Nada disso, claro, passava por sua cabeça agora. Pediu à empregada que lhe trouxesse uma aspirina, acreditando que fosse o que fosse que estivesse sentindo, em breve passaria.

Caminhou pela biblioteca, pensativa, e parou em frente à janela que dava para os jardins bem-cuidados. Admirou o verde suave e as flores em botão das plantas que pareciam sorrir para o céu azul da primavera que banhava a tudo com sua luz alegre e gentil. Suspirou,

pensando no homem que não amou, nos filhos que não teve e na família que não alegrava seus natais e aniversários. "Sou mais feliz assim", consolou-se, sabendo, bem no fundo da alma, que aquilo não era verdade.

Albert Chamberlain, ao contrário de Alicia, sentia-se fabulosamente bem. Do alto de seus 70 anos, podia se orgulhar de ser alguém que tinha o privilégio de se dedicar a tudo que gostava. Suas rosas, seus cães — ele tinha sete cachorros das mais variadas raças — e, claro, seus estudos de parapsicologia. Professor aposentado de Cambridge, lecionou por mais de 30 anos antes de finalmente se retirar do magistério e mudar-se definitivamente para a pequena e encantadora Bridgnorth. Ainda em seu vigésimo ano na universidade, adquiriu na cidade uma antiga casa e aos poucos a reformou, preparando-a para recebê-lo quando finalmente se aposentasse.

Na universidade, os temas ligados à parapsicologia não eram muito bem-vistos e ele, que desde jovem se interessava pelo assunto, jamais comentou, com quem quer que fosse, as pesquisas e estudos que fazia. Mas, depois que deixou Cambridge, mergulhou de cabeça nesse universo que tanto o apaixonava. Isso já fazia 10 anos e, desde então, Albert Chamberlain conheceu outras pessoas que também se dedicavam com afinco ao estudo dos fenômenos e manifestações parapsicológicas. Dentre elas, estava Nicodemus Goldmann, doutor em Desenvolvimento Cognitivo, pela Universidade de Chicago, com quem se correspondia regularmente e pelo qual nutria grande respeito e amizade.

Aliás, boa parte do seu bem-estar naquela manhã era devida a uma correspondência que recebeu do amigo, contando sobre uma fabulosa experiência acontecida há pouco tempo, lá mesmo em Chicago, envolvendo um advogado assassinado e sua esposa, além de um colega do Dr. Goldmann chamado Peter McKenzie.

Sentado em sua agradável varanda, o sol primaveril refletido na cabeleira branca e acentuando ainda mais o azul profundo dos seus olhos, Albert Chamberlain lia e relia a carta, ansioso por mais detalhes daquele notável fato, a cabeça cheia de perguntas não respondidas.

"Que maravilha", pensou, soltando um suspiro, "ter os dons desse senhor McKenzie e poder ver o que ele vê!". Seus olhos adquiriram um ar sonhador e ele se deixou levar pelos pensamentos. Não sabia, evidentemente, que Peter não via nada de maravilhoso nos dons que tão recentemente descobriu ter e que, se dependesse de sua vontade, jamais teriam se manifestado.

Apesar de apaixonado por parapsicologia e fenômenos não explicados, Albert nunca havia visto, ouvido ou sentido nada que pudesse ser chamado de "extra-sensorial". Bem que se esforçava para ter o que costumava chamar de "experiência que vale uma vida", mas o máximo que conseguiu até então deixou-o ainda mais frustrado: confundir os ruídos do encanamento velho com alguma manifestação parapsicológica. Apesar do vexame, ele não desistia, e continuava seus estudos e pesquisas com o mesmo afinco, aguardando pacientemente o dia em que enfim pudesse ver alguma manifestação real de um fenômeno não explicado.

Muito em breve, Albert teria a oportunidade de saber por que alguém um dia criou um ditado que diz: "Cuidado com o que pede, porque você pode ser atendido".

Para surpresa e — por que não dizer? — espanto de Jake Spelce, Mary Jane simplesmente adorou Valery. Ao vê-las juntas, tranqüilamente conversando sobre os planos que a patroa tinha sobre a propriedade na Inglaterra, ele se sentiu diante daquelas propagandas de antes e depois, que mostram pessoas gordas que emagreceram ou antes e depois de uma cirurgia plástica. O contraste entre as duas mulheres era tão gritante que ele piscou várias vezes, antes de entrar na sala.

Valery usava um conjunto de calças compridas e blazer preto, camisa branca de seda fosca, os cabelos presos com simplicidade, quase nenhuma maquiagem e um sapato preto de salto discreto, mas de excelente marca, que parecia muito confortável em seus pés. Brincos pequenos, uma correntinha curta de onde pendia um berloque em forma de âncora e um anel básico em cada mão. Elegante, clássica e muito, muito chique.

Mary Jane, enfiada em jeans justíssimos, bordados com motivos florais exagerados, vestia também uma camisa de cetim rosa-choque — que trazia desabotoada até deixar exposta boa parte dos generosos seios —, calçava botas de pele de cobra, tingidas no mesmo tom da blusa, e tinha saltos tão altos que era de se duvidar que alguém pudesse ficar em pé sobre eles; completavam seu traje muitas jóias espalhafatosas e

uma maquiagem que parecia mais a de uma *drag-queen* do que de uma respeitável dona de casa — ainda que milionária.

Mesmo assim, elas se deram bem. Valery achou Mary Jane divertida e, embora um tanto espalhafatosa, sentiu sinceridade e franqueza nela, que, por sua vez, achou a arquiteta simples, comportada, eficiente e principalmente desprovida de atrativos para seu "tourinho".

— Está contratada. — sentenciou, antes mesmo de Valery começar a expor seus planos.

Ela riu, surpresa, e balbuciou alguma coisa, mas Mary Jane não lhe deu atenção:

— Não entendo nada de reformas e antigüidades, — disse a loira platinada, fazendo seu característico beicinho — mas Allen sempre precisa impressionar alguns figurões. Então é importante que a casa tenha classe e que todo mundo veja como somos ricos.

— Entendo. — concordou Valery, divertida.

— Você pode fazer o que quiser, desde que, quando alguém puser os pés na casa, saiba que somos ricos e temos bom gosto.

A arquiteta reprimiu uma gargalhada e explicou suas condições, preços e que precisaria ir à Inglaterra ver a propriedade, antes de dar uma resposta definitiva.

— Isso não é "poblema". — disse Mary Jane, para quem a palavra problema era difícil de pronunciar — Jake vai providenciar tudo que você precisar.

Acertaram que Valery viajaria dentro de alguns dias e ficaria na Inglaterra apenas o tempo suficiente para avaliar a propriedade. Então retornaria e entregaria seus orçamentos e planos por escrito.

— Sem "poblemas". — concordou Mary Jane com ar de falsa dama. — Meu tourinho vai fazer tudo que eu quiser. — disse e piscou para a outra com malícia — Sei como lidar com os homens!

Valery não duvidou por nenhum segundo disso.

Andréa jogou os livros de lado para atender ao telefonema da irmã, que lhe contou as novidades, parecendo feliz e entusiasmada com a perspectiva da viagem.

— Minha terapeuta achou ótimo que eu vá viajar — comentou Valery — e, sinceramente, eu também creio que me fará bem.

Andréa então disparou:

— Quando pensa que pode ir de vez?

— Dentro de um mês, se tudo correr bem, devo estar me mudando para a milenar cidadezinha de Bridgnorth. — respondeu, animada.

— Estaremos, você quer dizer... ou pensa que vou perder a oportunidade de ter férias grátis na Europa?

— Vai ficar comigo o verão todo? — a voz da moça ficou alegre.

— Sim, senhora. Só não vou junto com você. Creio que talvez só possa viajar dentro de uns dois meses, mas vou passar o verão com você. — respondeu, segura.

Quando desligou o telefone, Andréa ficou pensativa por alguns instantes. A irmã parecia animada e cheia de entusiasmo.

— Será, meu Deus, que enfim ela vai se livrar do carma que foi seu casamento com aquele infeliz? — perguntou para as paredes do quarto. — Quem sabe

não conhece algum inglês cheio de coisa e se apaixona de novo? — continuou se perguntando.

Claro que nenhuma das duas podia prever os acontecimentos nem que o inglês "cheio de coisa" que entraria na vida de Valery seria alguém que, nem em seus mais absurdos sonhos, ela podia imaginar que existisse.

Capítulo III

A cidade Bridgnorth, na região de Shropshire, Inglaterra, assenta-se sobre penhascos de arenito, dividindo-se em duas pelo rio Severn, formando assim duas regiões distintas: a cidade alta e a cidade baixa.

Para ir de uma à outra, conta-se com um charmoso trem que trafega pela famosa Bridgnorth Cliff Railway ou, caso a pessoa sinta disposição para andar, pode fazer o percurso a pé, desfrutando mais demoradamente das magníficas paisagens pelo caminho, pela High Street, que começa na cidade alta ou High Town.

Cercada por árvores, campos e muitas flores, a cidadezinha tem 1700 anos de história, sendo possível encontrar, entre seus muitos atrativos, restos de construções dos séculos III e IV, entre outras tantas coisas que fazem a delícia de olhos e mentes ansiosos por explorar seus tesouros arquitetônicos.

Valery desembarcou na cidade em uma bela manhã de maio, quente e ensolarada, absolutamente encantada com a paisagem do caminho e o charme da cidade. As flores explodiam, coloridas, por todos os cantos. Os edifícios antigos mostravam uma parte da história da Inglaterra a quem quisesse ver; os bares e

confeitarias enchiam o ar de aromas deliciosos, as pessoas caminhavam calmamente, como se tudo ali fosse parte de outro tempo e o mundo agitado e caótico das grandes cidades simplesmente não existisse.

Encantada, como criança que ganha um presente que há tempos espera, Valery caminhou vagarosamente pelas ruazinhas estreitas, buscando pelo hotel onde passaria dois dias, até voltar aos Estados Unidos.

O Lions & Dragons Inn, instalado em um prédio que recendia a era medieval, com sua tabuleta de madeira, fachada vermelha e archotes de bronze fincados ao lado da porta de madeira bruta, agradou a Valery, assim que colocou os olhos nele. Dentro, uma espaçosa e aconchegante sala de estar abria-se com suas paredes verdes e almofadas floridas para um pátio refrescante, cheio de árvores antigas e bancos agradáveis, onde uma fonte trazia aos ouvidos o reconfortante som de água corrente. Atravessando-se o pátio, via-se a recepção da pousada, também pintada em tons fortes e quentes, com um balcão feito de toras e graciosas floreiras, repletas de amores-perfeitos e outras plantas e flores igualmente atraentes. A cada passo, Valery encantava-se mais. "É lindo! Muito mais do que eu podia imaginar ou do que as páginas da Internet mostraram", admirou-se.

A pessoa que a atendeu, uma mulher na casa dos 40 anos, sorridente e simpática, mostrou-lhe o quarto e, como é costume em qualquer cidadezinha, puxou conversa:

— Veio a passeio? — perguntou, disfarçando a curiosidade com um tom de voz casual.

— A trabalho. Vim ver uma propriedade antiga que foi recentemente adquirida por um cliente.

— Qual é? Não há muitas delas nessas condições por aqui...

— Bem, não sei se a casa tem algum nome... Creio que seja mais conhecida como a mansão McGregor. — respondeu, distraída, abrindo as janelas do quarto, que davam para a rua em frente.

— Não brinca! — exclamou Janet, espantada.

Valery estranhou o tom de voz incrédulo e a outra explicou:

— Está fechada há séculos! Já funcionou de tudo lá! Quem comprou aquele caco?

— Allen Boyd, um milionário do Texas. Parece que a casa veio em algum negócio, não sei bem. Aliás, você pode me ajudar a conseguir alguém que me leve até lá?

— Claro, eu mesma a levo, será um prazer! A propósito, sou Janet Fiennes, a proprietária daqui.

— Oh! — exclamou Valery, surpresa pela sua solicitude.

— Desculpe-me a indiscrição, mas o que exatamente vai fazer na velha casa dos horrores?

A moça franziu a testa:

— Casa dos horrores? Como assim?

— Ah, são coisas que o povo fala sobre fantasmas e assombrações, sabe como é, a cidade é antiga e muito pequena. Quando não temos turistas, alguém tem de inventar alguma coisa para animar a noite... — Janet riu, mas Valery quis saber mais.

— Não há muito que dizer, na verdade. As crianças costumam ir até a casa para brincar e assustar-se mutuamente. Creio que venham daí as tais histórias de

fantasmas e o apelido do lugar. Mas, afinal, o que vai fazer lá?

— Estudar a propriedade. Os donos querem restaurar a casa e o que mais for possível, além de fazer uma boa reforma, modernizações, essas coisas... Eu vim para conhecer e saber se aceito ou não a incumbência.

— É decoradora? — encantou-se Janet, já pensando em pedir alguns conselhos.

— Arquiteta e especialista em história da arquitetura inglesa. — a voz dela não mostrava qualquer afetação ou orgulho, apenas simplicidade.

Com as sobrancelhas erguidas a mais velha comentou:

— Querida, vai se fartar por lá. História é o que não falta àquele lugar. E, se me permite, poeira também não... É melhor colocar alguma coisa menos elegante do que o que está usando.

Janet correu os olhos pelos jeans elegantes e casaco bem cortado de Valery, demorando-se principalmente nas botas caras e finas.

— Eu trouxe roupa de pedreiro, como costumava dizer meu pai, não se preocupe. — riu com simpatia.

— Bem, tenho algumas coisas para fazer, mas, digamos, em duas horas está bem para você?

— Ótimo! Mas não precisa se preocupar. Posso muito bem pegar um táxi ou algo assim...

— Táxi? Querida, aqui é Bridgnorth. O máximo que vai conseguir é uma carroça. Daqui a duas horas, então?

Valery assentiu, sorrindo, e Janet deixou-a a sós.

Valery correu os olhos pelo papel de parede de fundo claro, estampado com florzinhas miúdas em tons de

amarelo. Observou os móveis pesados e de estilo tosco que casavam perfeitamente com as cortinas brancas, presas por varões dourados e com as poucas peças de decoração, em cerâmica branca. "Muito agradável", foi a descrição que lhe veio à mente.

Olhou pela janela e viu a ruazinha estreita, calçada de pedras irregulares, sentindo, pela primeira vez em anos, uma felicidade que não sabia explicar. Trocou as roupas elegantes por um macacão jeans velho e desbotado, camiseta branca lisa e tênis, pegou a bolsa e saiu para um passeio.

Ao vê-la passar, Janet sorriu, despedindo-se. "Moça simpática", pensou ela, prendendo os cabelos escuros que teimavam em cair em sua testa.

"Espero que não tenha medo de assombrações ou não vai durar um dia naquele lugar", filosofou.

Um minuto depois já havia esquecido do assunto, pensando em qualquer outra coisa.

Valery vagueou pelas ruazinhas até alcançar um local, outrora parte de um grande castelo, que durante os séculos XII e XIII tornou-se uma cidadela, abrigando dentro de suas fronteiras grande parte da população local, chamado Northgate — Portão Norte. A sua esquerda, passou pelos "arcos de pedestres" e viu, na base da grande parede, seis anéis que, segundo soube mais tarde, eram usados pela população local durante a Segunda Guerra Mundial para pendurar avisos com os dizeres: "Alemães não entrem". A direita dos arcos, viu um prédio antigo, preto e branco, chamado de Salão de Chá Tudor, reparando nos postes com quatro águias esculpidas e em um gracioso beco ao lado. "Que sonho de lugar!", pensou, enquanto continuava sua tranqüila

caminhada.

Atravessou a rua, passou por outro arco de pedestres e avistou um lance de escadas que a levou diretamente ao Museu do Portão Norte. Quando alcançou o último degrau, olhou em volta e maravilhou-se com a vista, deixando aquela beleza toda lhe invadir a alma:

— É lindo, não, senhorita? — perguntou o senhor a seu lado e Valery lançou-lhe um olhar carinhoso:

— É indescritível! Por mais que se queira dizer a alguém como é isto aqui, não há palavras!

O homem riu:

— Também me sinto assim. A cidade inteira é surpreendente. É americana, suponho.

— Sou... Soube pelo sotaque, não?

Ele concordou com a cabeça e perguntou:

— Já conheceu tudo?

— Acabei de chegar, senhor...?

— Chamberlain, Albert Chamberlain. E você é...

— Valery Cooper. — apresentou-se.

Albert olhou-a intensamente. Aquela moça era, além de bonita, bondosa. Podia sentir as vibrações de simpatia e bondade que vinham dela. Sentiu também mais alguma coisa... seria mágoa? "Pobrezinha", pensou, "deve ter sofrido muito". Então se lembrou de que não conseguia sentir essas coisas e olhou-a, surpreso.

— Está tudo bem? — quis saber a jovem com expressão curiosa no rosto.

— Sim... Apenas pensamentos de um velho. — desconversou Albert, ainda surpreso com ele mesmo. — Está aqui a passeio?

Valery repetiu a ele o que havia contado a Janet e o

homem ergueu as sobrancelhas, cheio de espanto:

— Então venderam a casa? Não sabia disso! E você vai reformá-la?

Ela fez que sim com a cabeça, esquecida de que foi até ali para ver "se" aceitaria ou não aquele trabalho.

— Janet Fiennes, a dona do hotel onde estou, se ofereceu para me levar até lá. Aliás, preciso ir, nem vi o tempo passar, andando por aí... — disse, despedindo-se.

— Venha tomar um chá comigo hoje, no final da tarde. — convidou o velho senhor — Podemos conversar sobre a história da propriedade. Traga Janet também, ela é sempre muito divertida. — acrescentou.

Valery prometeu que o faria e correu de volta ao hotel, pensando que Albert Chamberlain era muito simpático.

Ele ficou olhando Valery se afastar e pensou, com seus botões: "Ora, quem diria? Venderam a casa dos horrores", e sorriu para si mesmo, pensando nas bobagens que o povo inventa.

Longe dali, Mary Jane conversava com Allen sobre Valery e as impressões que ela lhe causara. O marido nem chegou a vê-la:

— Então você gostou dela, minha bezerrinha? — perguntou ele, dando graças a Deus por ter conseguido, enfim, alguém para ajeitar aquela casa velha lá na Inglaterra.

— Ela é muito "inficiente". — garantiu ela, fazendo um gesto que deixou em evidência seus seios, que pareciam querer pular para fora do decote do vestido justo que usava.

— Você quer dizer eficiente, não é bezerrinha? — corrigiu ele com tato, para não magoar a esposa.

— Então, "inficiente", foi o que eu disse. — concordou ela.

— E quanto vai custar? — ele já imaginava que não seria pouco.

— Isso não sei, tourinho. Só quando ela voltar. Mas falei pra gastar bastante. Quero que seus amigos morram de inveja.

Allen sorriu, pensando que estava na hora de Mary Jane tomar umas aulas de dicção e começar a aprender a fazer contas. Mais tarde, chamou Jake Spelce e mandou que fiscalizasse os gastos e acompanhasse os progressos, quando a tal reforma começasse:

— Não posso deixar tudo nas mãos de Mary Jane ou nem todo o petróleo do Texas será suficiente para pagar a conta. — justificou, e Jake sorriu, concordando com o patrão. E ficar perto de Valery não seria nenhum sacrifício. Isso sem falar, é claro, que sempre havia a chance de a irmã da moça, Andréa, aparecer por lá. E ele, definitivamente, havia simpatizado um bocado com ela.

Os portões de ferro da casa do finado Iam McGregor estavam pendurados e praticamente inutilizados pela ferrugem que durante anos ficou à vontade para apodrecê-los. Boa parte dos muros em que estavam apoiados há vários séculos era feita de pedras. Haviam ruído em muitos trechos e aquilo que um dia foi um belo, florido e bem-cuidado jardim, era agora um amontoado de mato, ervas daninhas, sujeira, pneus velhos, restos de madeira, garrafas vazias e mais uma

infinidade de objetos que se misturavam ao entulho, piorando ainda mais a já terrível aparência do lugar.

— Chegamos! — anunciou desnecessariamente Janet, pulando do jipe com habilidade.

Valery correu os olhos pela casa e sentiu o coração parar de bater:

— É linda! Meu Deus, como é linda! — murmurou para si mesma, diante do ar espantado de Janet que por um momento pensou que ela era meio maluca.

— Acha isso aqui bonito? Está caindo aos pedaços!

— Sim, eu sei, mas é linda! As linhas e o estilo... Veja, há uma igrejinha!

— Houve uma igrejinha um dia, você quer dizer. Agora só tem isso aí. — comentou Janet, que não via naquele lugar nada que valesse a pena ser admirado.

— E um pequeno cemitério! Esta casa é um achado! — exclamou Valery, correndo para o lugar onde algumas cruzes de pedra espalhadas pelo chão denunciavam que ali, algum dia, pessoas queridas da família McGregor encontraram o último descanso.

— Se você diz... — observou Janet e Valery sorriu para ela, espantada:

— Vou amar restaurar isto aqui! Sabe se as pessoas ainda estão enterradas aqui?

— Não... Creio que foram todas levadas para outro lugar. A família saiu de Bridgnorth há muito tempo.

— Ainda há uma inscrição aqui. — informou Valery, limpando com a mão uma placa de mármore e bronze onde se lia:

William Patrick James McGregor, amado filho, estimado irmão e amigo. 1851 -1879. Descanse em Paz.

— Morreu novo. Alguma doença grave, com certeza.

— Foi assassinado. — disse Janet, com um suspiro na voz.

— Oh, entendo. Coitado! — comentou Valery, largando a lápide e voltando para a porta de entrada da casa.

— Você não pretende entrar aí, pretende? — a voz da mulher mostrava seu espanto.

— Preciso, pelo menos o quanto puder. Tenho de ver em que condições esta a construção. — respondeu, empurrando a pesada porta de carvalho, que por algum capricho do destino permanecia em pé e firmemente presa às grossas paredes por robustas dobradiças de bronze.

Com um pouco de força e algum sacrifício, elas conseguiram que a porta cedesse, abrindo-se um pouco, o suficiente para que uma pessoa passasse por ela. O cheiro de mofo, urina, poeira e coisa velha que chegou às suas narinas fez com que Janet espirrasse. Mas o que fez Valery recuar foi outra coisa: uma sensação de frio, como se uma rajada de vento ártico tivesse passado por ela, empurrando-a para trás. Sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha e os braços se arrepiarem.

— Que foi? — perguntou Janet, observando-a atentamente.

— Nada. Só uma impressão... uma sensação... não sei explicar.

— São os fantasmas. — sentenciou Janet e Valery deu uma gargalhada, divertida.

Por dentro, a casa estava tal e qual por fora, senão em piores condições. Parte do teto havia despencado; a

escada de mármore carecia de consertos urgentes e as paredes estavam tão emboloradas que precisariam ser raspadas, não sendo possível conservar nelas nada de seu revestimento original.

Enfrentando corajosamente as cortinas de teias de aranha e poeira que desciam do teto, Valery avançou pelos salões, percorrendo toda a extensão do andar de baixo, surpreendendo-se cada vez mais com a imponência e bom gosto que havia naquela casa.

— É um crime terem abandonado um lugar destes. A casa é fantástica!

Janet não comentou. Aquele lugar fedia, irritava seu nariz e lhe causava má impressão. E tudo ficou muito pior quando uma ratazana, sentindo-se incomodada por receber visitas em um lugar que pensava ser apenas seu, passou correndo, fazendo Janet gritar de susto e Valery acompanhá-la, para logo depois, cair na risada.

— Viu o tamanho daquele monstro? — perguntou a mulher, apavorada, e Valery a repreendeu:

— Você me mata de susto gritando assim! Era só um rato!

Para Janet, era um elefante e nem Jesus Cristo em pessoa a faria ficar um segundo sequer a mais naquele lugar. Mas Valery, após inspecionar o andar de baixo, começou a subir pela escadaria de mármore que um dia foi branco e conduziu gerações dos McGregors ao andar de cima da casa. Não conseguiu, porém, avançar muito pelo corredor. Uma parte do teto desabara e impedia a passagem.

— Há mais um andar, mas não temos como chegar até ele. — lamentou, observando o que podia, iluminando a passagem com uma potente lanterna. —

Vou ter de me guiar pela planta da casa.

Janet, que já se preparava para descer, parou de repente, parecendo lembrar-se de algo:

— Nem sei por que vou falar isso, já que por mim nem teria entrado aqui, mas há outra passagem para o andar de cima, escondida em uma das salas lá de baixo. Venha que eu mostro.

— Você conhece a casa? — surpreendeu-se Valery.

— Não, mas minha família conheceu e eu ouvi muitas histórias sobre este lugar. Venha, vamos descer.

A tal escada para o andar superior ficava escondida atrás de um painel móvel de carvalho e abriu-se quando Janet moveu um dos leões de bronze que enfeitavam o que um dia foi uma biblioteca. Incrivelmente, tudo funcionou como devia e elas subiram por uma estreita escada de madeira que, apesar de ranger sob seus pés, era sólida o suficiente para suportar o peso delas.

A passagem terminava em um corredor comprido e este em uma parede revestida de madeira. Valery, iluminando tudo com sua potente lanterna, encontrou outro mecanismo, semelhante ao que havia embaixo, e abriu a porta escondida. Saíram em um aposento espaçoso e coberto de poeira e, de lá, para um corredor longo e alto, onde havia pelo menos umas 20 portas, mas elas não conseguiram abrir todas. As que abriram revelavam apenas espaços sujos e vazios ou então ninhos cheios de ratos e baratas. Quando, ao entrarem em um dos quartos, alguns morcegos saíram voando por sobre suas cabeças, Janet apavorou-se e elas voltaram pelo caminho por onde haviam entrado.

Mais tarde, já do lado de fora da casa, Valery avaliou

as possibilidades e concluiu que seria um trabalhão danado salva-la e consumiria rios de dinheiro. Mas o trabalho era viável e — por Deus! — valeria a pena fazê-lo!

— A estrutura é excelente e não creio que haja maiores problemas, embora tenha de encomendar um estudo minucioso de tudo. — informou à Janet, enquanto caminhavam pelas imediações.

— Se você diz... — arrematou Janet, feliz por estar do lado de fora.

Andaram durante uma hora aproximadamente, apreciando a paisagem tranqüila e vigorosa do lugar, cheia de árvores, flores, bosques e trechos charmosos que dariam excelentes recantos para leitura ou descanso.

— Vamos até o rio. — convidou Janet, pegando Valery pelo braço — Vai gostar, é um belo trecho.

A arquiteta, perdida em pensamentos de reforma e aproveitamento de espaço, deixou-se conduzir, cada vez mais encantada com aquele lugar. Pararam em um ponto do terreno que ficava mais ou menos uns três metros acima do nível da água, e ela soltou uma exclamação de espanto ao ver a beleza do rio, as árvores inclinando seus galhos em direção à correnteza, a relva macia e o suave aroma de madeira e resina pelo ar. Estavam naquele que um dia foi o recanto predileto de William Patrick James.

— Pensei que não conhecesse o lugar. — Valery olhava diretamente para Janet.

— Vim aqui quando criança, algumas vezes. Aquela casa sempre atraiu minha curiosidade. — comentou, distraída.

Valery sentou-se sob a sombra de uma árvore e ficou olhando o rio, deixando o pensamento solto, o olhar desfocado, apenas sentindo a tranqüilidade do lugar. Por um segundo, o tempo pareceu parar e ela teve a impressão de ver um rapaz alto e forte, vestindo roupas antigas, sentado embaixo da árvore à direita, um cão setter a seu lado, a cabeça repousando suavemente no colo do rapaz que lia, absorto, um livro grosso e pesado. Virou-se, rápido, para ver melhor, mas não havia nada ali; apenas a relva verdejante e a sombra da árvore que filtrava o sol forte da primavera, através de seus galhos cheios de flores avermelhadas e folhas muito verdes.

Não disse nada a Janet até porque não havia nada a dizer. Foi apenas uma impressão, provavelmente provocada pela excitação de andar por aquela casa tão antiga e cheia de histórias, somada à surpresa da lápide que encontrara caída, naquilo que um dia foi um cemitério.

Janet chamou-a para ir e, em silêncio, refizeram o caminho, com Valery ainda pensando em como aquele lugar era lindo e mal acreditando que teria a sorte de restaurá-lo. Quando pegaram a estrada e deixaram para trás a velha casa, alguém as observava por uma das janelas empoeiradas, com olhos tristes e cansados, desejando que nunca mais retornassem ali. Para William Patrick, cada vez que um intruso entrava em sua casa, era uma tortura sem fim e ele sofria aflições inimagináveis.

— Tomara que não voltem nunca mais. — disse, raivoso, afagando a cabeça de Brian, que lambeu sua mão, carinhoso.

Ostentando ainda o rosto dilacerado pelo tiro que o tirara do mundo dos vivos há tantos anos, seu olhar brilhou de ódio ao pensar naquela mulher que falou em reformar e restaurar.

— Que ela não se atreva a pisar aqui novamente ou verá do que sou capaz! — ameaçou, assustador, com uma voz tão terrível que Brian ganiu baixinho.

Naquele momento, Jimmy era um poço de ódio e quem quer que se colocasse em seu caminho estaria perdido.

O chá na casa de Albert Chamberlain foi um acontecimento alegre e muito agradável. Valery, que havia se encantado com o velho homem naquela manhã, achou-o ainda mais apaixonante, quando ele, para agradá-la, começou a contar as velhas histórias de Bridgnorth, com suas lendas milenares, cheias de aventuras e mistérios.

A mesa, colocada com cuidado, mostrava o bom gosto de Albert, com porcelanas finas, pesadas colheres de prata de lei, uma toalha de linho impecavelmente lavada e engomada e guardanapos delicadamente bordados a mão. Além do chá, serviu bolos e pães delicados, biscoitinhos, geléia, mel, manteiga, creme e uma apetitosa torta de chocolate que fez Valery repetir o pedaço.

— Quanto trabalho estou lhe dando! — disse, imaginando de onde surgiram todas aquelas coisas.

Mas Albert tranqüilizou-a:

— Há uma ótima casa de chá na cidade que faz tudo isto. — disse, sorrindo, e ela relaxou.

— Estou impressionada pela quantidade de histórias

que conhece. — elogiou Valery.

— Nenhuma tão interessante quanto a da família de Janet, com certeza. — disse ele, jogando verde, pois não sabia se ela havia ou não tocado no assunto com a jovem americana.

— Que história? — Valery olhou surpresa para Janet que por sua vez lançou um olhar atravessado a Albert.

— Nada demais. Não contei antes porque não queria influenciar você.

— Então conte agora. — pediu ela.

Ela olhou mais uma vez para Albert como quem diz: "Velho linguarudo!", mas ele pareceu não perceber e ajeitou-se melhor em sua cadeira, disposto a ouvir aquela história pela centésima vez.

Antes de começar a falar, ela serviu-se de mais um pouco de chá e mastigou lentamente um biscoitinho de amêndoas. Então, vendo que não tinha mesmo jeito, contou a Valery sobre sua antepassada Truddy Fiennes e seu malfadado caso com Andrew Sullivan, que acabou por condená-lo ao escárnio geral e levou o pobre Jimmy para o túmulo mais cedo.

— Aquela lápide que encontramos... — Valery estava surpresa.

— Sim, era dele. Não disse nada para você não começar a imaginar coisas. Além disso, a história não acaba aí.

Valery escutou, atenta:

— Depois que o coitado do McGregor foi morto e todos acusaram Sullivan pelo crime, a população da cidade queria justiça. Mas não havia provas para condená-lo e, mesmo a família do morto sendo influente e rica, não foi preso. O pessoal da cidade

então decidiu fazer justiça com as próprias mãos e começou a perseguir Sir Andrews e a ameaçá-lo. Ele se recusou a pagar um tostão que fosse à minha parenta, abandonando a criança à mingua. Foi aí que ela, pensando no sacrifício que o advogado fez para lutar por ela, foi procurar pelo juiz Abbot McCorming, que julgou sua causa, encontrando-o em uma cidade vizinha. Quando soube de tudo que se passava, ele praticamente obrigou Sullivan a reconhecer o menino, fazendo com que assinasse os documentos em frente a ele. Assim, sem outra alternativa, o velho Andrew se viu com um filho bastardo reconhecido, a cidade a escarnecer dele por ter sido obrigado a pagar por uma aventura e ainda o acusava de assassino. A esposa o deixou, mudando-se para Londres com os três filhos e ele, amargurado e raivoso, acabou por se enforcar em uma das árvores da sua propriedade. Seu corpo foi encontrado balançando, o rosto roxo, a língua para fora, um horror.

Valery, que ouvia casa vez mais interessada, lembrou-se do rapaz que imaginou ter visto à beira do rio naquela tarde, pensando em quanta desgraça havia acontecido, apenas porque o jovem resolveu fazer justiça a uma pobre garota ignorante.

— Que tragédia! — comentou, olhando para Albert e Janet.

— E, foi mesmo. Mas não terminou aí. — observou ele, servindo-se de um pouco de marmelada.

— Como se tudo não bastasse, — recomeçou Janet — com a morte de Andrew, o filho dele com Truddy passou a ter direito à herança, o que muito enraiveceu a senhora Sullivan, já tão desmoralizada por tudo que

havia acontecido. Forçada a tirar uma parte do patrimônio que seria apenas de seus três filhos e dá-la ao "bastardinho Fiennes", como o garoto ficou conhecido na cidade, ela jurou que perseguiria minha família e aos McGregors enquanto fosse viva, e continuaria a fazê-lo depois de morta, sem permitir que a alma de qualquer um deles tivesse um momento de paz eterna.

Valery arregalou os olhos e perguntou:

— O que aconteceu com ela?

— Morreu louca, consumida por visões fantasmagóricas, ainda jurando se vingar de todos. — contou Albert. — É ou não é uma história e tanto? — perguntou, divertido.

— E como! — exclamou Valery, olhando para os dois com carinho. Conheciam-se há menos de 24 horas e ela já gostava deles como se fossem da sua família.

— E então? — perguntou Janet, quando voltavam a pé para o hotel, caminhando lentamente sob os últimos raios de sol — O que decidiu sobre a casa? Vai aceitar o serviço e restaurar aquele museu cheio de ratos?

— Está brincando? Depois de tudo que vi e ouvi hoje, só se tivesse perdido o juízo para não aceitar! — respondeu, com ênfase.

— Pois eu digo que você perdeu mesmo o juízo. — comentou Janet em tom de brincadeira. Mas seus olhos não sorriam.

Capítulo IV

Aproximadamente 30 dias após a conversa com Janet e Albert, Valery mudou-se para Bridgnorth, com a promessa da irmã de juntar-se a ela em algumas

semanas e a de Jake ir à Inglaterra assim que lhe fosse possível.

Allen Boyd, após arregalar os olhos com o orçamento parcial que a arquiteta apresentou, acabou não resistindo aos beicinhos de sua bezerrinha e concordou com tudo e deu-lhe carta branca. Mas havia uma condição: Jake Spelce iria a Bridgnorth a cada mês, mais ou menos, acompanhar os progressos e verificar as despesas.

Tudo acertado, a arquiteta empacotou o que precisava levar, cancelou a remessa de jornais e revistas e, com uma última olhada para os móveis e quadros que o marido havia comprado, fechou a porta de sua casa, rumo ao aeroporto. A sensação que teve ao deixar tudo para trás, sabendo que ia ficar fora pelo menos um ano, não foi de medo, nem de alívio. Na verdade, sentiu que embarcava rumo a uma completa mudança de vida e que ao voltar não seria mais a mesma. Se estava certa ou não, somente o tempo diria.

A mansão McGregor não oferecia a mínima condição para que Valery fixasse residência, como tinha sido sua primeira intenção. Assim, instalou-se no pequeno e charmoso hotel de Janet, até arrumar algum lugar mais próximo à casa ou mesmo dentro dela.

Durante as primeiras semanas na Inglaterra, ela ficou ocupadíssima, buscando empreiteiros e empresas para fazerem a sondagem do terreno e das fundações, técnicos para estudarem as condições das estruturas internas e tudo mais, além de contratar um helicóptero para poder ter uma visão completa dos telhados, coisa impossível de se fazer de qualquer outra maneira. Fotografou a casa de todos os ângulos aéreos possíveis

e imagináveis, buscando por avarias e conseqüentes maneiras de consertá-las. Seu plano era interferir o mínimo possível nas linhas clássicas da construção e em momento algum desfigurar sua aparência originalmente imponente.

Quando as primeiras equipes técnicas desembarcaram em Bridgnorth, o hotel de Janet ficou tão lotado que seria impossível a qualquer pessoa hospedar-se lá pelos próximos meses. A proprietária, feliz da vida, era toda sorrisos e tratava os hóspedes com tanta simpatia que em poucas semanas já havia entre todos uma alegre camaradagem, tornando o trabalho mais agradável.

O clima, cada dia mais quente, ressaltava as belezas da cidade. O sol refletia-se nas águas do rio Severn, as folhas verdes das árvores forneciam sombras refrescantes e bem-vindas a todos que passavam sob elas.

Munida de uma infinidade de imagens, Valery montou na sala do hotel um enorme painel com as fotos da casa, estudando cada parte separadamente, fazendo esquemas e projetos que ocupavam praticamente todo o seu tempo. Como o painel estava muito visível, todos já haviam olhado para ele ao menos uma centena de vezes e ninguém mais reparava nos detalhes. Foi justamente quando Valery começou a analisar a estrutura do telhado, e o rombo gigantesco que nele havia, que percebeu algo estranho nas imagens. Cada seqüência de fotos consistia de 12 chapas disparadas automaticamente pelo equipamento, enquanto o helicóptero voava em círculos. Uma dessas seqüências mostrava algo que Valery não soube dizer o

que era. Como se um vulto branco se deslocasse de uma imagem para outra, uma espécie de mancha aparecia em 12 fotos seguidas, ocupando em cada uma um lugar diferente. Intrigada, ela consultou o pessoal técnico e até um especialista em fotografias, mas ninguém chegou a uma conclusão inquestionável sobre aquilo. Estranhamente foi Janet quem matou a charada:

— Você fotografou um fantasma! Caramba! Aquela casa é mesmo assombrada! — concluiu, com um toque ligeiramente agudo na voz.

— Fantasmas não saem em fotografias, Janet! E também não existem! Você mesma disse que eram histórias para dar emoção às conversas.

— Ah, é? Então me explique, dona arquiteta, que diabos é isso aí! — e sua voz continuava com a nota aguda.

Valery não sabia explicar e Janet chamou Albert Chamberlain para ver as fotos:

— Se tem alguém que entende de fantasmas é ele, pode crer. Pesquisa o assunto desde que estava na barriga da mãe, acho eu. — disse ela, com firmeza.

Valery riu, mas concordou em mostrar as fotos a Albert, certa de que aquilo era uma falha de equipamento ou algum problema no filme e que ele riria delas, divertido.

Albert as recebeu em casa para o chá e novamente Valery notou que a mesa primorosamente arrumada estava também muito bem servida. E, por ser um cavalheiro de boa memória, acrescentou aos quitutes a famosa torta de chocolate que a encantara.

Esperando por uma gargalhada ou alguma piada quando visse as imagens, Valery arregalou os olhos

quando Albert, muito vermelho e perdendo a compostura britânica, exclamou:

— Admirável! Você conseguiu o feito do ano, minha cara!

Sem entender o que ele dizia e sob o olhar triunfante de Janet, perguntou:

— Como assim?

— Estas fotos mostram uma manifestação paranormal, entende?

— Um fantasma? — Valery arregalou mais os olhos.

— Fantasmas não existem sob o entendimento da parapsicologia. O que existe são manifestações do inconsciente. Quando um fenômeno ocorre, segundo a óptica parapsicológica, alguém vivo o está causando e não um pobre diabo que já foi desta para a melhor.

Valery piscou. Ele estava dizendo que ela havia causado a mancha branca nas fotos?

Janet olhou desconfiada para Albert, capaz de jurar que o velho estava ficando caduco de vez, mas não disse nada, apenas ouviu:

— Como sabe que não é defeito no filme? — Valery continuava pasma.

— Não sei, é claro. Só vou saber quando você o entregar a mim. Sem os negativos pouco posso afirmar com certeza, mas, de tudo que já vi até hoje, arrisco meu pescoço no palpite de que você conseguiu fotos valiosas.

— Ainda é um fantasma pra mim. — aborreceu-se Janet, contrariada, e Valery suspirou, pensando no rapaz que pensou ver sob a árvore, na tarde em que foi à casa pela primeira vez.

Combinaram que ela levaria os negativos e

terminaram o chá, falando sobre outros assuntos. Quando saíram de lá, Valery estava calada e Janet sem a mínima vontade de conversar. Seu único comentário foi:

— É um fantasma, sim senhora! Só queria saber de quem...

Alicia Sullivan, como toda a população da pequena Bridgnorth, também pensava na reforma da antiga casa:

— Pra que vão trazer aquele mausoléu à vida, é o que eu queria saber. — queixou-se à empregada. — Aquela casa só trouxe desgraça pra todo mundo.

— Um americano que comprou. — arriscou a moça, procurando acalmar a patroa.

— Americanos! E o que sabem eles? E ainda tem a tal arquiteta que encheu o lugar de gente! Absurdo!

A empregada não respondeu e Alicia continuou a destilar seu ódio contra os McGregors, vivos e mortos, onde quer que estivessem.

— Destruíram a honra de minha família, isso sim é que fizeram! E agora, em vez de deixarem a memória deles apodrecer, abandonada ao tempo, não! Vão fazer tudo ressurgir!

— Mas isso já foi há tanto tempo! Ninguém nem lembra mais. — comentou inadvertidamente a mocinha, fazendo a fúria da patroa explodir.

— Eu lembro! Eu sei a vergonha que manchou esta família, eu sei quantas lágrimas minha pobre bisavó chorou! E, se isso não importa mais para ninguém, importa para mim. Cada vez que vou à cidade e vejo aquela ridícula Janet Fiennes eu me lembro de tudo!

A empregada, apavorada, olhava para Alicia que tremia, tinha os olhos muito abertos e, quando se levantou, derrubou a bandeja do chá no chão, espatifou a porcelana centenária, ensopando o tapete com a bebida quente. A moça pensou que fosse morrer de medo.

— Pois eu só quero ver se vão conseguir chegar ao fim dessa obra, ah, se quero!

A menina não entendeu o que a patroa queria dizer com aquilo, mas, apavorada que estava, nada perguntou. Apenas abaixou-se para recolher os cacos do chão, enquanto Alicia, agitada, andava de um lado para outro:

— Eu me lembro! Todos os dias, eu me lembro!

No final de junho, uma semana antes de Andréa finalmente chegar a Bridgnorth, a maior parte dos estudos da casa estava concluída. Valery pôde então, finalmente, ter uma idéia mais precisa da gigantesca tarefa que teria pela frente. A pequena casa de madeira que tinha encomendado para se instalar na propriedade já estava sendo montada e ela preparava-se para mudar novamente.

— Vai mesmo ficar lá sozinha? Você é doida! — Janet estava inconformada.

— E o que pode me acontecer? Além disso, não vou estar só. Tem o pessoal da obra que também está acampado lá.

— E você ouviu o que dizem? Que à noite se ouve ruídos na casa e dois dos homens juram que viram um cachorro uivando para a lua, semana passada.

— E você acredita nisso? Tenha paciência! São só

histórias, nada mais. Além disso, segundo Albert, o perigo são os vivos e não os mortos. — brincou Valery, aproximando-se dela.

— Você vai ficar bem mesmo? Prometa que me telefona se tiver qualquer problema. — pediu Janet, preocupada.

— Prometo. E vou ficar ótima, pode ter certeza.

Sem poder fazer nada, Janet apenas suspirou, aborrecida. Valery não era dali, não sabia das coisas de Bridgnorth nem as levava a sério como devia.

— Ainda penso que está cometendo um engano e que devia ficar aqui. Mas, se é o que quer, então... — Janet soltou os braços ao longo do corpo, em um gesto de desistência.

— Sossegue, vai dar tudo certo. E qualquer sinal de fantasma, eu volto correndo. — riu, abraçando a amiga.

Dois dias depois, mudou-se para a graciosa e confortável casa pré-fabricada, que seria seu lar até o final das obras. Continuaria fazendo as refeições no hotel e prometeu a Janet que, a qualquer sinal de perigo, voltaria correndo.

— Tudo vai dar certo, mulher, sossegue! — garantiu.

Mas não foi bem assim.

Logo no primeiro dia na casa nova, seu celular sumiu. Valery o encontrou a dezenas de metros de distância, jogado no mato.

Depois foi a vez dos óculos e da bolsa e então peças de roupas e objetos pequenos que ela não encontrava ou que mudavam misteriosamente de lugar. Atribuindo tudo à sua distração, já começava a se divertir com a situação, brincando quando guardava alguma coisa:

— Onde será que você vai parar agora, hein? —

perguntava ao objeto.

Todas as noites, antes de dormir, religiosamente, Valery enviava um e-mail à irmã, contando as novidades do dia, as pessoas que havia conhecido e tudo mais. Falava sobre a cidade e o quanto era encantadora, com seus edifícios antigos e flores em profusão.

Aquela noite, quatro dias depois de ter-se mudado, não foi exceção. Valery estava lendo a mensagem de Andréa, dizendo que se atrasaria uns dias, devido a um trabalho temporário que estava fazendo na universidade para "ganhar dinheiro para gastar aí", segundo as suas palavras, quando um barulho do lado de fora da casa chamou sua atenção. Munida da sua potente lanterna, foi investigar.

— Olá! — gritou para a escuridão — Tem alguém aí? Peter, é você? — perguntou, pensando no vigia da noite, mas ninguém respondeu.

Caminhou em volta da casa de madeira, mas, além dos grilos e sapos, não havia nenhum som ali. O céu escuro e estrelado cintilava sobre sua cabeça, a brisa trazia o aroma das árvores floridas e tudo era paz e tranqüilidade. Convencida de que havia imaginado ou se confundido, voltou para casa. Estava fechando a porta quando viu alguma coisa brilhando no bosque à frente, por entre as árvores.

— Mas... o que é isso, agora? — pensou em voz alta e novamente saiu de casa.

Mal caminhou alguns passos e a lanterna apagou-se, deixando a escuridão envolvê-la. Com passos firmes, contrariando a voz dentro de sua cabeça que a mandava voltar para a casa, avançou com cuidado,

guiando-se pela fraca luminosidade da lua minguante. A sua frente estavam as árvores do bosque que cercava os fundos da propriedade, lançando sombras fantasmagóricas em sua direção e nada mais.

Albert estava estudando os negativos das fotos que tanto chamaram sua atenção, certo de que tinha em mãos uma autêntica manifestação parapsicológica registrada em filme. Quanto mais os observava, mais tinha certeza de que precisava mandá-los para Chicago e pedir que Nicodemus Goldmann as examinasse com todo aquele equipamento caro que a Universidade lhe fornecera. Tinha olhado a última foto e se preparava para retornar à primeira, quando o telefone tocou. Primeiro ficou aborrecido e depois preocupado. Já era tarde, quem estaria ligando àquela hora? Atendeu e quase caiu duro quando ouviu a voz do amigo do outro lado da linha.

— Nico! — exclamou entre surpreso e feliz — Mas você não morre mais! Estava justamente pensando em você!

Do outro lado da linha, o homem pareceu atrapalhar-se um pouco:

— Oh, como vai Albert? E a artrite, melhorou?

— Nunca tive artrite. — respondeu, estranhando o comentário. — O que houve?

— Escute, Albert. Está sentado?

O professor Chamberlain disse que não.

— Então sente-se, homem, para não cair duro com o que vou dizer.

Albert obedeceu e Nicodemus Goldmann continuou:

— Tenho um amigo. Peter McKenzie é o nome dele...

— Sim, eu sei, você comentou em sua última carta.

— Não me interrompa! — censurou o doutor Goldmann.

Albert calou-se e ele continuou:

— Meu amigo tem visões e acabou de me acordar agora, pedindo que ligasse urgentemente para você. Conhece alguém chamado Valery Cooper?

— Sim... — respondeu com voz insegura.

— Pois então, ouça bem. Essa moça está correndo grave perigo. Vá vê-la agora mesmo ou será tarde demais. Não posso falar mais que isso, pois Peter não me disse o que era. Mas, se ele mandou ligar é porque a coisa é urgente. Vá logo, homem! — e desligou o telefone, sem ao menos se despedir.

Atônito, Albert ficou alguns segundos sentado com o aparelho na mão, olhando para o ar, tentando entender o que estava acontecendo. Então, pegou as chaves da velha caminhonete, rezando para que pegasse logo, e saiu apressado, pensando em Valery Cooper.

Valery sacudiu a lanterna com força, mas a luz não voltou. Em dúvida se devia avançar ou retroceder, receando não os fantasmas, mas as cobras que eventualmente podiam estar por ali, decidiu voltar para a casa de madeira, quando um galho seco quebrou-se logo à frente e ela pareceu ouvir passos humanos:

— Olá! — gritou novamente, silenciando os grilos por alguns segundos, mas não houve resposta.

— OK, estou começando a me assustar. Tem alguém aqui? — perguntou em voz bem alta.

Só o silêncio respondeu.

Virou-se então para os fundos da mansão às suas

costas, cuja silhueta à luz da lua era assustadora, fazendo-a parecer ainda maior, e teve a impressão de ver alguém correndo junto à parede de pedra. "Estão querendo me pregar uma peça", pensou, imaginando que era coisa dos rapazes que dormiam ali perto. "Eles vão ver só!". Decidida, seguiu em direção à casa e viu quando a pessoa deu a volta, alcançando a parte frontal da construção. "Ok, você quer brincar, então vamos brincar", pensou, começando a ficar irritada com aquilo. Correu, seguindo para onde o vulto tinha ido, mas, quando chegou ao outro lado, não havia ninguém. Apenas a casa em ruínas que ficava ainda mais atemorizante ao luar. Caminhou lentamente até a pesada porta de carvalho e viu que estava entreaberta. "Não acredito que entraram aqui só para me assustar!", indignou-se. "Este lugar é um perigo só!".

— Olá! — gritou mais uma vez pela porta entreaberta e, como não obteve resposta e a essa altura já estava suficientemente irritada com aquela brincadeira, entrou na casa com passos firmes, ensaiando a bronca que daria nos rapazes, assim que os encontrasse. Pelas janelas empoeiradas quase nenhuma luz entrava e naquela escuridão era impossível prosseguir. Sacudiu a lanterna mais uma vez e quase morreu de susto quando a luz incidiu sobre seus olhos, cegando-a temporariamente

— Droga! — sua voz saiu mais alta do que pretendia.

Iluminou o lugar onde estava, o salão do lado direito e depois o do outro lado, mas não havia ninguém ali. Começava a avançar em direção ao que um dia foi a sala de jantar dos McGregors, quando uma porta bateu no andar de cima.

"São loucos de subir lá", pensou, virando-se para sair, mas parou, sentindo o sangue gelar nas veias. Alguém, com uma voz espectral, chamava seu nome e o som parecia vir de longe, muito longe. Com o coração disparado e a respiração ofegante, percebeu a voz se aproximar, chamando de forma tenebrosa por ela:

— Valery, Valery, venha para mim...

Paralisada e esquecendo que há poucos minutos acreditava que tudo não passava de uma brincadeira, procurou se acalmar e sair dali o mais rápido que conseguisse. Seu corpo, porém, não se movia.

— Venha, Valery, estou esperando por você... — a voz estava mais perto e ela teve a impressão de que era de uma mulher, se é que dava para ter qualquer impressão naquele momento. A lanterna, pendendo de sua mão, iluminava o chão a seus pés.

— Sinta sua alma morrer, Valery... Venha para mim — a voz aproximou-se e ela se viu envolvida por uma onda gelada e um cheiro fétido de corpos em decomposição, sentindo-se completamente incapaz de mover um músculo sequer, como se uma força de outro mundo a estivesse segurando. Sentiu alguém tocar seu cabelo e a nuca arrepiou-se. O frio e o mau cheiro estavam agora em toda a volta e a voz falou em seu ouvido:

— Valery...

Sentiu algo pegajoso deslizar em volta do seu pescoço, provocando-lhe ondas de náusea e pavor, enquanto seu cabelo, parecendo soprado por um vento forte, balançava, voando sobre o rosto, dificultando-lhe ainda mais ver alguma coisa.

— Seu medo me alimenta, seu terror me dá forças...

— disse a voz em seu ouvido, enquanto aquela coisa viscosa continuava escorrendo por seu pescoço. Ela sentiu as pernas bambearem. Ia desmaiar naquele momento.

Uma risada horrorosa ecoou pela casa e Valery, perdendo as forças, sentiu-se escorregar para o chão. A coisa gosmenta, espalhando-se por seu corpo, entrou em suas roupas, passou entre os seios, desceu pela barriga, alcançou a virilha e continuou pelas coxas e pernas. A cada milímetro que aquilo avançava, mais ela perdia a consciência. Então, por uma razão que jamais pôde explicar, lembrou-se de seu quarto quando criança e do anjinho dourado que a mãe pendurara sobre sua cama, dizendo que era seu protetor e que a guardaria para sempre. Agarrou-se à imagem dourada e pediu com as forças que lhe restavam:

— Me ajude!

Sentiu a gosma gelada alcançar-lhe os joelhos e então, para sua surpresa, alguém berrou:

— Largue-a, agora!

Assustada, ergueu os olhos e viu, parado em frente a ela, um homem alto e forte, usando roupas antigas, sujas de terra, cujo rosto estava dilacerado em um dos lados, tornando sua aparência aterrorizante. A camisa, manchada de sangue, parecia uma placa endurecida. Ao lado dele, um enorme cão castanho olhava para alguma coisa com olhar feroz, as mandíbulas abertas, os pontiagudos dentes afiados à mostra, pronto para estraçalhar quem surgisse a sua frente.

A coisa que a dominava largou-a e Valery sentiu como se uma imensa ventosa descolasse de seu corpo instantaneamente. Sentiu as lágrimas caírem e os

movimentos voltarem. O homem então se curvou sobre ela, o rosto arrebentado pendendo sobre o seu, um dos olhos perfurado, o cabelo emplastado de sangue seco.

Aterrorizada, ela gritou o mais alto que conseguiu e, totalmente sem forças, desmaiou. A última imagem que viu foram os dentes afiados do cão descendo sobre ela.

Foi encontrada depois de meia hora por Albert Chamberlain que entrou desesperado, seguido de quatro rapazes, procurando por ela.

Parado à porta do antigo escritório de seu pai, Jimmy olhava Valery desmaiada, cuidando para que nada mais a atacasse. Brian, atento a seu lado, não desgrudava os olhos da parede por onde aquela coisa tinha sumido. Quando viu um senhor de cabelos brancos, que não sabia quem era, entrar acompanhado de alguns rapazes que reconheceu como do grupo que estava invadindo sua casa, imaginou que talvez fosse o pai ou o avô da mulher. Afagou a cabeça do cão, afastando-se:

— Vamos, Brian, ela vai ficar bem, agora. Está entre amigos.

O cachorro acompanhou-o, ainda olhando com expressão assustadora para a parede, e eles sumiram na escuridão.

Nicodemus Goldmann preparava-se para voltar a dormir quando o telefone tocou outra vez. Desanimado, olhou para o aparelho, imaginando quem, em nome de Deus, estaria ligando àquela hora.

— Falou com seu amigo na Inglaterra? — perguntou Peter McKenzie, assim que o outro atendeu.

— Falei, Peter. Agora volte a dormir, Albert já foi socorrer a mulher.

— Ele é de confiança, não é, esse Albert?

— Total. — afirmou Goldmann, estranhando a pergunta. — Por que isso agora?

— Por que, meu caro Nico, ele terá muito trabalho pela frente. — respondeu o velho, misterioso.

Nicodemus riu:

— E pensar que há menos de um ano você acreditava que falar com os mortos e tudo mais era pura besteira... — falou, provocando o amigo.

— Não me amole, Nico, vá dormir. — respondeu Peter, zangado, desligando o telefone.

Mas, se Nicodemus Goldmann voltou para a cama e dormiu, o professor McKenzie ficou acordado o resto da noite, pensando nas cenas terríveis que vira, rezando para que a tal garota tivesse forças suficientes para enfrentar o que a esperava, e que o tal Albert Chamberlain pudesse realmente ajudá-la.

— Oh, meu Deus! — gemeu ele, aborrecido — Quando isso terá fim? — perguntou, referindo-se a seus dons recentemente descobertos.

— Quando tiver feito o que deve. — foi a resposta que sua consciência lhe enviou. Ele suspirou, exasperado, voltando às suas preocupações.

Capítulo V

O dia surgiu magnífico, ostentando um céu tão azul e um sol tão forte e luminoso que era de se duvidar que

qualquer lembrança, por pior que fosse, resistisse a tanta luz e beleza. A brisa quente balançava as árvores frondosas que cobriam as ruazinhas de Bridgnorth com flores coloridas e minúsculas folhinhas quê delas se soltavam. Os pássaros voavam em busca das margens do rio onde se refrescariam. Lentamente a cidade acordava. Aromas deliciosos de pães e bolos se misturavam aos do chá e café frescos, do mel delicioso, dos doces cremosos que esperavam apenas por alguém que os devorasse.

As pedras seculares das ruas brilhavam vivamente, as janelas começavam a se abrir para mais um espetacular dia de verão e as pessoas, preguiçosas, ainda bocejavam em suas camas, quando o pessoal que passou a noite na mansão McGregor chegou ao hotel de Janet para o café da manhã e um merecido descanso. Junto com eles, chegaram as notícias sobre Valery e os estranhos acontecimentos daquela noite.

— Quando eu falei que tinha ouvido uns barulhos esquisitos naquele lugar, todo mundo riu de mim, não é? Agora expliquem isso aí que aconteceu! — desafiou um dos rapazes que acabava de chegar para o café, os cabelos ainda molhados do banho.

— E, quando eu e John falamos que ouvimos um cachorro uivando, disseram que estávamos com medo de assombração. — completou outro.

— Ainda não entendi muito bem; o que aconteceu, afinal de contas? O que vocês viram? — perguntou Janet, tentando entender aquela história.

— Bom, ver, ver, não vimos nada, só a senhorita Cooper desmaiada no chão da casa.

Janet empalideceu.

— Foi ela quem viu, mas, como estava muito assustada ainda, não explicou direito... Tinha algo a ver com um morto e um cachorro...

— Viu só? Eu bem que falei! — disse o mesmo rapaz que reclamou antes.

— ...e também com alguém que chamava pelo nome dela e falou que ia matá-la. — completou o primeiro, ignorando o comentário.

Janet se benzeu.

— A sorte foi o velhinho ter chegado lá e chamado a gente. O nome dele é Alfred alguma coisa... Alfred Chesterfield, isso, Alfred Chesterfield.

— Não será Albert Chamberlain? — a voz da mulher estava desconfiada.

— Isso, isso mesmo!!! Como a senhora sabe?

Mas Janet não respondeu. Saiu correndo, em disparada, até a casa do amigo, preocupada e desconfiada. Queria saber aquilo direito, entender o que estava acontecendo e como Albert foi parar na mansão McGregor no meio da noite. Socou a porta da casa dele, apressada, mas ninguém respondeu. Irritada, voltou ao hotel, pegou o carro e saiu em direção à casa dos horrores, sem saber o que ia encontrar.

Por mais que odiasse o fato de ter aquela gente toda zanzando por sua casa e saber que ela era a chefe de todo aquele pessoal, Jimmy estava preocupado com Valery. Não fosse ele ter vencido as terríveis agonias que aquela asquerosa criatura lhe infligia à alma, a garota possivelmente estaria morta a essa altura. Olhou para Brian, esparramado sobre a grama bem a seu lado, e o acariciou:

— Ah, meu amigo! Não fosse você e a eternidade seria mais infernal do que já é. — O cachorro sacudiu preguiçosamente o rabo, mas não se moveu.

William Patrick James suspirou, irritado com tudo que estava acontecendo. Primeiro, a moça que chegou lá com outra. Depois, aquele bando de gente mexendo em tudo, furando tudo, medindo tudo e agora, para completar, a garota tinha mandado montar uma casa para ela bem ali, ao lado do antigo cemitério da família.Durante os quase 130 anos que vagou por aquele lugar, ele tinha visto a família morrer, mudar e sumir. Estranhos vieram e se foram e, quando finalmente pensou que ficaria em paz com a maldição que o perseguia e as forças malévolas que o atormenta-vam, tudo começava outra vez.

— Se ao menos conseguisse me libertar... Mas nem sei o que me mantém preso aqui! — desabafou. Então, como se aquilo não tivesse importância alguma, pensou em Valery. Ela se vestia horrivelmente, na sua opinião. Ele percebeu que uma sombra escura pairava sobre o coração dela, algo que creditou a alguma decepção ou mágoa. E também era bem enérgica no comando daqueles homens todos, o que não era apropriado para uma dama, mas dava-lhe um charme adicional. Além do mais, era incrivelmente bonita. E tinha elegância no andar, nos modos, cabelos que brilhavam como ouro e olhos azuis inteligentes e divertidos. A cintura era fina, os quadris do tamanho certo, os seios firmes e não grandes demais. Ele detestava seios imensos. Quando era vivo, dizia que lembravam sua ama de leite.

— Ela é uma bela moça, não é, Brian?

O cão não se mexeu.

— E muito corajosa também... Já vimos muitos marmanjos correrem por bem menos do que o que ela viu. Mas está viva e, se sair daqui, pode se salvar. Eu estou morto e condenado para sempre. Então, por que fico pensando nessas coisas?

O cão continuou dormindo.

Jimmy, resistindo à tentação de olhar a garota que dormia tranqüilamente sob os cuidados do senhor de cabelos brancos, começou a perambular pelo campo, pensando na existência atormentada e terrível que levava. Não entendia por que tudo aquilo acontecia com ele. Se não foi um santo em vida, também não tinha sido cruel nem injusto ou criminoso. No entanto, criaturas bem piores tinham alcançado a luz, enquanto ele foi condenado a vagar pelas terras dos McGregors para sempre, atormentado por aquela criatura terrível e assustadora que não o deixava partir. Lembrou-se das sombras negras que ela lançava, do seu odor fétido, do peso que lhe provocava no peito, sufocando-o quase até a morte, se é que seria possível morrer outra vez.

Quando o tiro certeiro o atingiu, Jimmy não fazia idéia de que estava morto. Levantou-se correndo e perseguiu o homem que estava a cavalo, que galopava, veloz, pelo bosque, sem se dar conta de que ele, a pé, era tão ligeiro quanto o outro. Viu o rosto do seu algoz, mas não o reconheceu. Gritou, mas ele não o ouviu. Desferiu-lhe um soco, mas o outro nem se abalou. E foi exatamente nesse momento, quando seu braço entrou pela cabeça do desconhecido, atravessando-a por inteiro, que ele percebeu que estava diferente. "O que houve comigo?", pensou, "Estou sonhando?".

A noite escura e quente pareceu envolvê-lo como

uma capa pesada de veludo negro e ele sentiu-se afundar mais e mais, até que se viu de volta à estradinha, parado ao lado do próprio corpo. Apavorado, gritou a plenos pulmões que queria acordar, mas o "sonho" não mudou.

O cavalo, parado alguns metros adiante, relinchou e se ergueu nas patas traseiras ao vê-lo, e só sossegou quando Jimmy, com paciência, conversou com ele, usando um tom de voz sereno e equilibrado, embora por dentro se sentisse a mais apavorada das criaturas.

Quanto tempo ficou ali, vendo o próprio sangue se espalhar pela estrada poeirenta enquanto a noite virava dia, não saberia dizer. Viu quando as pessoas o encontraram caído e alegrou-se por finalmente poder pedir ajuda a alguém. Mas ninguém ouviu seus apelos. Viu o pai chegar e debruçar-se sobre ele, deixando pesadas lágrimas rolarem, enquanto dizia:

— Meu filho, meu filho, o que fizeram com você?!

Jimmy o abraçou, chorou com ele, gritou, implorou, mas ninguém, nem mesmo o pai, era capaz de ouvi-lo. Acompanhou o próprio corpo de volta à casa paterna, viu os preparativos para seu funeral, o desespero surdo da mãe, a tristeza das irmãs. Durante seu enterro, não saiu do lado de Esther McGregor, sentindo toda a amargura que ia no peito da mãe e a profunda tristeza de seu pai. Viu o caixão baixar à sepultura, a terra ser jogada sobre ele, as flores serem colocadas na lápide. E também as viu murcharem e serem substituídas por outras.

Sem absolutamente ninguém com quem pudesse conversar, sozinho e desamparado, passava seus dias vagueando pela casa, sem que alguém notasse sua

presença.

Uma tarde, Jimmy entrou na capela e ajoelhou-se diante da imagem de um anjo, rogando que ele o ajudasse e mandasse alguém com quem pudesse conversar. No dia seguinte, Brian apareceu. O cão, vítima da tristeza que sentia pela morte do dono, acabou não resistindo e, assim que se viu livre do corpo físico, correu para ele, alegre, latindo alto e lambendo seu rosto e mãos.

Jimmy viu as irmãs se casarem, o pai falecer, depois a mãe. O único consolo que teve ao vê-los partir foi o sorriso da mãe ao perceber sua presença ao lado dela.

— Filho! — disse a mulher cheia de amor na voz e lágrimas nos olhos, estendendo os braços para ele.

Então, assim como seu pai, ela se foi, envolvida por uma tênue e suave luz azulada e nada mais lhe restou, além da solidão perpétua a que ele e seu cão estavam condenados.

Vezes sem conta voltou à capela e suplicou ao anjo que o ajudasse. Mas ele parecia surdo a seus pedidos.

A casa foi vendida, pessoas estranhas se mudaram para lá. Mas eram bondosas e cuidavam com tanto carinho do pequeno cemitério, que Jimmy acabou se afeiçoando a elas; procurava dar bons conselhos às crianças daquela família desconhecida, rezando para que de alguma forma fossem ouvidos. Mas um dia eles também se foram e, a partir de então, a força negra e pesada, feita de ódio e maldade que o escravizava, apareceu. Onde quer que fosse, dia e noite, lá estava ela a persegui-lo e ameaçá-lo, atormentando sua já tão perturbada alma. Quem era, de onde tinha vindo e por que fazia aquilo para ele, era um mistério.

Os dias se transformaram em anos, os anos em décadas, as décadas em séculos e ele continuava ali, vendo a casa decair, abandonada, tomando-se um ninho cada vez maior de maldade, onde no passado só havia amor.

Antes de Valery chegar, ele, em uma última tentativa, entrou no que restava da capela e procurou o local onde antes ficava a imagem do anjo; mas agora não restava dela sequer um caco de recordação. Com a alma aflita e cheia de fé, rezou, pedindo perdão pelo horrível pecado desconhecido que havia cometido e que o mantinha preso a uma existência vazia e perseguido por aquela força negra. Implorou por ajuda, pela libertação, mas tudo que haviam lhe enviado era aquela garota com seu exército de construtores que xeretavam a casa de sua família, sem qualquer sinal de respeito.

— Mas ela consegue nos ver, Brian! — deu-se conta de repente, lembrando-se da expressão horrorizada de Valery ao vê-lo e a seu cão. — Ela nos vê!!! Será possível, meu Deus, que depois de tanto tempo, ainda reste uma esperança? — pensou, com a alma alegre.

— Mas ela tem medo de nós... E por que não teria? — perguntou ao cachorro que dormia profundamente. — somos duas assombrações, duas almas penadas e perdidas... — e então a fagulha de esperança apagou-se e ele voltou à amargura de sempre.

Andréa recebeu a visita de Jake com surpresa, além da evidente alegria que seus olhos denunciavam:

— O que faz em Yale, em plenas férias? — perguntou — Veio contratar outro arquiteto?

Ele riu:

— Vim vê-la. Sua irmã me disse, quando conversamos semana passada, que você pretende ir à Inglaterra por esses dias...

— É verdade. Já devia ter ido, mas arrumei um trabalho para fazer que acabou demorando mais do que o esperado. Só vou ter tempo daqui a uns 10 dias.

— Parece perfeito para mim. — disse ele, com ar alegre.

— Parece? — perguntou Andréa, sem entender.

— Preciso ir até lá ver como vão as coisas. Mary Jane quer que fotografe tudo e depois faça o que ela chama de "dussier". Um relatório, na verdade.

Andréa riu, mas não disse nada, sem saber se havia ali um convite embutido ou era apenas impressão.

— Então, — disse ele — podemos viajar juntos?

— Não vejo por que não. Vai ser bom ter companhia. — respondeu, sorridente.

— E para jantar, também gostaria de companhia? — ele a estava provocando.

— Não me diga que veio de Austin apenas para me chamar para jantar.

— Não, o senhor Boyle está em New Haven. Mary Jane leu em algum lugar que era um bom lugar para comprar antigüidades e quis vir. Segundo ela, é chique ter coisas velhas em casa.

Andréa sorriu e aceitou o convite para jantar, sentindo que a simpatia inicial entre eles aumentava rapidamente. Combinaram o horário e onde se encontrariam e Jake se foi, um sorriso feliz pendurado no rosto.

Andréa, contente, voltou a seus afazeres. Então um

pensamento cruzou sua mente: "Será que ele é casado e está procurando mais uma mulher? Meu Deus! O carma da Valery pegou em mim!", pensou e caiu na gargalhada.

— Como ela está? — quis saber Janet, descendo do quarto e invadindo a casa de madeira sem pedir licença.

Albert olhou-a com ar cansado e ficou claro para ela que ele também precisava de algumas horas de sono.

— Dormindo. — foi a resposta breve.

— O que aconteceu, afinal?

— Não sei. Ela estava confusa e eu lhe dei um sedativo leve. Vamos esperar que esteja melhor ao acordar e que se lembre do que aconteceu.

— Como assim? Ela perdeu a memória?

— Às vezes, quando a pessoa passa por esse tipo de experiência traumática, não consegue se lembrar do que viu. — explicou ele, com um bocejo.

Janet olhou para Albert com carinho e sugeriu:

— Vá descansar, você também; eu fico aqui enquanto vocês dormem. — correu os olhos pela sala e encontrou um confortável sofá onde podia aguardar por eles.

Cansado e abatido, o velho homem aceitou a proposta sem discutir e jogou-se sobre a cama do quarto reservado para Andréa, adormecendo logo em seguida.

Sem nada para fazer enquanto os dois dormiam, Janet perambulou pela casinha, notando que Valery tinha mesmo boa mão para decoração. Tudo era muito ajeitado e, embora houvesse ali poucos objetos

pessoais, as cores eram agradáveis e os vasinhos com flores amarelas e vermelhas davam um toque de classe e alegria às paredes de madeira. "Charmoso", pensou, com agrado.

Folheou algumas revistas sobre construção, xeretou nos projetos da casa que estavam sobre a prancheta, deu uma espiada na tela do computador e percebeu que estava ligado. Venceu a curiosidade de mexer nele e resolveu dar uma olhada nas obras que estavam começando. Antes, verificou se tanto Valery como Albert dormiam tranqüilamente e, fechando a porta com cuidado, foi conversar com os construtores.

Assim que ela saiu, vários livros voaram pela casa, caindo no chão; a cafeteira elétrica começou a ferver, o café borbulhante vazava pelo bico da jarra, os armários se abriram e várias caixas caíram; os papéis de Valery voaram de onde estavam, as almofadas saíram de seus lugares. Tudo acontecia como se um furacão estivesse passando por ali.

Jimmy ao ver Janet se afastar, entrou acompanhado de Brian, cedendo à vontade irresistível de ver como a jovem estava e involuntariamente afastou dali a força que provocava aqueles fenômenos. Viu-a dormindo tranqüila, e o senhor de cabelos brancos estirado sobre a cama do outro quarto.

— Fique aqui. — disse a Brian, deixando-o de guarda ao lado da cama de Albert e, relutante, aproximou-se da moça adormecida.

Sentou-se ao lado dela, na cama, olhando atentamente cada detalhe daquele rosto de anjo. A curva dos lábios, o nariz delicado, os cílios fartos. Notou

que suas mãos eram vigorosas, mas bem-feitas e bem-cuidadas. Os cabelos loiros, espalhados pelo travesseiro, pareciam macios e refletiam a luz que vinha da janela, dando a impressão de serem de veludo brilhante. A respiração dela, calma e compassada, fazia os seios subirem e descerem muito suavemente. E Jimmy se pegou, pela primeira vez naqueles 130 anos, tendo pensamentos românticos.

— Vamos embora. — ordenou ao cachorro, irritado consigo mesmo, certo de que aquela moça, apesar de parecer angelical, tinha poderes capazes de enfeitiçar até um fantasma como ele.

Quando Janet voltou, uns 40 minutos depois, espantou-se com a bagunça que encontrou. Parecia que uma ventania tinha passado pela casa e revirado papéis, derrubado objetos, arrancado as almofadas e transformado o lugar todo em uma confusão sem fim. Ouviu o som da cafeteira vindo da cozinha e gritou quando a jarra explodiu, assim que ela colocou os pés no local.

Valery acordou assustada, sem saber se o grito que tinha ouvido era seu ou de outra pessoa. Pulou da cama e deu com Albert saindo do quarto.

— Meu Deus! O que houve aqui? — perguntou, assustada, ao ver a bagunça em sua sala, os papéis espalhados por todo lado.

Confuso, Albert não respondeu. Correu até a cozinha e encontrou Janet olhando atemorizada para a cafeteira que continuava a chiar, com seus cacos espalhados pela pia.

— Explodiu... Mas vejam! Está desligada! —

balbuciou, benzendo-se e apontando o fio desconectado da tomada.

Eram apenas 10 horas da manhã e o sol brilhava poderoso, o que tornava tudo ainda pior.

— O que está havendo aqui, Albert? Pelo amor de Deus! Nunca vi nada assim!

— Onde você estava quando aconteceu? — perguntou, encarando Janet.

— Eu... eu... saí um pouco, fui dar uma volta... e, quando voltei... eu não demorei, juro que não!

Albert suspirou e coçou o queixo, parecendo em dúvida sobre alguma coisa. Valery, que olhava para sua casa sem entender absolutamente nada, perguntou:

— O que vocês estão fazendo aqui? O que aconteceu? A última coisa que me lembro é de estar na mansão; havia um cachorro e um homem... o rosto dele estava... ai meu Deus! — gritou, cobrindo o rosto com as mãos, como para espantar as recordações horríveis.

— Calma, querida, venha sentar-se. — disse Janet, pegando Valery pelo braço, que, entretanto, a afastou, com um gesto brusco:

— Não quero sentar e não quero me acalmar. Quero saber o que está acontecendo! Quem era aquela gente horrível, o que era aquela coisa que se enroscou em mim?

Ela encarava Albert e Janet com os olhos azuis cheios de lágrimas e seu rosto tinha uma expressão que misturava medo, repulsa e urgência, deixando-a terrível. Albert colocou uma das mãos sobre sua testa e a outra na sua nuca e ela, automaticamente, acalmou-se:

— Agora me escute com calma, senhorita Cooper.

Quero que relaxe, feche os olhos e, quando eu terminar de contar até 10, estará calma e vai me relatar exatamente o que viu e ouviu esta noite, compreendeu?

Valery assentiu e Janet deixou o queixo cair, perplexa:

— O quê...?

— Hipnose. — respondeu ele e começou a contar — Um, dois, três...

Quanto chegou ao 10, Valery parecia bem mais calma.

— Agora me diga, querida, o que aconteceu ontem à noite? — perguntou, com voz suave, porém firme.

Ela relatou, sem sobressaltos ou gritos, exatamente tudo que havia se passado. Cada vez mais assombrada, Janet mal acreditava no que estava ouvindo, imaginando o que era tudo aquilo.

— Agora quero que pense com cuidado: sabe quem é esse homem que apareceu para você e por que ele estava lá? — perguntou Albert, cenho franzido, olhos atentos.

Valery não respondeu. Apenas fechou os olhos, com expressão concentrada. Quando falou, sua voz soou estranha:

— William Patrick James McGregor. Ele apareceu para me salvar.

— Salvar de quê, senhorita Cooper? — insistiu ele, e Janet, mais uma vez, se benzeu.

— Daquilo... do mal.

— Havia mais alguém na casa além da senhorita e de Jimmy McGregor? — Albert parecia um professor inquirindo uma jovem aluna.

— Só... aquilo. Uma força má.

— Entendo... Agora vou contar de dez até um, e quando eu terminar você vai abrir os olhos e se lembrar de tudo, porém o medo e o susto terão desaparecido, certo?

Ela concordou e ele recomeçou a contar:

— Dez, nove, oito...

Valery abriu os olhos assim que ele chegou ao número um e piscou por um instante.

— Como se sente? — quis saber Albert.

— Melhor, bem melhor. Desculpem-me por ter gritado com vocês.

Janet nem respondeu, pasma que estava com tudo que viu e ouviu, mas Albert sorriu, carinhoso:

— Não se preocupe.

— O que aconteceu? Ontem à noite, quero dizer...? — Valery parecia estar bem à vontade e sorriu para Janet, que continuava olhando espantada de um para o outro.

— Não sei ao certo, mas creio que há duas coisas: a primeira é que você consegue provocar fenômenos inconscientes, ou seja, algo em você ativa algum campo de força ou emanação que existe naquela casa. A segunda, senhorita Cooper, e eu espero que não se assuste com o que vou dizer, é que eu desconfio que você viu um fantasma.

— Jesus, Maria, José! — exclamou Janet. — Então isso quer dizer que a casa é mesmo assombrada!

— Fantasma? Aquele homem que me salvou... está morto? — assim que falou, percebeu o absurdo e a falta de necessidade da pergunta. Decerto que estava morto, ninguém vivo andaria por aí com o rosto naquele estado.

— Há 126 anos, se não me falha a memória. — respondeu Albert com naturalidade.

Lá fora, o pessoal da construção começava a entrar na casa. Escoras foram colocadas para que nada desabasse e as janelas imundas foram abertas, permitindo que a luz do sol finalmente penetrasse, espantando ratos e morcegos e espalhando insetos para todos os lados, conforme eles começaram a caminhar pelos corredores empoeirados.

— Que cheiro horrível! — comentou um dos rapazes, ajustando a máscara sobre o nariz.

— O que você queria? Este lugar está fechado há décadas! — respondeu o outro.

A cada cômodo que entravam, abriam as janelas para que a luz penetrasse e eles pudessem ver por onde andavam.

Parado sob um dos batentes do andar superior, Jimmy olhava a cena, pensativo. Mas, para sua surpresa, não havia ódio em seu coração. Apenas uma leve sensação de que talvez a liberdade enfim estivesse chegando. Nem bem concluiu esse pensamento, sentiu alguma coisa negra se apoderar dele e arrastá-lo para algum lugar úmido e malcheiroso, enquanto se sentia sufocar por aquela onda de maldade e ódio desenfreado. Era como se seu espírito estivesse sendo atravessado por milhares de lanças que em um momento eram gélidas e logo em seguida ardiam como brasa, torturando-o e o fazendo-o sentir dores horríveis. Acostumado a esses suplícios que iam e vinham, ele se deixou prender por ferros invisíveis, conformado que seria assim para sempre. "Não sei o que fiz, mas deve

ter sido horrível para ter de suportar este castigo sem rosto", refletiu, como sempre fazia.

Milhares de alfinetes pareciam espetar seu corpo e outros tantos carrascos açoitar suas costas com chicotes de fogo. Porém, por mais que olhasse, não via ninguém. Ele perdeu a noção do tempo e, se aquela tortura durou horas ou segundos, não saberia dizer. Quando enfim aquela onde de maldade o abandonou, ele caiu, esgotado, dolorido e sem esperanças de que pudesse algum dia descansar em paz.

— Nunca vi um fantasma na vida, não acredito que existam e não consigo explicar o que se passa comigo. — disse Valery, andando calmamente sob o céu azul — Mas uma coisa eu sei: aquele homem me salvou de uma força terrível.

Estavam os três caminhando pela parte mais aberta do bosque, o que Albert acreditou que faria bem a Valery.

— E alguma vez houve manifestações físicas à sua volta? — perguntou ele, pensativo — Coisas como objetos caindo, voando, fogo espontâneo, espelhos que se quebram...

— Nunca! Imagine. — ela sorriu, pelo absurdo da pergunta. Mas depois pensou: "Por que estou rindo? Eu vi um fantasma!".

— Bem, depois disso, você vai voltar comigo para o hotel. — afirmou Janet com firmeza. — Não quero você sozinha aqui nem mais um minuto.

— Vou ficar. Tenho trabalho a fazer. Empenhei minha carreira nisso e não posso simplesmente não trabalhar.

— Mas pode morar em outro lugar! — insistiu Janet,

ainda firme em seu propósito de tirá-la daquela casa.

— É mais fácil aqui. Estou perto e posso trabalhar até mais tarde. Não vou embora.

Albert observou-a atentamente, parecendo ler seus pensamentos, que eram: "Quero encontrar aquele homem novamente e conversar com ele. Quero descobrir o que está acontecendo aqui!". Conciliador, interrompeu o discurso que Janet começava a fazer e procurou acalmar os ânimos:

— Creio que podemos pedir para que um dos rapazes fique por aqui durante a noite e assim, caso aconteça mais alguma coisa, você não vai estar sozinha. Por outro lado, tem de nos prometer que não vai sair por aí se aventurando.

— Não vou. Tenho muito trabalho a fazer, não tenho tempo para aventuras. — assegurou a arquiteta, que recebeu de Albert um olhar que dizia: "Eu sei o que está tramando" e devolveu-lhe outro, que significava: "Eu sei que você sabe e agradeço por não comentar".

Inconformada, Janet explodiu:

— E o que vai fazer quando as coisas começarem a voar de um lado para o outro, como parece ter acontecido em sua casa? Não foi à noite, foi agora, às 10 da manhã de um glorioso dia ensolarado!

— Eu me escondo até tudo se acalmar. — respondeu Valery com um sorriso, denunciando que nem se a Terra se partisse ao meio ela arredaria os pés daquele lugar.

Sem alternativas, a amiga cedeu e voltou para a cidade, seguida logo depois por Albert. Antes de subir no carro, entretanto, encarou-o e ameaçou:

— Albert Chamberlain, se algum dia puser suas mãos

em mim como fez com Valery, você é um homem morto.

Ele gargalhou:

— E para que ia querer hipnotizar você?

— Nunca se sabe, nunca se sabe! — resmungou ela, dando a partida e se afastando.

— Obrigada por tudo. — disse Valery, abraçando o ancião quando ele se despediu.

— Tenha cuidado, é só o que lhe peço. Vou fazer algumas pesquisas e consultar uns amigos. Assim que tiver uma resposta, volto para falar com você. E, caso precise de alguma coisa...

— Senhor Chamberlain, existe algo que ainda não entendi: como o senhor sabia que eu estava em apuros à noite passada?

— Senhorita Cooper, tudo que posso lhe dizer é que devemos dar graças a Deus por Peter McKenzie.

— Quem é ele? — quis saber, intrigada.

— Um velho professor de Literatura Comparada da Universidade de Chicago e, ao que parece, também seu anjo da guarda.

Sob o olhar espantado de Valery, ele subiu no carro e se foi, deixando uma nuvem de poeira atrás de si.

Capítulo VI

A lua praticamente já havia desaparecido; agora era só uma linha fininha no céu coberto de estrelas cintilantes. A noite, portanto, estava completamente escura, sendo impossível andar pela propriedade fora da área iluminada pelos holofotes do acampamento que a equipe montou.

Vários dias já haviam decorrido desde que Valery passou por aquele estranho episódio. Desde então, ela vasculhou cada palmo do terreno à procura do homem desfigurado que lhe salvou a vida, sem conseguir encontrá-lo. Voltou ao trecho às margens do rio onde pensava tê-lo visto, porém nada encontrou, além da deslumbrante paisagem.

A rotina diária, subir e descer de andaimes, fiscalizar o trabalho dos homens, refazer projetos e estudos, pesquisar materiais de acabamento que mais se ajustassem ao estilo da construção e as várias vezes que percorria o trecho entre sua casa e a mansão deixavam-na tão exausta no final do dia, que mal tinha tempo para pensar. Sua irmã mandara várias mensagens, falando sobre Jake Spelce e o quanto estavam se dando bem. Falavam também sobre a viagem que fariam juntos para vê-la e mais uma

infinidade de coisas que lembravam a Valery de que existia um mundo além de Bridgnorth.

Aquela noite, em especial, ela concordara em ir até a cidade jantar com Janet e o professor — que demonstrou estar muito ansioso para vê-la. Parece, segundo tinha dito ele, que havia descoberto mais alguma coisa sobre aquela horripilante noite, dias atrás.

Valery tomou um bom banho, perfumou os cabelos e resolveu escolher uma roupa elegante e adequada para jantar com os amigos. Nos últimos dias, tudo que vestia era macacão, calça jeans, botas de segurança, capacete e camisetas. "Vai ser bom me arrumar um pouco", pensou, enquanto olhava para os vestidos pendurados no pequeno armário. Decidiu-se por um em tons de azul, que acentuava seus olhos e deixava seu belo colo à mostra. Buscou uma sandália de tiras e salto alto e colocou um conjunto de brincos e gargantilha de delicadas pedras azuis. Admirou-se no espelho e gostou do resultado.

Estranhamente, desde que aquela história da casa tinha começado, dois meses antes, ela não pensou sequer por uma vez em seu ex-marido, aquele sem-vergonha desalmado que tinha partido seu coração. Mas também não pensava em nada além da reforma. A não ser, é claro, nele... William Patrick James: "Que destino o meu... Primeiro, caso-me com um homem que tem mais três esposas; depois, interesso-me por um fantasma", pensou, sorridente, preparando-se para sair.

Estava entrando no carro, quando lembrou que tinha deixado o celular em casa. Voltou, pegou o aparelho e, ao virar-se novamente em direção ao automóvel, viu Jimmy em pé, o cão a seu lado, olhando diretamente

para ela. Seu coração parou de bater um segundo, para disparar em seguida. Controlando o corpo que tremia inteiro, sem saber o que fazer, ficou lá, parada, olhando para ele, petrificada.

A noite estava escura, coberta por um manto de estrelas. A luminosidade era praticamente nula, mas Valery notou que ele estava abatido e parecia cansado — o que é ridículo de se pensar, já que ele estava morto há quase 130 anos. Ainda assim, ela sentiu o coração apertado ao olhá-lo. Ele se virou e começou a se distanciar, quando Valery, criando coragem, pediu:

— Por favor, não vá!

Jimmy parou. Dessa vez era ele quem tremia. Vagarosamente, ele se virou, ficando de frente para ela que, controlando a repulsa que sua aparência lhe causava, deu um passo em sua direção. Brian ergueu as orelhas, atento, mas permaneceu ao lado do dono, imóvel como uma estátua.

A brisa soprou mais forte e os cabelos de Valery voaram, seu vestido vaporoso flutuou a sua volta, enquanto seus olhos cintilavam de espanto e dúvida. Jimmy não lhe ficou indiferente e de novo sentiu que ela despertava nele desejos românticos. Irritou-se com isso e tornou a virar-se de costas.

— Por favor, por favor, fique! — pediu ela novamente, dando mais um passo em direção a ele.

— O que quer comigo? — perguntou ele com voz grossa e vigorosa, a qual Valery percebeu uma nota de tristeza profunda.

"Estou falando com um fantasma!", pensou.

— Falar com você, agradecer por ter me livrado... daquilo. — disse, sem saber como definir o que a

atacou naquela noite.

— Não há o que agradecer. — ele era cortês, porém seco — Fiz o que qualquer cavalheiro decente faria ao ver uma donzela em apuros.

"Donzela?", estranhou a moça e então se lembrou que ele viveu no século XIX.

— De qualquer maneira, obrigada. Salvou minha vida.

Ele fez um gesto com a cabeça, significando que aceitava seus agradecimentos. Totalmente perdida, sem saber o que dizer, Valery arriscou:

— Você é William Patrick James McGregor, não é?

— Fui um dia. Agora não sei mais quem sou. — respondeu, baixando os olhos por um segundo e ela percebeu a grande dor que ele sentia.

— Posso lhe perguntar uma coisa, Sir McGregor?

— Jimmy. Meus amigos sempre me chamaram assim. — disse ele, relaxando um pouco a expressão — Pode perguntar o que quiser.

— Aquilo que me atacou... aquela coisa... o que era?

— Lamento dizer, senhorita...

— Cooper, Valery Cooper, Val, como meus amigos sempre me chamam. — disse com um ligeiro sorriso.

— Pois bem, que seja, Valery. Lamento dizer-lhe que aquilo que a atacou é meu fantasma pessoal, algo que me assombra há décadas.

— Seu o quê??? — ela não estava acreditando. Toda aquela situação era no mínimo bizarra, mas quem já ouviu falar de fantasmas que assombram outros fantasmas?

— Meu fantasma. Algo que me persegue e tortura a alma, que me mantém preso a este lugar e que durante

seus ataques me agride mais dura e cruelmente do que qualquer rei ou bárbaro já agrediu um pobre prisioneiro. — sua voz atingiu o coração de Valery de tal forma, que ela sentiu o peito arder:

— Mas por quê? Como? Quem é essa criatura, afinal?

— Nunca vi seu rosto nem suas formas, mas sinto sua presença antes mesmo que chegue. Vem em ondas, como o oceano, só que bem mais cruel e violenta, posso lhe garantir.

— Não há nada que se possa fazer? Não podemos chamar alguém para ajudar? — de repente ela havia se esquecido de que ele estava morto, tinha sangue seco no cabelo e seu rosto estava arrebentado.

A tristeza contida naquela voz era tão grande e tão antiga, que seria quase impossível não fazer nada para ajudar a pobre criatura. Jimmy olhou para ela, surpreso:

— Quer me ajudar?

— Se eu puder... Não sei o que fazer. Para lhe ser sincera, nunca falei com alguém... alguém... — ela não sabia como se referir a ele.

— Morto. — ele completou — Era isso o que queria dizer?

— Desculpe-me, não quis ofendê-lo. Eu só... — Valery odiou-se naquele instante por não saber o que dizer, mas Jimmy riu alto, surpreendendo a si próprio:

— Minha cara senhorita, não é ofensa alguma, eu estou mesmo morto.

— Mas não parece, quero dizer, a não ser pelo... pelo ferimento em seu rosto...

O rapaz passou a mão pelo rosto estilhaçado e a cena era tenebrosa.

— Creio que não devo ter uma aparência muito

agradável, não?

A mancha na camisa dele, onde o sangue havia escorrido e depois secado, os cabelos emplastados e duros, o rosto perfurado e a expressão de profundo sofrimento no único olho que lhe restava davam-lhe uma aparência realmente horrível e Valery, por mais vontade que tivesse de olhá-lo de frente, não conseguia. Sorriu ligeiramente, sem responder à sua pergunta e o silêncio entre eles voltou a reinar.

— Creio que estava saindo, Valery, no momento em que voltei... Por favor, não se prenda por mim, não quero que se atrase.

— Não... eu... na verdade... — ela encarou Jimmy, enfrentando corajosamente a repulsa que sentia — Estou indo a Bridgnorth jantar com amigos. Por que não vem comigo?

Ele sentiu um baque tão forte ao ouvir as palavras dela que seu único olho piscou:

— Creio que não compreendi muito bem...

— Venha comigo, — insistiu ela. — assim podemos conversar pelo caminho e você me conta tudo que lhe aconteceu. Quem sabe juntos conseguimos encontrar uma solução...

Ele continuava espantado, imóvel e com ar de quem ainda não havia entendido bem o convite:

— Não creio que seja uma boa idéia... Eu nunca saio daqui.

— Como assim, nunca sai? Não pode ou não quer?

Jimmy pareceu ponderar sobre a pergunta. Ele podia sair se quisesse, vagar por aí, mas nunca pensava nisso, desesperançado e amargo que vivia em sua eternidade infeliz.

— Não creio que seja uma boa idéia. — respondeu, mas sua voz não estava segura.

— Venha comigo, meus amigos são pessoas ótimas e depois... ninguém vai saber mesmo que está lá, a não ser que você queira. Por favor...

Seus olhos azuis mostravam muita sinceridade, seu cabelo loiro flutuava ao vento. Sua expressão de simpatia e a extrema beleza de seu rosto tocaram de forma tão contundente a alma de Jimmy, que ele se viu respondendo:

— E por que não? Um passeio não nos fará mal, certo, Brian?

"Enlouqueci de vez", pensou Valery, abrindo a porta do carro, com Jimmy a seu lado. Ele a esperou entrar e fechá-la e só então se sentou a seu lado, acomodando Brian no banco traseiro. Valery pegou a estradinha que conduzia à cidade, pensando, cada vez que olhava de soslaio para Jimmy, que havia realmente perdido completamente a noção de realidade.

— É a primeira vez que entro em uma coisa destas. — disse ele de repente, referindo-se ao automóvel.

— Está gostando? — a voz dela tinha um tom de divertimento que não passou despercebido a ele:

— Bastante... Mas ainda prefiro cavalgar.

Mais à vontade, ela puxou o assunto:

— O que aconteceu com você? Quero dizer, como foi que conseguiu este ferimento e tudo mais?

Ele suspirou. Em 126 anos, era a primeira vez que tinha a oportunidade de realmente falar com alguém e contar sua triste história. Pensou por alguns segundos e decidiu narrar a ela tudo que tinha decidido fazer pelo caso de Truddy Fiennes e seu desafortunado romance

com Sir Andrew Sullivan.

Valery, interessada em ouvir o que o rapaz tinha a lhe dizer e sem querer perder uma palavra sequer, parou o carro e deu-lhe toda a sua atenção.

Jimmy contou tudo: o pequeno truque que usou no tribunal, a festa, o tiro, a mudança da família e o aparecimento daquela onda de maldade que o mantinha escravizado e tolhia sua vontade de reagir.

— E então você apareceu junto com todos aqueles homens e... Bem, o resto você conhece.

Ela estava pasma. Conhecia uma parte da história por meio de Albert e Janet e agora sabia outra por Jimmy.

— Deve haver algo que possamos fazer. — disse, pensando na infelicidade daquele homem. — Você tem de seguir seu caminho, quero dizer, quando morremos, deve haver um caminho a seguir depois, não é?

— Realmente. Mas parece que cometi um pecado tão horrível que tanto o céu como o inferno rejeitam minha presença. — seu comentário, feito de forma banal, atingiu o coração dela:

— Não diga isso, você me parece uma pessoa muito decente. Talvez o amigo com quem vamos nos encontrar possa ajudá-lo...

— Não! Por favor, não! Não diga a ninguém sobre mim!

Ela mordeu os lábios, mas por fim concordou:

— Com uma condição. Que você me permita ajudá-lo a sair dessa prisão em que se encontra.

— Vou pensar. — respondeu com um suspiro.

Valery voltou a ligar o carro e no caminho para Bridgnorth passaram pela entrada da propriedade de

Alicia Sullivan. Jimmy lançou um olhar curioso ao lugar e, saindo de seu pesado silêncio, perguntou:

— Por que pode me ver quando ninguém pôde fazê-lo até hoje?

Valery também já havia se perguntado isso várias vezes, mas a resposta lhe escapava. Deu de ombros com um suspiro e o rapaz voltou a perder-se em pensamentos. Ela parou o carro a alguns quarteirões da casa de Albert e Jimmy olhou em volta, espantado:

— Este lugar quase não mudou!

Nesse momento, um grupo de jovens passou por eles e Jimmy olhou para as garotas de minissaias e os rapazes de bermudões, complementando:

— Bem, talvez tenha mudado um pouco, afinal.

— Venha, vamos, é logo ali. — convidou, sorrindo diante da expressão espantada dele.

Alicia Sullivan descobriu que a arquiteta que reformava a mansão McGregor tinha passado mal.

— Tomara que morra! Ela e todos que quiserem trazer aquele lugar à vida! — foi seu comentário, quando a empregada contou as novidades.

— Dizem que viu um fantasma! Um homem, parece. — a moça estava com o ar assustado e largou as compras por alguns instantes para se benzer.

— Fantasmas! Vocês têm cada idiotice! — o desdém era claro em sua voz.

— Mas é verdade! Até o professor Albert estava lá!

— Aquele velho maluco que acredita em bruxas e duendes? — gargalhou, divertida.

A moça calou-se, pensando que a patroa não devia brincar com aquelas coisas terríveis, porém não se atreveu a dizer uma palavra.

Essa cena, ocorrida há alguns dias, ainda passeava pela cabeça de Alicia. Ela odiava qualquer coisa que se relacionasse, ainda que minimamente, aos McGregor.

Numa cidadezinha como aquela, onde todo mundo conhecia todo mundo e os segredos não duravam mais de 24 horas, a infeliz história de sua família era contada e recontada, repetida por vezes sem fim, atirando seu nome ao ridículo e ao escárnio das pessoas. Mas não era esse o motivo real dos sentimentos que a atormentavam. Alicia nunca contou nada a ninguém, mas, quando era apenas uma garota de 13 anos, mais feia e desajeitada do que agora, estudando em um internato famoso e elitizado, conheceu, durante uma competição entre escolas, o jovem Thomas Wellbridge Hartmann Phillips, neto do Duque de Wellbridge.

O garoto loiro, magricela e pedante, herdara, além do título, uma fortuna considerável e era filho de uma das mais tradicionais casas da Inglaterra, o que o tornava o centro das atenções.

Alicia e Thomas se conheceram e se tornaram amigos. Corresponderam-se com freqüência, até que pudessem tornar a se ver, o que aconteceu no final do ano seguinte, durante as férias de Natal. Thomas convidou-a a passar as festas na magnífica propriedade da sua família, próxima a Wombourne, onde pretendia engatar um namorico com ela.

Ela era realmente feia, mas uma boa pessoa, além de alegre e inteligente. Estava absolutamente apaixonada por ele. O menino, na época com 15 para 16 anos, tinha uma personalidade prática e razoável lucidez em relação a si mesmo e ao mundo que o cercava.

Apesar da sua invejável fortuna e de toda pompa e luxo que envolviam sua família, ele não era um tipo que atraísse a atenção feminina por seus dotes físicos e, sinceramente, também não era simpático ou cheio do que os franceses chamam de *savoir-faire*. Era um garoto "lambido", como um dia definiu tão bem sua irmã mais nova, durante uma discussão qualquer. E, para uma criatura "lambida" como ele, Alicia caía como uma luva.

Tudo certo para o final do ano, Thomas comunicou aos pais sua decisão de convidar a jovem e também de oficializar, quem sabe, o namoro.

— Com uma Sullivan, parente de Andrew Sullivan? Jamais! — a mãe parecia indignada, enquanto observava o brilho cintilante do diamante em sua mão.

O garoto, estranhando a atitude, recorreu ao pai, mas a reação foi ainda pior:

— Nossa família é tão antiga quanto a coroa inglesa! Você tem um nome a zelar e não pode se misturar a esse tipo de gente escandalosa!

O pai, então, contou ao menino toda a história desastrosa da família de Alicia, não omitindo nenhum detalhe e, falando francamente, acrescentando mais alguns por conta própria.

— Como vê, filho, — disse, quando terminou — essa mocinha não lhe convém.

Thomas, lançando mão de sua habitual lucidez e racionalidade, ponderou os prós e contras e chegou à conclusão de que os pais estavam com a razão. Escreveu rapidamente um bilhete a Alicia, desmarcando o compromisso, o que por si já era sinal de afronta e falta de educação.

A menina, inconformada e queimando de curiosidade para saber o porquê daquela atitude grosseira, exigiu que Thomas lhe dissesse a verdade. E, para seu horror e desilusão, ele disse. Enviou-lhe uma longa carta, na qual narrava pormenorizadamente a conversa com o pai e pedia a ela que não mais o procurasse ou lhe dirigisse a palavra, uma vez que ela trazia em seu sangue a marca da desmoralização e que qualquer contato entre eles era, no mínimo, inconveniente.

Alicia chorou, esperneou, reclamou com a família, ficou dias sem comer, emagrecendo ainda mais; porém, como não havia outra saída, conformou-se. Sua desilusão e o peso que aquela injustiça lhe causou acenderam em seu coração uma fogueira de ódio e vingança contra os McGregors, mesmo estando todos mortos ou desaparecidos pelo mundo. Jurou que, enquanto vivesse, encheria a memória deles de insultos e rezaria para que suas almas queimassem nas chamas do inferno.

E era exatamente isso que ela fazia nesse momento, pensando na tal moça que havia desmaiado. Rezava para que morresse, para que sua alma não tivesse descanso e para que William Patrick James McGregor, o homem responsável pela desgraça da sua família e pela sua própria jamais soubesse o que era "descansar em paz".

A casa de Albert, charmosa e sobriamente decorada, com seus livros e móveis maciços, o xadrez dos estofados e os quadros mostrando cenas eqüestres, agradaram imediatamente a Jimmy

"A casa de um cavalheiro", foi o pensamento que lhe ocorreu.

— Albert Chamberlain! — disse Valery, abraçando o amigo.

— Eu mesmo, em pessoa, senhorita Cooper! — respondeu o professor, olhando para ela de modo estranho.

— E Janet Fiennes! — Valery abraçou a mulher também.

— Por que fica repetindo nossos nomes? — perguntou a mulher.

— Parenta de Truddy Fiennes? — Jimmy arregalou o único olho e Brian, discretamente, começou a cheirar a mulher.

— Isso! — respondeu Valery, para espanto dos dois amigos.

— Isso o que, Valery? Você está bem? — Janet mediu-a dos pés à cabeça.

— Estou ótima e muito feliz por ver vocês dois. Tenho trabalhado tanto que, quando chega a noite, mal consigo pensar. Outro dia adormeci sob alguns projetos e quase caí do banco da prancheta.

Jimmy olhava em volta, maravilhado. Então a parente de Truddy era amiga daquela moça?

— Como vai o hotel, Janet? Ainda cheio e movimentado?

— Graças a você, sim. Espero que essa reforma não termine nunca! — riu ela, com olhos brilhantes.

Albert olhava para Valery cuidadosamente, sentindo que alguma coisa estava acontecendo, mas não conseguiu atinar o que podia ser. A moça parecia um tanto ansiosa e atrapalhada em suas maneiras, e seus olhos brilhavam mais que o habitual.

Jimmy sentou-se em uma poltrona que imaginou ser

muito confortável e ouviu a conversa deles com interesse. Descobriu que Janet tinha um hotel — nada mau para uma família tão pobre quanto os Fiennes —, que Albert estava aposentado de Cambridge há 10 anos e se interessava por assuntos ligados ao mundo invisível.

Jantaram na acolhedora sala de jantar de Albert — que dessa vez preparou tudo sozinho —, saboreando um belo rosbife com batatas, salada e cogumelos. O aroma dos alimentos atingiu Jimmy de forma inesperada. Ele não sabia dizer se eram os anos de solidão ou o fato de poder conversar com alguém no ambiente calmo e aconchegante daquela casa, mas, quando deu por si, percebeu que estava com fome.

Aproximou-se da mesa e aspirou os alimentos, sentindo o seu gosto na boca, como se realmente os estivesse provando.

— Delicioso! — exclamou surpreso e Valery sorriu discretamente. Após a sobremesa — a famosa torta de chocolate de que a moça tanto gostava —, sentaram-se novamente na sala, conversando sobre vários assuntos desconhecidos para Jimmy.

Falaram da guerra no Iraque e do terrível tsunami, que varrera as ilhas da Indonésia, do último escândalo político, do casamento do Príncipe Charles com Camilla Parker Bowlles; falaram dos progressos na mansão, riram dos patrões de Valery, especialmente de Mary Jane, com seu jeitão exagerado, e de mais uma infinidade de coisas banais e corriqueiras, que encantaram a Jimmy, até que Albert, tomando fôlego, declarou:

— Creio que descobri o que a atacou naquela noite e

também o que anda provocando os fenômenos à sua volta, senhorita Cooper.

Valery olhou discretamente para o lado e depois para Albert. A conversa finalmente tomava o rumo que ela queria.

Peter McKenzie olhou para o relógio. Eram 22h em ponto, portanto, hora de ir dormir. Metódico como sempre, deu corda no despertador, alimentou Freud, seu gato de estimação, escovou os dentes e foi para a cama. Deitou-se e sentiu o sono chegar. Estava quase adormecido, quando uma nuvem negra pairou sobre ele, causando calafrios em seu corpo e arrepiando-lhe os cabelos. Sufocado pela maldade e crueldade que o envolviam, incapaz de respirar e se mover, tentou se acalmar e entender o que era aquilo. O tempo parecia ter parado. Ele ouviu um som, como um grunhido gutural, um eco, uma rajada, não distinguia bem qual deles, e viu que a nuvem negra começava a ganhar contornos definidos. Várias cenas, mostrando personagens que ele não conhecia, começaram a desfilar a sua frente, e Peter procurava concentrar-se nelas, evitando que aquela coisa horrível que pairava em torno dele o dominasse por completo.

Viu um jovem ser baleado, sua morte, pessoas chorando, uma mansão cheia de jardins e então viu que aquela mesma nuvem negra envolvia a casa, sem nela penetrar, como se formasse um cordão de isolamento ameaçador e maléfico. Suando, apavorado, Peter testemunhou o exato momento em que a ameaça negra finalmente penetrou na casa, envolvendo todo o lugar com sua emanação demoníaca e pestilenta. Diante dele, as cenas se sucediam em tal velocidade,

que era impossível guardar todas na memória, como se alguém estivesse passando um filme em velocidade acelerada, os quadros se amontoando vertiginosamente. Quando pensou que não conseguiria mais respirar e que aquela coisa negra o levaria deste mundo, subitamente tudo sumiu e ele sentou-se sobre a cama, a respiração pesada, o pijama encharcado, o rosto pálido e cansado.

"Quanta maldade!", pensou assombrado, "Preciso avisar Nicodemus!". Mas não conseguiu. Vencido pelo cansaço e pela opressão do que havia presenciado, caiu adormecido sobre as cobertas.

Capítulo VII

— Antes de entrar no assunto, propriamente, — começou Albert, sereno — creio que seja melhor explicar a vocês como funciona e o que é a Parapsicologia.

Janet suspirou, preparando-se para uma longa e indecifrável explicação acadêmica, e Valery lançou-lhe um olhar de desaprovação. Jimmy, sentando-se mais na beirada da poltrona, cravou o olho nele, prestando atenção a cada palavra sua e Valery sorriu para ele.

— A Parapsicologia, ao contrário do que muitas pessoas pensam, não estuda os mortos, mas os vivos. Procura constatar e analisar fenômenos que à primeira vista são inexplicáveis, mas que possivelmente sejam o resultado de faculdades da nossa mente.

— Está falando em alucinações? — perguntou Valery.

— Bem ao contrário, senhorita Cooper. Os fenômenos são reais, apenas não são obras de espíritos de outro mundo ou de assombrações, mas provocados

pela própria mente humana.

— Não entendo. — disse Janet e Jimmy pareceu concordar com ela.

— Eu explico. — continuou Albert — Pouco sabemos da nossa capacidade mental e sobre como nossa mente, criatividade, imaginação e sentidos funcionam. O que é a intuição? Por que algumas pessoas conseguem prever, acertadamente, o futuro? Há muito em nós que desconhecemos e justamente nessa área nebulosa de nossas capacidades desconhecidas é que a Parapsicologia busca respostas.

— O senhor está dizendo que eu provoquei as coisas que aconteceram? — Valery parecia descrente daquilo, ainda mais tendo um fantasma do lado.

— No seu caso, creio que a senhorita teve dois tipos de experiências diferentes. Uma do tipo que eu classificaria como parapsicologia. Outra daquilo que os estudantes da espiritualidade chamam de experiência mediúnica. Para conseguirmos entender os fatos, precisamos separar uma da outra.

Valery concordou.

— Vamos analisar primeiro a parte parapsicológica, que eu conheço melhor. O que me chamou a atenção foram os objetos voando em sua casa e a cafeteira que, mesmo desligada da tomada, ferveu até explodir. Como esse caso é mais fácil de entender, vamos analisá-lo primeiro, concordam?

Os três concordaram. Embora Albert só pudesse ver as moças, Jimmy parecia o mais interessado no assunto.

— Uma das constatações que fizemos é que esse tipo de manifestação — objetos voando e tudo mais —

ocorre mais com mulheres do que com homens e normalmente acontece após momentos de grande estresse, como brigas, discussões, sustos etc.

— Que foi o meu caso. Fiquei apavorada naquela noite e, se não fosse por Jimmy... — Valery ficou vermelha, percebendo que falara demais e tratou de se retratar — quero dizer, se não fosse pelo tal homem que vi, não sei o que seria de mim.

Jimmy sorriu, achando-a encantadora assim, encabulada, e Janet disparou:

— Quem diabos é Jimmy?

— Ninguém, só achei que devia dar um nome ao homem que vi e escolhi esse.

— Santo Deus... — suspirou Janet e Albert continuou:

— Se partirmos do princípio que a mente da senhorita Cooper provocou esses fenômenos, será mais fácil entender por que ela foi atacada naquela noite. Mas, antes, há algo que eu preciso saber, senhorita.

Seus olhos pousaram sobre Valery e havia neles tanta bondade e firmeza que ela se emocionou.

— A senhorita confia em mim?

Ela fez que sim com a cabeça e ele continuou:

— Qual é o episódio de dor, ódio, abandono ou calamidade que tanto a aflige? Por que eu sei que há alguma coisa e, para que possamos resolvê-la, a senhorita terá de confiar em mim e contar tudo o que esconde em seu passado.

Jimmy olhou admirado para o homem. Ele também via a mancha escura em torno do coração da garota? Então encarou Valery, que parecia tão espantada quanto ele e, com um gesto espontâneo, pousou sua mão forte e máscula sobre a dela, como a encorajá-la a

se abrir. Aquele gesto foi muito significativo e a arquiteta olhou-o, agradecida.

— Realmente há algo... — começou ela, com a voz baixa e bem insegura.

— Quer que eu saia? — Janet preparou-se para levantar.

— Não, fique, por favor. Estou entre amigos, aqui. — e lançou mais uma vez um olhar terno ao rapaz.

— Como eu dizia, há realmente algo em meu passado... Algo que, por mais que eu queira esquecer, é mais forte do que eu e que acredito ser exatamente aquilo a que o senhor se referiu...

Ela ficou pensativa por alguns segundos e então contou, em todos os detalhes, sobre seu casamento e a dor que foi descobrir ter sido enganada. Conforme as palavras saíam, as emoções voltavam e as lágrimas também. Valery falou das mulheres que conheceu e que com ela compartilhavam seu marido e tudo que veio a seguir. Jimmy ouviu o relato, abismado. Que absurdo! Quem era o cretino que teve coragem de magoar a moça daquele jeito? "Mas que idiota! Que canalha! Como pôde fazer uma coisa dessas?", pensava, indignado.

— Ainda ama esse homem, senhorita Cooper? — a pergunta, feita em tom suave, pareceu mergulhar Valery em um mar de pensamentos.

— Não. — respondeu, por fim. — Não o amo mais, mas não consigo esquecer o que aconteceu e muito menos confiar em qualquer outro homem.

— Não é de se admirar, não? — comentou Janet, quase tão revoltada quanto Jimmy.

Albert levantou-se, caminhou pela sala por alguns

momentos e, por fim, perguntou:

— Alguém quer um chá? Creio que seja melhor tomarmos um, antes de continuarmos esta conversa...

Valery e Janet disseram que não e ele sentou-se, conformado:

— Senhorita Cooper, vou lhe explicar o que acredito estar acontecendo. Quero que se sinta à vontade para perguntar o que quiser e para discordar de mim a qualquer momento, certo?

Ela concordou e Albert pareceu buscar as palavras adequadas, antes de começar a falar.

Jimmy continuava com a mão sobre a de Valery e a olhava como quem diz: "Esqueça esse imbecil que a maltratou, você merece coisa melhor", e ela se sentia reconfortada pelo gesto dele. Embora não pudesse sentir seu toque, sentia suas emoções e isso bastava.

— Todos aqui conhecemos bem a história que envolve a família McGregor, principalmente no que diz respeito a William Patrick James, o pobre rapaz assassinado à traição.

Jimmy mexeu-se na cadeira, parecendo estar desconfortável. O que aquele homem ia falar sobre ele?

— Também conhecemos bem as conseqüências desastrosas advindas da sua morte e do processo que ele ganhou contra Andrew Sullivan.

— Minha família deve muito a esse rapaz. — afirmou Janet, pensativa. — Se não fosse por ele, provavelmente hoje eu estaria pedindo esmolas por aí. O dinheiro que meu antepassado herdou do velho Sullivan mudou nossa vida.

Jimmy surpreendeu-se por aquela inesperada demonstração de gratidão e perguntou a Valery:

— Do que ela está falando?

Como não podia lhe responder diretamente e entendia que ele estava ansioso para conhecer a verdade, pediu a Albert:

— O senhor pode repassar os fatos, por favor? Não sei se me lembro bem de tudo que me contaram...

Albert olhou Valery mais uma vez daquele jeito estranho e, para surpresa dela, anunciou:

— Vou contar a vocês o que aconteceu.

Narrou a história novamente, fazendo uma breve biografia de Jimmy, como para apresentá-lo. O rapaz ouviu tudo com atenção e lhe pareceu que o homem estava sendo demasiadamente gentil ao descrevê-lo como um advogado que queria justiça acima de tudo. Quando Albert falou das mortes subseqüentes, do suicídio de Andrew, da loucura da mulher, do escárnio publico, Jimmy pareceu empalidecer aos olhos de Valery — se é que é possível um fantasma ficar mais pálido do que já é. Ele não sabia daquilo! Tinha ficado tão preso à própria solidão e infelicidade, e tão perdido e desesperançado, que todos esses fatos se passaram e ele nunca soube! "Meu Deus! Quanta tragédia eu provoquei!", pensou, desesperado.

— Nada disso foi culpa do jovem McGregor, é claro. — comentou Albert, parecendo ler os pensamentos dele — Ele apenas fez o que devia ter feito: justiça a uma pobre moça infeliz e ignorante, com todo respeito à sua antepassada, Janet. A sede de vingança, o ódio e a loucura que advieram daí não são culpa dele, mas das próprias pessoas que tiveram esses sentimentos, por não saberem ir além de seu preconceito e posição social.

— Eram outros tempos... — comentou Valery, filosófica.

— Outros tempos que estão perturbando você, hoje. O que a atacou, que você descreve como uma presença, nada mais é do que o ódio e o sentimento de vingança acumulado durante todo esse tempo naquele lugar.

— Eu não entendo... Não tenho nada a ver com isso! Ou tenho? E como sentimentos podem atacar pessoas?

— Não duvide de algo apenas porque não pode vê-lo, minha jovem! Ninguém pode ver a eletricidade ou todos os espectros da luz, mas eles não são menos reais por conta disso.

Valery estava assustada. A expressão de Albert, antes serena, agora mostrava preocupação e veemência, e sua voz soava firme e um tanto amedrontadora.

— Sentimentos são emanações de energia e se acumulam, da mesma forma que poeira sobre o objeto da sua intenção. Quando pensamos em alguém ou em algo com amor, a energia de nosso pensamento atinge a pessoa. O mesmo acontece com o ódio, o ressentimento e a vingança. Muitas das famosas maldições não passam disso: energia pesada que se acumula sobre um lugar, uma família, uma situação...

— Mas por que me atacou? Essa energia tem o poder de atacar alguém? A mim me pareceu mais algum tipo de presença.

— Pode atacar e ataca. Se vai ser bem-sucedida ou não, dependerá das emoções da vítima. Se a pessoa é firme em pensamento, se for pacifica e amorosa, tiver bons sentimentos e uma alma pura, então, por mais

que tente, essa força brutal não consegue, digamos, derrubá-la, embora atrapalhe um bocado. Porém, se quem for alvo dessas correntes de energia carregar consigo emoções similares às delas, como ódio, mágoa, culpa, ressentimentos, sede de vingança... bem, aí então a porta estará aberta.

Valery gelou. O coração começou a disparar e ela se lembrou da voz terrível que murmurava para ela: "Seu medo me alimenta, seu terror me dá forças...". Tremendo, agarrou a mão de Jimmy, que atravessou a sua.

— O senhor está dizendo que, por eu não perdoar Mike pelo que me fez, eu atraí essa força?

— É mais ou menos isso. Lembre-se dos livros que voaram na sua casa. Você tem, inconscientemente, o poder de concretizar esse tipo de manifestação...

Jimmy estava horrorizado. Aquela cosia tenebrosa que o torturava, prendia e o fazia sofrer dores atrozes era o ódio das outras pessoas?

— Não sei o que dizer... — Valery estava arrasada e apavorada. — Tudo isso parece um filme de terror!

Janet, que até então estava calada, enfim abriu a boca:

— E como consertamos isso? Como isso acaba?

— Bem, o que posso dizer é que Valery precisa perdoar o marido sinceramente e desligar-se da mágoa que a persegue. Dessa forma, nada mais pode atingi-la como atinge agora. Por outro lado...

— Fale logo, Albert. — Janet estava ficando impaciente.

— Por outro lado, há o homem que ela viu. E aí, estamos em um campo que desconheço totalmente.

Um silêncio pesado se abateu sobre eles e só foi quebrado quando Valery finalmente se levantou e se despediu:

— Já é tarde e eu preciso acordar cedo amanhã. Vou pensar sobre o que disse, professor.

— Faça isso querida, faça isso. Você é uma moça bonita, inteligente e cheia de vida. Deixe o passado ficar aonde deve: no passado.

Ela sorriu e, despedindo-se dos amigos, caminhou em silêncio até o carro, com Jimmy pensativo a seu lado e Brian andando entre eles, todo feliz. No caminho para casa, Jimmy olhou Valery e, antes que pudesse segurar as palavras, percebeu-se dizendo:

— Seu marido era um imbecil. Você é um encanto de mulher e, se ele não soube perceber isso, deve esquecê-lo para sempre. Homens assim não merecem que se perca tempo pensando neles.

Valery parou o carro. Lentamente virou-se para ele e, como uma represa que rompe o muro da contenção e lança furiosamente suas águas para fora, caiu em um choro doído e descontrolado, pegando-o de surpresa e fazendo Brian pular em seu colo, lambendo-lhe o rosto. Mas nada do que haviam visto ou ouvido até aquele momento podia prepará-los para o que teriam de enfrentar.

Peter acordou zonzo, sem saber que horas eram ou aonde estava. Demorou alguns minutos para reconhecer o próprio quarto e lembrar-se do que havia acontecido. Olhou o relógio de cabeceira: 2h da manhã. "Meu Deus! Como fui dormir numa situação dessas?", recriminou-se. O mais rápido que pôde, pegou o telefone e esperou pacientemente que Nicodemus

Goldmann acordasse para atendê-lo. Como o telefone continuasse a tocar e tocar, e ninguém atendesse, Peter trocou de roupa e saiu correndo pelas ruas desertas, em direção à casa do amigo.

— Droga, como dorme este homem! — reclamou em voz alta, enquanto corria com o máximo que sua idade lhe permitia.

Andréa acordou no meio da noite, assustada. Estava sonhando com a irmã: Valery estava casada com Mike; ela chegou e viu que ele estava diferente — mais alto e mais forte e usava roupas esquisitas. Ele virou-se para recebê-la e Andréa viu, horrorizada seu rosto estraçalhado. Ela sentou-se na cama e sacudiu Jake, que dormia ao seu lado:

— Acorde, acorde! — mandou.

— O que foi? — perguntou, ainda cheio de sono, olhando para o relógio que marcava 2h 15 da manhã.

— Minha irmã... Aconteceu alguma coisa com ela.

— Como sabe? Teve um pesadelo? — ele a puxou para si.

— Vamos para a Inglaterra, preciso ver Valery.

— Meu bem, é madrugada... Se está tão preocupada, por que não telefona?

Andréa olhou-o como se não entendesse o que ele estava falando.

"Telefonar... É, vou telefonar", pensou, levantando-se, mas, por mais que insistisse, ninguém atendia a ligação. O celular de Valery estava desligado e essa era a única forma de contato com a irmã àquela hora. Assustada, andava no quarto de um lado para o outro, nervosa. Jake olhou-a, desanimado, e levantou-se também.

— Calma... Ela deve estar dormindo. Venha, vamos voltar para a cama e, quando amanhecer, você liga novamente.

— E se ninguém atender? — perguntou, preocupada.

— Bem, nesse caso, você cancela as últimas tarefas que tem e nós vamos para a Inglaterra. Mary Jane ficará feliz...

Sem estar convencida, mas sabendo que não havia outro jeito, ela se deixou conduzir de volta aos lençóis, dormindo abraçada ao rapaz, que a olhava com olhos ternos. "Maluquinha, mas encantadora", pensou sorrindo, e também dormiu.

Valery chorou até não ter mais lágrimas para derramar e sentir os olhos arderem. A madrugada avançava e, na noite escura, apenas sapos, grilos, morcegos e corujas quebravam o total silêncio.

— Sou um tolo. — disse Jimmy, olhando para ela constrangido. — Fiz você chorar.

— Não, não foi você... Foi... foi... tudo! Minha vida é uma bagunça! Casei-me com um mentiroso, trabalho em uma casa mal-assombrada, uma coisa ruim está atrás de mim e estou sendo consolada por um fantasma! Desculpe-me... Não queria te ofender... O, céus, que droga!

Mas ele não estava ofendido. Olhava para ela cheio de ternura, sentindo, pela primeira vez em quase 130 anos, que havia encontrado alguém com quem podia passar a vida... Isso é, se tivesse uma.

— Não fique assim... Uma coisa que aprendi neste tempo todo é que nada é eterno. Tudo passa, Valery, e sua tristeza também vai passar. Só eu, parece, que não consigo passar...

— Ah, Jimmy! Como eu queria poder abraçar você agora!

Ele riu, pensando que também gostaria de tê-la nos braços e beijar aqueles lábios macios e carnudos, e protegê-la de todos os perigos deste e do outro mundo.

— Quer caminhar um pouco? A noite está bonita e creio que lhe fará bem um pouco de ar fresco. — convidou e ela sorriu, concordando.

Lado a lado, seguiram pela estrada, parando algumas vezes para olhar o céu estrelado:

— Que lindo! — os olhos dela perderam-se na imensidão da abóbada celeste — Como é lindo!

— Você é linda. O céu é só o céu. — disse Jimmy, sério.

Valery, que naquela escuridão não conseguia ver bem seus traços, esqueceu-se de que a aparência dele era horrível e passou, ou tentou passar, a mão pelo rosto do rapaz.

— É horrível, não é, não sentirmos o que tocamos? — a voz de Jimmy tinha um traço de ironia.

— Não. Horrível é você tocar o que não sente. — comentou, pensando nas noites que passou ao lado do marido que nada sentia por ela.

— Você é uma boa moça, Valery Cooper, merece um bom homem. Se eu estivesse vivo, lhe faria a corte.

— Se você estivesse vivo, eu ainda não teria nascido. — brincou ela.

— Nesse caso, chego mesmo a pensar que valeu a pena vagar todos estes anos, se o resultado foi conhecê-la.

Ela parou em frente a ele e sorriu:

— Você é mesmo um cavalheiro... Não existem mais

homens assim, hoje em dia, sabe?

— E nunca houve outra como você, em tempo algum... — Jimmy aproximou-se dela e lentamente inclinou-se, pousando em seus lábios um beijo suave, que ela quis, com toda força de seu coração, sentir.

— Se eu fosse humano, diria que estou apaixonado por você. — Jimmy murmurou, com carinho, olhando-a nos olhos.

— Você é humano, Jimmy. Só é um humano diferente. Mas, caso você me dissesse isso, creio que eu responderia que também estou me apaixonando.

Ele fechou os olhos, querendo prender os sons daquelas palavras na alma.

— As estrelas... Sempre há estrelas nas grandes ocasiões da minha vida. — falou, olhando para o céu magnífico e lembrando-se da noite da sua morte.

Voltaram para casa em silêncio, a mão dele sobre os ombros dela, Brian dormindo, sossegado, no banco de trás, a noite envolvendo suas almas. Um casal apaixonado como outro qualquer, que começava a descobrir um novo rumo para suas vidas... Um rumo, no caso deles, que não levaria à união matrimonial, mas à separação gloriosa.

Peter esmurrou a porta do apartamento de Nicodemus, acordando dois vizinhos antes que o amigo, finalmente, aparecesse, com cara de sono:

— O que foi? Isso são horas? — perguntou, mal-humorado.

— Como dorme, parece uma pedra! Estou ligando há horas e acordei toda a vizinhança antes de você, bela adormecida, sair da cama.

— Entre. — convidou Nicodemus, imaginando que

algo terrível tinha acontecido para Peter estar ali. — O que foi?

— Lembra-se daquela moça que vi, chamada Valery Cooper?

Nicodemus ficou atento.

— Há algo errado com ela, Nico. Não sei explicar o que é... A palavra que mais se aproxima do que senti é "presença". Algo muito cruel e que não vai poupar esforços para destruir a garota nem o rapaz...

— Que rapaz? Do que está falando, homem? — perguntou, colocando a chaleira no fogo.

— Sente-se, Nico. Creio que você está diante do caso mais assustador de toda a sua vida; um caso em que o mal em pessoa parece estar presente.

Nicodemus arregalou os olhos. Sabia bem das capacidades do amigo e a aversão que tinha a elas. Mas, se ele dizia que era o mal, então Nicodemus não duvidava.

Sentou-se, atento:

— Diga, Peter, o que viu?

— Nico, eu vi o demônio. — falou McKenzie, com a mesma naturalidade de quem pede uma caneca de chá.

— E ela não veste azul. — completou, fazendo uma brincadeira que o outro não entendeu.

— O demônio é uma mulher? — perguntou o doutor Goldmann, atônito e assustado.

— Pelo amor de Deus, homem, você nunca vai ao cinema? — censurou Peter e, com um suspiro, começou a relatar suas visões.

Valery acordou com o som do telefone tocando a seu

lado. Ainda de olhos fechados atendeu e, quando ouviu a irmã, quase histérica, gritando em seu ouvido, olhou confusa para o relógio: 6h da manhã.

— Onde você se enfiou ontem à noite? Quase morri de preocupação! — censurou Andréa.

— Fui jantar com uns amigos e voltei tarde. A bateria do telefone acabou. Aconteceu alguma coisa? Você está bem? — Valery começou a ficar apavorada.

— Eu estou bem... Você é que me preocupa. Está tudo bem por aí?

— Está... Tudo tranqüilo, calmo e sem problemas. — mentiu — Por quê?

— Nada... Tive um pesadelo com você. Creio que me apavorei à toa. Estava disposta a viajar hoje para vê-la.

Valery riu e garantiu que estava tudo bem e disse que, se Jake pudesse esperar mais algumas semanas para vir, seria melhor, já que, por enquanto, não havia quase nenhum progresso na reforma. Tinham apenas aberto a casa e trabalhavam nas escoras e contenções.

— Mandei um relatório anteontem para ele, com fotos e tudo.

— É, eu sei... Mas não quero demorar tanto para vê-la, minha irmã...

Quando finalmente desligou o telefone, Valery correu para o chuveiro, cheia de planos de trabalho na cabeça.

A noite anterior, a mais estranha de sua vida, pairava em seus pensamentos, trazendo de volta os momentos que dividiu com Jimmy. Breves, mas sinceros. Pensou nele e imaginou como seria vê-lo sem aquela cicatriz e com roupas mais decentes.

"Meu Deus, o mundo para desabar sobre mim, livros voando, mágoas para esquecer e eu pensando em um

morto!", censurou-se, sentindo que nada era tão importante naquele momento quanto o "morto" que estava, em seu coração, mais vivo a cada minuto.

Jimmy, que a observava de longe, quando ela correu para o canteiro de obras àquela manhã, também pensava na noite anterior.

— Não é incrível, Brian, que depois de tanto tempo eu ame alguém que não posso ter? E pensar que as mulheres faziam fila apenas para receber minhas atenções...

O cachorro latiu alto, parecendo concordar com ele, e saiu correndo em direção ao bosque.

O dia passou, os trabalhadores voltaram para o acampamento e a noite desceu suave, mais uma vez inundando o céu de estrelas cintilantes.

Valery estava debruçada sobre a prancheta, quebrando a cabeça para descobrir como mexer em um dos muitos quartos daquela casa, quando ele chegou. Sem querer assustá-la, mandou Brian entrar na casa de madeira. O cachorro atravessou a parede e sentou-se ao lado dela, deitando-se a seus pés. Valery entendeu o recado e abriu a porta para Jimmy entrar:

— Não quis assustar você, entrando de repente. E também não fica bem a um cavalheiro invadir a casa de uma dama. — explicou ele, cheio de mesuras, ao que Valey riu e pediu que entrasse:

— O que é isso que está fazendo? — quis saber, curioso, sobre o projeto.

Ela explicou e Jimmy ficou interessado:

— Odiei quando vocês chegaram aqui e vi tanta gente estranha andando em minha casa. Mas agora, vendo as obras e tudo sendo limpo e arrumado, gosto

do que está fazendo.

— Fico feliz que pense assim. Trabalho com restauros faz tempo, mas esta é a primeira vez que recebo a aprovação do legítimo dono do imóvel. — ela sorriu abertamente e ele teve vontade de abraçá-la com força.

— Mas me explique: onde está a dificuldade do projeto?

Valery pegou a planta da casa e os esboços que havia feito e discutiu com ele seus planos. Jimmy mostrou-se um ouvinte interessado e, como conhecia aquele lugar melhor que ninguém, pôde dar a ela algumas sugestões e explicações que a ajudaram muito.

— Vai fechar a passagem? — estranhou o rapaz.

— Que passagem? A única que descobri foi aquela que vai do escritório até um quarto no andar de cima.

— Há outras... A casa inteira é cheia delas. Um antepassado meu teve um sério desentendimento com o Rei Charles e ficou com medo de que ele mandasse prender ou raptar alguém. Então, construiu vários corredores secretos...

— Não brinca! Pode me mostrar? — Valery olhou, entusiasmada, para ele, os olhos brilhando, a boca entreaberta. Mais uma vez ele teve vontade de tomá-la nos braços.

— Você me faz renascer, Valery Cooper. Faz com que eu sinta e pense coisas que julguei que jamais pudesse...

— Não seja bobo... Você é apenas solitário, nada mais. E sofrido... E não é para isso que servem os amigos?

— Você é mais que uma amiga... Você é...

— Eu sou uma arquiteta que está queimando de curiosidade de conhecer os corredores secretos feitos pelo seu ancestral. Quando vai me mostrar?

Jimmy sentiu que Valery evitava falar sobre o beijo da noite anterior e tomou aquilo como uma recusa sua em querer se envolver com ele. E por que ia querer? Ele estava morto, por Deus! O que tinha a oferecer a alguém?

— Amanhã. Não creio que seja seguro entrarmos lá durante a noite, você sabe... Não quero que nenhum mal a ataque.

Ela o olhou, agradecida pelo cuidado, e soprou um beijo em sua direção.

— Tenho de trabalhar, Jimmy, mas, se quiser ficar aqui comigo, eu vou adorar. Já ligaram a televisão, caso queira assistir...

— Televisão?

— Não sabe o que é?

Ele fez que não e ela mostrou a ele.

— Notável! Fabuloso! Isso é o maior invento da humanidade! — Jimmy mal acreditava em seus olhos.

— Não, há outros maiores e melhores, garanto-lhe...

Jimmy descobriu rapidamente que não precisava de controle remoto para mudar os canais. Conseguia interferir no campo magnético do aparelho e comandá-lo com facilidade. Durante horas, ele ficou ali, divertindo-se feito criança, enquanto ela trabalhava. Muitas vezes ela olhou para ele e sentiu vontade de largar tudo e deitar-se em seu colo ou afagar-lhe o cabelo, mas lutava contra essas idéias. Não tinha como tocá-lo, aquilo tudo era ridículo. "Não posso amar um

morto, não posso!", pensou, lembrando-se daquele beijo que quisera tanto sentir.

Quando enfim terminou o que estava fazendo, aproximou-se dele, bocejando.

— Está cansada e eu aqui, tomando o seu tempo. Que modos!

— Jimmy, posso perguntar uma coisa pra você? Promete não se ofender?

— Claro, o que quiser. — disse.

— Por que ainda está com o rosto assim? Quero dizer, não pode ser como era antes?

Ele baixou os olhos. Que burro! Claro que a moça havia de se assustar com aquela aparência horrível.

— Nunca pensei... Não vi razão, quero dizer, a última vez que me vi, eu estava assim, então... deixei que ficasse desse jeito. Você quer que eu mude isso?

— Você pode? — os olhos dela brilhavam tanto que ele desviou os seus. Lentamente, Valery viu a aparência dele mudar, como imagens de filme em que uma cena desaparece devagar e outra surge: os traços de Jimmy foram se refazendo e ele surgiu em toda sua beleza e virilidade diante dela. Os cabelos ondulados e longos bem penteados, os olhos azuis brilhantes, o maxilar forte, formando um ângulo quase reto, o nariz viril, os lábios vermelhos e sensuais, o queixo quadrado e um sorriso magnífico que mostrava dentes brancos e perfeitos.

— Melhorou? — perguntou, embaraçado.

— Muuuito! — foi a resposta que ouviu.

Valery achou-o deslumbrante, um verdadeiro deus, cheio de força e virilidade, traços fortes e bem marcados e com um corpo perfeito.

— Pode ter qualquer aparência? — perguntou.

— Não sei, nunca tentei, mas creio que sim. Eu me lembrei de como era antes e fiquei assim. Então, se pensar em outra pessoa, talvez possa ficar igual a ela...

— E a roupa? Pode mudar?

Jimmy olhou para sua camisa suja pelo sangue seco, a calça empoeirada, as botas imundas e mais uma vez se censurou. Como podia aparecer assim diante de uma dama?

Como aconteceu antes, os trajes antigos foram substituídos por outros, novos, bem cortados, bem passados e muito elegantes.

— Estou bem assim? — perguntou — Ou prefere algo mais moderno?

— Oh, não, está perfeito. Você é um lindo homem, William Patrick James McGregor, um lindo homem.

Ele sorriu:

— E você uma belíssima mulher, Valery Cooper.

O azul dos olhos dele se misturou ao dos dela e ambos ficaram em silêncio — aquele silêncio que acontece quando duas pessoas que se amam insistem em não falar o que o coração exige que digam.

— Você dorme? — perguntou a moça, cortando o clima do momento.

— Sim, claro... Às vezes... Nem sempre, entretanto. Depende... daquilo...

— Entendo... Quer dormir aqui? Tenho mais um quarto, que reservei para minha irmã, mas ela está demorando a vir... Então, se quiser, eu ficaria muito feliz em hospedá-lo.

— Será que fica bem? Não quero manchar sua reputação... — ele parecia preocupado.

— Não seja bobo! Quem vai saber?

— Nós dois... Não basta?

Ela abriu os olhos, completamente envergonhada. O rosto ardeu de rubor e, sem saber o que dizer, caminhou até o quarto extra e abriu a porta.

— Se quiser, é seu...

— Desculpe-me, eu não quis ser grosseiro...

— Não foi. — respondeu a moça — foi apenas cavalheiro. E eu estou encantada que seja assim.

Valery desejou boa noite e deixou Jimmy lá, olhando indeciso para a porta aberta. Brian já havia entrado e ele acabou fazendo o mesmo.

"Isso não está certo", pensou, "estou morto e fazendo de conta que estou vivo. Que inferno! Quando encontro alguém que me faz ter vontade de viver, não vivo mais".

No quarto ao lado, Valery pensava em como o rapaz era bonito e em como a vida era irônica em suas surpresas. "Tanto tempo sozinha e, quando consigo olhar para alguém com interesse, ele está morto. Preciso parar com isso".

Mas nenhum dos dois conseguia deixar de sentir que finalmente haviam encontrado a pessoa certa. E nenhum deles, com certeza, sabia como evitar que seu coração se apaixonasse.

Capítulo VIII

Albert Chamberlain, desde a noite do jantar em sua casa, não conseguia parar de pensar em Valery e em seu estranho comportamento. A sombra de uma idéia plantara-se em sua cabeça e não conseguia tirá-la de lá. Ele andava cismado que ela não fora só para jantar.

Por algum motivo que não atinava qual era, podia jurar que o tal homem que a salvou àquela noite, e que particularmente ele pensava ser o jovem McGregor, estava com ela. Para piorar suas suspeitas, o telefonema de Nicodemus Goldmann, informando que ele e seu amigo Peter McKenzie estavam embarcando para a Inglaterra em dois dias, o perturbou:

— Turismo? — perguntara o velho, ao amigo americano.

— Problemas. — respondera Nicodemus, com voz séria.

— Não pode me dizer o que está acontecendo?

— Conversaremos aí, caro Albert. Não creio que deva deixá-lo preocupado antes da hora.

Mas havia deixado. Para Nico e o tal Peter se abalarem de Chicago até Bridgnorth é porque alguma coisa realmente séria estava acontecendo — ou estava para acontecer. E Albert tinha certeza de que tudo estava ligado aos estranhos acontecimentos na mansão McGregor.

As fotos que mandou para análise também haviam chegado, acompanhadas de um relatório que afirmava não terem sido encontradas falhas no filme que as registrou, mas era necessário que se inspecionasse o equipamento utilizado. "Como vou conseguir isso?", pensou, desanimado, e decidiu ligar para Valery.

— Não entendo nada do que está escrito neste "dussier"! — exclamou Mary Jane, jogando as folhas de papel que Jake havia deixado para informá-la do andamento das obras na Inglaterra.

— É o relatório da arquiteta que você contratou,

bezerrinha. A moça trabalha bem e está estritamente dentro do orçamento. — respondeu Allen, com ternura.

A blusa de seda branca, que ela usava desabotoada, deixava ver um corpete de renda azul-turquesa, que ressaltava ainda mais os seios volumosos — de onde o marido não despregou os olhos, fascinado.

— Creio que Jake devia ir logo pra lá. Estou nervosa pra saber como andam as coisas.

— Mas, meu bem, a moça manda relatórios semanais e, além disso, a reforma pra valer começou faz pouco tempo! — argumentou. Não queria que Mary Jane se aborrecesse.

Ela o olhou pensativa e disparou, com olhos brilhantes:

— Eu quero ir lá ver como andam as coisas!

Allen largou a xícara de café:

— Não posso viajar agora, bezerrinha, estou cheio de reuniões importantes.

— Mas eu posso, tourinho. Sabe o que dizem: o olho do dono engorda o cavalo. Eu vou ver como andam as coisas por lá...

A idéia de ter Mary Jane viajando sozinha para a Europa não agradou ao marido de forma alguma. Mas ela fez beicinho, sentou-se no colo dele, os volumosos seios chegando quase ao seu nariz, e Allen cedeu.

— Acha que consegue? Jake ainda precisa ficar aqui algum tempo. Não vai poder acompanhar você.

— Não se preocupe, sou uma mulher vivida, "global-lizada", como me ensinou aquele professor que você contratou. Posso me virar muito bem sozinha!

Allen suspirou. Era justamente isso que ele temia.

Valery estava descobrindo as tais passagens secretas que Iam McGregor mandara fazer, com Jimmy e Brian a seu lado, quando o celular tocou e Albert contou sobre as fotos:

— Posso tentar com o pessoal que contratei para ver se cedem o equipamento, professor, mas não garanto nada. De qualquer maneira, vou falar com eles. — assegurou.

— E como estão as coisas por aí? Está tudo tranqüilo?

Valery olhou para o rapaz e depois para Brian, que sacudia o rabo, feliz:

— Tudo perfeitamente normal. — respondeu, pensando no que o homem diria se soubesse que havia dois fantasmas hospedados em sua casa.

— Fico feliz que seja assim. Meus amigos da América estão vindo para cá. —informou.

— Que boa notícia! Vou gostar de conhecê-los! Com certeza passaremos bons momentos juntos! — ela não podia estar mais errada.

Assim que Valery se despediu de Albert, Jimmy mostrou-lhe onde ficava uma das passagens. Juntos, gastaram boa parte da manhã andando por corredores secretos, cheios de poeira, teias de aranha, ratos e baratas.

— Preciso mandar os rapazes limparem estes lugares e depois pensar em como aproveitá-los. Esta casa é magnífica! Maravilhosa, mesmo!

— Fico contente que goste. Fomos muito felizes aqui. Éramos uma família unida e alegre.

Valery viu que os olhos de Jimmy adquiriram uma expressão sonhadora:

— Conte-me sobre vocês, por favor. Vou adorar saber.

Jimmy sorriu e, com expressão pensativa, falou sobre sua infância e juventude, sua mãe e irmãs, a implicância do pai porque ele se recusava a casar, seus amigos e tudo de que se lembrava.

Valery notou que, à medida que as lembranças alegres retornavam e ele se recordava da felicidade que viveu, do amor da família e da alegria dos amigos, Jimmy começou a mudar. Seu semblante foi se tornando mais luminoso e a sombra de tristeza e desilusão de seus olhos praticamente sumiu.

Caminhavam pela casa, com ele lhe indicando os locais aonde Iam McGregor escondeu suas passagens secretas. Enquanto narrava sua vida, ela ouvia, cheia de atenção, fazendo alguns comentários aqui e ali.

Os homens que trabalhavam na casa olharam-na espantados, pois parecia que ela estava falando sozinha. Eles trocavam olhares que indicavam que ela havia ficado biruta.

— Coitada... Tão nova e já *caducou...* — comentou um deles.

— Ela vê fantasmas. Deve estar falando com um deles. — disse o moço que ouviu os uivos de Brian semanas antes.

— Lá vem você com essa história. Covardão! — gargalhou um deles, olhando Valery sumir dentro de uma parede.

A arquiteta e seu amigo do outro mundo seguiram por um comprido corredor, subiram uma escadinha estreita e saíram em um dos quartos do andar de cima.

— Meu quarto. — anunciou ele.

A moça correu os olhos pelo lugar, notando o parque do chão e o resto de tecido azul que cobria as paredes, tudo em estado de decomposição.

— Minha cama ficava aqui e a escrivaninha ali... Havia cortinas pesadas de veludo azul e forro branco, além de muitos tapetes. A lareira tinha cornija de mármore e revestimento de carvalho. Aqui, bem ao lado, ficava um conjunto de atiçadores de bronze e sobre esta parede um quadro com o rosto da minha mãe...

Os olhos dele brilhavam, agora de saudade. "Onde foram parar todos, meu Deus?", pensou, com o coração pesado. "Minha época se foi, todos que conheci um dia não existem mais e virei uma alma penada... Preciso me libertar, seguir meu caminho!", constatou, sentindo-se impotente e infeliz diante da realidade que o assombrava.

Valery, percebendo sua expressão tornar-se carregada, aproximou-se:

— Não fique triste, Jimmy, tudo vai dar certo...

Apesar do dia quente e ensolarado que fazia e do calor que sentia, de repente, Valery se arrepiou, como se alguém tivesse aberto a porta de um grande freezer às suas costas. Uma onda gelada envolveu seu corpo, fazendo-a tremer. Jimmy encarou-a com olhar desesperado e esticou a mão para alcançá-la, enquanto sua imagem se desvanecia no ar. Apavorada, ela ouviu aquela apavorante voz sussurrar em seus ouvidos, enquanto algo mexia em seus cabelos:

— Valery...

Assustada, gritou, fazendo com que os moços da obra corressem até ela. Com olhos estupefatos, a moça

balbuciou:

— Aquela coisa... levou Jimmy.

Preso novamente naquele lugar úmido e malcheiroso, ele sentia que sufocava horrivelmente, enquanto seu corpo era torturado de forma indescritível. Brian gania e chorava, sem nada poder fazer, e seu pêlo sedoso encharcava-se de algo gelado e viscoso. Jimmy, a princípio, deixou-se ficar ali, como sempre, aguardando o momento em que finalmente aquilo acabasse. Foi então que algo diferente aconteceu. O rosto de Valery apareceu diante dele, que se fixou na sua imagem e no beijo que trocaram sob as estrelas.

O algoz invisível que o aprisionava, ao perceber que William Patrick começava, de alguma forma, a esboçar uma reação, torceu-se, mais furioso e violento, infligindo-lhe torturas inimagináveis. Como se fosse um jogo de braço-de-ferro, quanto mais ele se agarrava à imagem de Valery, mais a força o torturava, até que, vencido pelas dores e pela fraqueza, perdeu os sentidos, abandonando-se ao sadismo e à crueldade daquele que o aprisionava.

Brian, como já fizeram muitos cães antes dele e com certeza muitos ainda farão, desesperou-se ao ver o dono sofrer daquela forma. Seguindo sua forte intuição e afetividade, correu em busca de ajuda.

O dia passou, com Valery gritando por Jimmy em cada canto daquela casa, os empregados olhando para ela sem saberem o que fazer, assustados. Desorientada e temendo pelo que podia acontecer a ele, telefonou para Chamberlain, falando agitada e confusamente

sobre o que havia acontecido. Ele, claro, não conseguiu entender uma palavra sequer, a não ser "Jimmy", "Brian" e "medo". Meia hora depois, chegava à mansão, rezando para que tudo não passasse de apenas mais um susto.

Acalmou Valery, utilizando mais uma vez a hipnose e, quando ouviu dela tudo que aconteceu, teve de se controlar para não começar a fazer perguntas que, sabia, ela não tinha como responder. Contou de dez até um e então, olhando-a com serenidade, perguntou:

— Você pode me levar ao local aonde diz que o rapaz sumiu?

Ela o acompanhou até o quarto de Jimmy, rezando para que Albert pudesse fazer alguma coisa, desesperada para encontrá-lo.

O professor caminhou pelo quarto, tocou as paredes, tentou "sentir" alguma coisa, mas tudo que conseguiu foi espirrar, devido à poeira e ao cheiro de mofo do lugar.

— Ele disse que essa coisa que o leva é um fantasma? — perguntou, procurando dar forma à idéia que se esboçava em sua mente.

— Mais ou menos... — ela explicou o que Jimmy dissera.

— Eu quero ajudá-lo, professor. Ele é uma pessoa maravilhosa, tem bom coração, não merece passar por isso!

Albert olhou-a com olhos de quem entende mais do que as palavras dizem: ela estava apaixonada.

— Creio que, assim como você, seu amigo também está sendo vitima de algo que ele mesmo provoca...

— Mas ele está morto!

Albert suspirou. Durante todos aqueles anos de pesquisa, negara que mortos pudessem se comunicar ou que fantasmas fossem reais. Para ele tudo era produto da mente humana, esse desconhecido universo que cada um de nós traz dentro de si. Naquele momento, entretanto, esqueceu suas convicções.

— Ele está morto, mas ainda está aqui. Não se desligou deste mundo como deveria e, segundo você, não se afastou desta casa desde que morreu.

— É verdade... Jimmy disse que a primeira vez em que saiu foi na noite em que jantamos com o senhor.

Albert sorriu, pensando que suas desconfianças estavam certas.

— Não creio que haja nada que possamos fazer. Não até meus amigos chegarem de Chicago. Até lá, senhorita Cooper, só podemos rezar.

— Mas eu não sou religiosa, não freqüento igrejas e, sinceramente, não creio que saiba fazer uma oração como se deve. — os olhos dela estavam cheios de lágrimas.

— Se não me engano, alguém disse há alguns milênios que, para se rezar, basta ouvir a voz do próprio coração...

Valery segurou a mão do amigo, fechou os olhos e pensou em Jimmy. Depois fixou o pensamento no beijo deles e, trazendo de volta a imagem do anjinho dourado que ficava sobre sua cama, pediu silenciosamente:

— Ajude-o, por favor.

Sentiu o peito se aquecer pela força com que fez o pedido, repetido várias vezes com fervor. Nem ela nem Chamberlain ou Jimmy viram a luz dourada que se

formava sobre eles. Também não viram quando essa luminosidade se infiltrou suavemente pelo ar, até alcançar o rapaz, que jazia caído, vítima do sofrimento insano que o afligia. Lentamente, a névoa dourada espalhou-se por aquele lugar, aliviou as dores de Jimmy, mergulhando-o em um sono reparador. Da mesma forma, a força negra que o dominava, ao sentir a presença da luz que, apesar de suave, tinha poderes acima dos seus, soltou sua presa e desapareceu dali.

No quarto onde Valery e Albert, juntos, pediam pela salvação de Jimmy, um vulto negro e disforme se formou, tornando-se de tal forma cheio de raiva e maldade, que eles se arrepiaram.

— Nada possui mais força do que um coração iluminado. — disse Albert, sem entender por que aquelas palavras saíram de seus lábios. Valery, ainda com os olhos fechados e o coração concentrado em Jimmy, repetiu as palavras, pensando ser algum tipo de oração. Por minutos a fio, ambos ficaram lá, dizendo a mesma frase, até que o professor Chamberlain sentiu que tudo estava bem.

— Desde que você chegou aqui, tenho sentido coisas que jamais imaginei ser capaz — disse ele, emocionado, e Valery o abraçou.

— Acredita que nossas orações ajudaram? — perguntou, preocupada.

— Orações sempre ajudam, minha querida. Elas são energia luminosa que atinge beneficamente tanto quem as faz como a quem são dirigidas. Tenho certeza de que, esteja onde estiver, o seu Jimmy está bem.

— Sei que isso tudo parece loucura e que eu pareço uma doida, mas o que eu mais gostaria agora é poder

estar com ele.

Chamberlain olhou-a, compreensivo:

— Eu sei que sim. Mas, se quer mesmo ajudá-lo a encontrar seu caminho, o melhor que tem a fazer é se acalmar, limpar a mente e esperar. A solução e a ajuda já estão a caminho. — disse essas últimas palavras pensando em Nicodemus Goldmann e Peter McKenzie, que deviam chegar em alguns dias. Quando percebeu que ela estava bem e mais tranqüila, Albert voltou para Bridgnorth e Valery ao trabalho, procurando "limpar a mente", como havia aconselhado o professor. Voltou à planta da casa, marcando nela todas as passagens ocultas que descobriu, esforçando-se para encontrar soluções inteligentes e aproveitar bem aqueles espaços todos.

A noite caiu sem que ela percebesse. Os operários foram até sua casa saber se estava tudo bem ou se ela precisava de alguma coisa, preocupados que estavam com a cena que presenciaram horas antes. Por fim voltaram ao acampamento, deixando Valery em paz.

Seguindo à risca os conselhos de Albert, ela voltou ao trabalho e largou a prancheta quando ouviu, vindos do bosque, os latidos de Brian. Correu porta afora, encontrando o cão com aparência cansada, pêlo molhado e sujo, olhos baços:

— O que houve com você? Onde está Jimmy? — Perguntou, abaixando se ao lado do animal, quase deixando o coração sair pela boca, quando sentiu a lambida do cão em seu rosto.

— Meu Deus! Eu posso sentir você, Brian! Leve-me até ele, por favor!

O cachorro disparou bosque adentro e Valery seguiu

atrás dele. Nem percebeu que era noite fechada, não havia um pingo de luz e mesmo assim enxergava tudo claramente. Não notou que seu corpo se movia com rapidez e que nada parecia tocá-la: nem os galhos das árvores, nem os arbustos, nem os espinheiros.

Brian, o focinho apontado para frente como uma flecha, entrou entre as árvores e começou a descer um barranco que Valery desconhecia e que parecia não ter fim. A escuridão aumentava a cada passo, as estrelas sumiram e o suave aroma de madeira e resina foi sendo substituído por um cheiro fétido e a brisa por um ar frio e úmido, até que Brian parou de repente, ganindo e chorando baixinho.

Desacordado, as roupas sujas e a aparência desfigurada, estava Jimmy, encolhido sobre si mesmo numa posição típica de quem sentia dores atrozes.

Janet Fiennes, sentada em sua cama, tentava se acalmar, dizendo a si mesma que Alicia Sullivan era uma pessoa amarga e infeliz e não merecia que ela dedicasse um pingo sequer de atenção à sua triste existência. Dizia, mas não conseguia evitar as lágrimas de frustração e injustiça que brotavam dos seus olhos. Esquecida do jantar no salão do hotel, dos hóspedes que precisava atender e dos empregados que precisava fiscalizar, só pensava na vontade que sentia de ter acertado um belo soco naquela cara de cavalo. A mulher, horrorosa na sua opinião, cruzou com ela quando ambas se dirigiam ao mercado e, movida sabe-se lá por qual razão, começou a insultá-la repentinamente:

— Não sabia que bastardos faziam compras aqui,

Harry. — disse, dirigindo-se ao dono do lugar, que, pego de surpresa, perguntou:

— Do que está falando, lady Sullivan?

— De quem mais? Da prima do "bastardinho Fiennes", que o diabo leve sua alma.

O homem ficou desconcertado. Janet, a poucos passos de distância, ouviu tudo e sentiu o sangue ferver. E Harry sabia bem que, quando o sangue dela fervia, sua reação era furiosa.

— Está falando de mim? — perguntou, aproximando-se.

— A criadagem está cada dia pior, hoje em dia, não é mesmo, Harry? Dirigem-se aos patrões sem um pingo de respeito. Mas, também, o que se pode esperar de gente tão baixa? — Alicia continuava olhando para o homem, fingindo que não havia ninguém a seu lado.

— Tenha ao menos a decência de olhar para mim quando fala! — explodiu Janet.

Alicia sorriu, mostrando os seus dentes enormes e quadrados. Estava tão parecida com um cavalo naquele instante que, se relinchasse, ninguém estranharia. Virou-se lentamente para Janet e, quando falou, seus olhos lançavam chispas de ódio e rancor:

— Você vai ter o mesmo fim que todos da sua família imunda tiveram e eu lhe digo que, enquanto um único Sullivan respirar sobre a face da Terra, nenhum de vocês terá paz. E, quanto àquela espelunca que chama de hotel e que foi montada com o dinheiro da minha família, cuidado: pode ser que qualquer dia desses ela desapareça, em decorrência de alguma fagulha que escapou da lareira...

— Está me ameaçando? — urrou Janet, controlando-

se para não agarrar aquela cara-de-cavalo e socá-la até se acalmar.

— Não faço ameaças, cumpro promessas. — disse, virando as costas.

Antes de sair, porém, olhou Janet com um petulante ar de desdém:

— Muito me admira que gente tão malformada de corpo tenha coragem de usar calças tão justas.

Harry, apalermado, não sabia o que dizer e Janet, para não explodir, agarrou a primeira coisa que viu e atirou com força no chão. O litro de uísque espatifou-se e o cheiro da bebida misturou-se às lágrimas de raiva que ela começava a derramar. Voltou para o hotel, enfiou-se no quarto e não falou com ninguém. Mandou embora os empregados que bateram a sua porta, não atendeu ao telefone e, quando a cozinheira foi perguntar o que preparar para aquela noite, a resposta foi impublicável.

Claro que aquela não era a primeira vez que Alicia a provocava e tambem duvidava que fosse a última. Mas nunca antes tinha falado com tanto ódio na voz ou a ameaçado tão francamente. "Ela está enlouquecendo, como aconteceu com aquela sua antepassada, a mulher do Andrew Sullivan", ponderou. "Mas por que fica me acusando de uma coisa que não fiz?! Que culpa tenho eu se Sir Andrew teve um caso com a coitada da Truddy? Não tenho nada com isso!", revoltou-se, e teria ficado mais um bom par de horas discutindo consigo mesma, não fosse Albert subir e bater vigorosamente na porta:

— Janet, abra! Precisamos conversar!

— Vá embora! Não quero ver ninguém!

— Ande logo, mulher! Estive na mansão McGregor hoje, a senhorita Cooper passou mal!

— O que aconteceu com Valery? — perguntou, abrindo rápido a porta e encarando Albert com os olhos inchados de tanto chorar.

— Antes, diga-me o que houve com você! — perguntou ele, preocupado.

Janet fungou, erguendo o queixo em atitude altiva:

— Alicia-cara-se-cavalo-Sullivan.

— Oh, céus! — exclamou ele, abraçando-a. — Sinto muito. Venha, vamos descer e tomar uma bebida. Temos muito para conversar. — disse ele, levando Janet.

Valery debruçou-se sobre o corpo de Jimmy, tremendo ao sentir que podia tocá-lo. Lentamente virou-o de costas, alisou seus cabelos e limpou o suor de seu rosto com as mãos. Sem saber o que fazer e sem forças para levá-lo dali, sentou-se no chão e colocou a cabeça dele em seu colo, aninhando-o carinhosamente. Ao seu lado, Brian começou a lamber as mãos do dono, chorando baixinho.

"Que lugar será esse?", pensou, procurando não se concentrar no cheiro horrível e no chão viscoso onde estava. Chamou o rapaz várias vezes pelo nome e a única coisa que a consolava é que ele não podia morrer. "Graças a Deus já está morto", suspirou, achando estranho aquele pensamento.

Inconformada por não poder fazer nada, repetiu as palavras que havia dito com Chamberlain àquela tarde: "Nada possui mais força do que um coração iluminado". Concentrou seu pensamento no anjinho dourado e,

apoiando sua mão sobre o peito forte de Jimmy, fechou os olhos.

Novamente não viu a luz dourada que a envolvia, mas sentiu uma onda de tranqüilidade e paz acercar-se dela. Sem abrir os olhos, continuou repetindo a oração, até que Jimmy se moveu. Mal acreditando que ela estava ali, que o seu colo servia de apoio a sua cabeça e que as mãos dela tocavam seu peito, gemeu:

— Valery...

— Jimmy! Meu Deus, o que aconteceu?

Com esforço, ele narrou tudo, enquanto ela ouvia desesperada:

— Isso tem que acabar! — disse com veemência, olhando nos olhos dele. — Não pode ficar assim para sempre, escravo do sofrimento.

Ele a abraçou, sentindo medo de perguntar como aquilo era possível. Valery também não quis tocar no assunto, com medo de que, se falasse, tudo desaparecesse. Apenas sentiu os braços dele em volta dos seus, os músculos fortes e bem-definidos do peito dele aconchegando seu corpo.

Brian foi o primeiro a perceber que precisavam sair dali antes que tudo recomeçasse, e latiu com força, chamando os jovens de volta à realidade.

Seguindo o cão, que mostrava o caminho, Jimmy e Valery caminhavam, abraçados, ajudando-se mutuamente a subir a colina íngreme e escura. Alcançaram uma região mais plana e, enfim, estavam de volta ao bosque. Sobre eles, o céu pontilhado de estrelas brilhantes; à sua volta, o suave aroma das árvores.

— Como me encontrou? — quis saber Jimmy, olhando

dentro de seus olhos.

— Brian me trouxe. — o olhar de Valery mergulhou no azul dos olhos dele.

— Um grande amigo. Mas você se arriscou demais vindo até mim. Por que fez isso?

— Estava preocupada e não podia deixar você abandonado à própria sorte. Eu... não consegui, entende?

Ele a olhou. Primeiro os olhos, depois o nariz arrebitado e, descendo o olhar, parou sobre os lábios macios que tanto desejava sentir. Com delicadeza, pousou neles um beijo, alimentando-se daquele toque de carinho, sentindo a umidade, a maciez, o calor da sua boca. Valery abriu os lábios para receber os dele e, quando suas línguas se tocaram sob a luz das estrelas, o mundo desapareceu. Jimmy apertou-a nos braços e ela se deixou conduzir, abraçando sua cintura forte, deslizando suas mãos por aquelas costas másculas e musculosas, pela pele macia, sentindo que ele tremia ao receber seus carinhos.

— Quanto tempo, meu Deus, quanto tempo! — sussurrou ao ouvido dela, apertando-a mais, enquanto ela continuava a acariciá-lo. Beijaram-se outra vez e mais outra. Jimmy estava matando sua sede de amor, de carinho e de vida, no corpo delicado e frágil de Valery, que naquele momento era seu paraíso. Agarrou a cintura dela e seu braço enlaçou-a inteira, tal a delicadeza de suas formas. Os seios firmes encostaram-se em seu peito exposto pela camisa aberta e ele gemeu, desesperado para senti-la mais. Valery, que há anos não sabia o que era desejar alguém, sentiu o corpo acordar de tal forma que se assustou.

— O que foi? — perguntou ele, percebendo que a atitude dela havia mudado.

— Nada, é que... faz tanto tempo, Jimmy... Eu nem sabia que ainda podia sentir alguma coisa...

Ele riu alto:

— Se faz tempo para você, imagine para mim! — disse, com os olhos brilhando de satisfação.

Valery riu com ele e depois o olhou, séria:

— Eu te quero, William Patrick James McGregor. Quero muito.

— Acho que essa fala é minha... Afinal, um cavalheiro...

— Jimmy!

Ele a olhou e ela completou, jogando-se em seus braços:

— Os tempos mudaram!

Beijaram-se novamente, os corpos ardendo de paixão e desejo, embriagando-se em carinhos e toques, nas línguas que se cruzavam, nos lábios que se misturavam. Jimmy, faminto de desejo, mordeu os lábios de Valery, sentindo sua maciez entre seus dentes, e não se cansava de apertar aquela cintura fina que o enlouquecia.

Ela começou a tirar a camisa dele, doida de vontade de sentir aquele peito enorme e viril junto à sua pele e ele se livrou das roupas com rapidez, mal controlando a respiração. Valery mordeu o peito dele e, ao gritar de prazer, Jimmy apertou-a mais, mostrando o quanto a desejava, comprimindo no seu corpo sua masculinidade endurecida e firme. Ainda a beijando, lentamente deitou-a sobre a relva, acariciando-a de todas as formas que podia, sentindo o corpo pulsando de vida e de

paixão. Valery sentiu a vegetação macia tocar sua pele, quando Jimmy tirou sua blusa e olhou intrigado para o sutiã:

— O que é isto? — perguntou.

— Não importa... vai sair também. — disse e se livrou da peça, expondo os seios perfeitos, delicados, firmes, de bicos rosados e ligeiramente endurecidos, que esperavam pelos carinhos dele.

— Linda... você é linda! — disse, enchendo a alma com aquela visão. A visão dos seios da mulher que amava.

Beijou-a com ardor e começou a acariciar seus mamilos, endurecendo-os mais e mais, enquanto lambia e mordia o seu pescoço e acariciava sua cabeça, seus cabelos longos, gemendo para a noite estrelada. As mãos dele, enormes, cobriam os seios dela, para depois descerem ao encontro da sua barriga lisa e macia, enquanto os lábios dele se aproximavam dos mamilos, ávidos por seus carinhos. Ele a acariciou de todas as formas, lambendo, mordendo e sugando seus seios, ora com delicadeza, de modo quase imperceptível, ora com sofreguidão, arrancando dela gemidos que jamais tinha imaginado poder emitir.

Balbuciando coisas que apenas os amantes conhecem, Valery sentiu que delirava de desejo, o corpo chamando por aquele homem vindo de outro mundo para ela. Ajudou Jimmy a tirar seus jeans e ele a ajudou a despi-lo. Nu, em frente a ela, suas formas másculas pareciam esculpidas por um artista. Eram tão perfeitas e definidas que nem mesmo Michelangelo poderia retratá-las. Jimmy puxou-a para si, sentindo a nudez dela esfregar-se à sua, as peles se misturando, a

umidade dela molhando sua coxa quando a colocou entre as da garota.

— Você é a mulher mais linda que já vi... a mais perfeita...

Valery sorriu, pensando que ele era o homem mais lindo deste mundo... e do outro, também.

Jimmy deitou-a suavemente e voltou a acariciá-la, percorrendo com a mão, a boca e o rosto aquele corpo que o fazia explodir de desejo, beijando, lambendo e provando tudo que ela lhe oferecia. Deitado ao seu lado, sugando seus seios sofregamente, desceu os dedos até encontrar seus pêlos macios e úmidos. Sentiu que ela se abria para ele, gemendo alto, pedindo que não parasse, que a tocasse mais e mais. A voz rouca de paixão de Valery enlouqueceu-o e ele a acariciou intimamente até que ela quase não suportasse mais.

Olhando nos seus olhos, colocou o corpo forte sobre o dela e, o mais lentamente que conseguiu, penetrou-a, sentindo cada milímetro da sua maciez envolver sua máscula rigidez, até sentir-se dentro dela por inteiro, os pêlos se entrelaçando numa dança que, se começou vagarosa, agitou-se mais e mais, arrancando os dois da sua infeliz solidão, das suas mágoas e tristezas. Seus corpos pulsavam em sintonia, os gritos se misturavam e subiam em direção à imensidão do céu, e a sede de amor os reuniu em um momento único de prazer, que fez com que se unissem eternamente.

Jimmy, sentindo o corpo inteiro reagir, virou Valery com destreza, colocando-a por cima do seu corpo, e deixou que ela o guiasse mais uma vez para um mundo de luz e cor, aonde os dois novamente chegaram juntos.

— Não quero parar, não quero deixar você nunca mais, Valery, nunca mais! — havia uma nota de desespero na voz dele e uma de urgência na dela, quando pediu:

— Não pare, por favor, não pare.

Quando, finalmente saciados, eles se abraçaram, ainda sentindo o pulsar da paixão em seus corpos, Jimmy confessou:

— Eu te amo! Por tudo que é mais sagrado, eu te amo! Tive de morrer e esperar uma eternidade para dizer isso, mas eu finalmente amo alguém!

Valery beijou-o:

— Te amo, também, Jimmy. Não sei como vai ser daqui pra frente, mas eu te amo. E foi você quem me salvou do mundo de solidão que eu vivia.

— Nós nos salvamos, então, meu amor. — disse ele, abraçando Valery com força.

— Nós nos salvamos, então... — repetiu ela, sorrindo.

Nesse instante, alguma coisa começou a acontecer: um som distante, cadenciado, insistente e irritante que ficava cada vez mais alto e incômodo, arrancava Valery daquele ambiente de paz e paixão.

Acordou ouvindo o telefone tocar a seu lado, adormecida sobre a prancheta de trabalho, ainda vendo a luz do planeta Vênus refletida dos olhos do homem amado.

Capítulo IX

Três dias após a noite em que Valery acordou com o telefonema de Janet, arrancando-a dos braços de seu amor, o inimaginável aconteceu: Peter, Nicodemus e Mary Jane desembarcaram, juntos, em Bridgnorth. Com Mary Jane, veio também Andréa que, por meio de um arranjo de Jake, viajou como "acompanhante de perua" — como ela mesma definiu seu papel.

Depois de acordar e garantir a Janet que tudo estava bem, que se sentia maravilhosa, não havia problemas e que o incidente da tarde já estava resolvido, Valery ficou, durante vários minutos, sem saber se tudo foi um sonho ou se, por algum milagre dos céus, ela e Jimmy

realmente estiveram juntos. "Qualquer que seja a resposta a essa pergunta", pensou, "eu o amo muito e tudo foi fantástico".

Se por um lado essa constatação era maravilhosa, pois significava que havia esquecido Mike e tudo pelo que passara, por outro era terrível, uma vez que Jimmy estava fora do seu alcance. Apesar de ainda sentir na boca o gosto do beijo dele e de seu corpo tremer a cada vez que se lembrava de tudo que fizeram juntos, ela sabia que aquilo não era real.

— Onde você está, Jimmy, onde você está? — perguntou, em voz alta, falando mais para si mesma do que chamando por ele.

— Aqui, meu amor. — respondeu ele, entrando através da parede da madeira e parando diante dela com os olhos cheios de amor. Então ela soube que tudo foi real, de alguma forma que ela jamais entenderia.

— Fiquei lá, olhando as estrelas, sentindo o cheiro da sua pela na minha, o toque das suas mãos, o calor do seu corpo. Eu te amo, Valery. Desesperadamente, eu diria. — os olhos dele brilhavam de alegria.

— E eu a você. — respondeu ela, aborrecida por não poder mais abraçá-la

— Jimmy, como vai ser? — perguntou ela, procurando parecer calma, mas com o coração disparado.

— Eu não sei, mas agora que a encontrei, não quero deixá-la nunca mais.

— Mas você precisa! E tem... aquilo! Não pode ficar à mercê daquela coisa!

Ele sorriu:

— Não quero pensar nisso agora, Valery. Quero

pensar em você.

— Vamos dormir? Fica comigo esta noite?

— Todas as noites, meu amor, por toda a eternidade, se puder.

Os dias que se seguram até a chegada dos americanos passaram calma e tranqüilamente. Aquela coisa não apareceu, Jimmy acompanhava Valery em seu trabalho e eles dormiam juntos todas as noites, como qualquer casal apaixonado, apenas desejando poderem repetir as cenas do bosque. Mas isso não aconteceu. De qualquer forma, estavam cada vez mais enamorados e unidos, como se não houvesse entre eles a diferença que há entre a vida e a morte.

Valery esforçava-se para esquecer que ele precisava seguir seu caminho e Jimmy simplesmente não pensava nisso. Estava amando, sentia-se bem, forte e cheio de vida — se é que isso era possível — e nada mais importava.

Peter e Nicodemus, por uma dessas estranhas e providenciais coincidências do destino, desembarcaram em Londres no mesmo vôo que trazia Mary Jane e Andréa. Não se viram no avião, uma vez que elas estavam na primeira classe e eles na econômica, nem no aeroporto. Chegaram a Bridgnorth por caminhos deferentes: eles de trem, elas em um esfuziante Jaguar preto, modelo XK 4.2S conversível, estofamento de couro branco e som no último volume, espalhando pelo ar o timbre potente da voz de Johnny Cash cantando A Boy Named Sue, arrancando olhares indignados das pessoas com quem cruzavam pelo caminho.

— Adoro a voz dele. — justificou Mary Jane, quando

Andréa praticamente implorou que diminuísse o volume.

Por indicação de Valery, foram para o hotel de Janet e encontraram Peter e Nicodemus, que lá estavam por indicação de Albert.

Assim que pousou os olhos em Mary Jane, o queixo de Nicodemus caiu. Que garota! Aquilo sim era uma mulher e não as meninas magricelas com quem estava acostumado a conviver na universidade.

Janet ficou encantada por receber a todos e mais uma vez deu graças pela presença de Valery na cidade. Se continuasse assim, teria de construir quartos extras, já que não paravam de chegar mais e mais pessoas.

Andréa apresentou-se também a Mary Jane que, metida em calças agarradíssimas e em uma blusa cujo decote ia até o umbigo, desfilava sobre saltos altos, balançando os quadris, para encanto de Nico e espanto de Peter, que nunca vira o amigo reagir daquela forma a uma mulher.

— Conheci meu marido em Vegas, — explicou ela a Janet, que continha a vontade de rir — Eu tinha uma carreira de futuro, lá, como dançarina. Mas Allen apareceu e você sabe como é o amor: larguei tudo e me casei com ele. Agora sou apenas uma dona de casa e esposa bem comportada. — e deu uma piscada significativa.

— Entendo... — apoiou Janet, adorando a moça. — E como comprou a casa aqui?

— Ah, não fui eu, foi meu tourinho. Ele tinha um conhecido que estava falido e, quando comprou a empresa dele, a casa veio junto e ele me deu de presente, quando nos casamos.

— Que bom pra você, querida. É importante termos um patrimônio próprio. — concordou Janet — Valery está fazendo um ótimo trabalho na mansão McGregor, como é conhecida a casa por estas bandas; você vai ficar feliz.

— Desculpe-me, — Peter meteu-se na conversa — mas a senhorita disse McGregor?

— Sim... — adiantou-se Mary Jane, piscando seus olhinhos azuis — a casa é minha.

— Céus! — exclamou o professor — Preciso falar com Albert Chamberlain imediatamente...

Nicodemus se desculpou pelo amigo, alegando que ele, às vezes, não batia muito bem e Mary Jane compreendeu:

— Meu avozinho era assim também... Estava conversando com a gente e de repente mudava de assunto e saía falando sozinho... Tinha "problemas", sabe como é...

"Ela é um doce", pensou Nicodemus, encantado por ela, achando até a sua dicção atraente.

Depois de se acomodarem e de Mary Jane ter crivado Janet de perguntas sobre a vida do lugar — o que havia para se fazer, quem eram os ricos da região e mais uma infinidade de coisas que Andréa, em sua função de "acompanhante de perua" ouviu, aborrecida —, a loira platinada declarou:

— Quero ir até minha casa. Estou doidinha pra ver como está ficando.

Janet explicou o caminho e elas saíram do hotel, exatamente no instante em que Peter e Nicodemus batiam à porta de Albert.

O professor Chamberlain sorriu, encantado ao ver

Nicodemus Goldmann, e o abraçou com um entusiasmo nada britânico:

— Nico! Mas que prazer! Como está você?

Por educação, não comentou que o amigo havia engordado alguns quilos nem que sua calvície estava agora dando à sua cabeça um aspecto de lua cheia; apenas abraçou-o afetuosamente e depois olhou curioso para o homem que o acompanhava:

— Professor Peter McKenzie, eu presumo. E um prazer conhecê-lo!!!

Peter sorriu, sem graça. Chamberlain tinha olhos tão sinceros e seu sorriso era de tal forma amigável que Albert pensou que ele mais parecia o avô de alguém do que um sério pesquisador de parapsicologia, fosse isso o que fosse.

— Como vai? — McKenzie apertou efusivamente a mão do homem.

— Entrem, por favor. — convidou e em seguida lhes ofereceu um pequeno lanche, que foi aceito por Peter, sob o severo olhar de Nicodemus. O professor jamais se recusava a comer alguma coisa e seu amigo sempre o censurava por ter um apetite que mais parecia de um atleta do que de um pacato velhinho de 70 anos.

— Tenho fome, que posso fazer? — repetia sempre.

Enquanto degustavam as maravilhas da confeitaria de Bridgnorth, Albert entrou no assunto:

— O que os traz a Bridgnorth, meus amigos?

Nico olhou para Peter, como quem diz "Deixe que eu explico", e o outro deu de ombros. Sabia que o velho doutor adorava um discurso. Nicodemus Goldmann assumiu um ar grave e, limpando a garganta, começou:

— Como sabe, há anos lidero um grupo de pesquisas

na Universidade de Chicago, que se dedica ao estudo dos processos mentais humanos, ao desenvolvimento cognitivo e às manifestações que normalmente são creditadas a forças espirituais. Devo dizer que temos alcançado relativo sucesso, sendo que temos alguns casos bem documentados, como o que ocorreu em 1997 e eu...

— Corte o discurso, Nico. Já conhecemos essa parte. — interveio Peter.

Nicodemus mexeu-se na cadeira, incomodado. Detestava ser interrompido. Porém, atendendo ao pedido, foi direto ao assunto:

— Estamos aqui para ajudá-lo a resolver a situação da jovem de quem lhe falei.

— Valery Cooper... — Albert parecia preocupado.

— E do pobre rapaz por quem ela está apaixonada, William McGregor. — emendou Peter.

— Apaixonada? Professor, com todo respeito, o jovem Jimmy, como é conhecido, faleceu em 1879...

— Eu sei. — cortou Peter, experimentando um bolinho recheado com creme inglês. — E o que tem isso? As pessoas se amam, apesar desses inconvenientes. — acrescentou, como se estivesse falando sobre a coisa mais natural do mundo.

Nicodemus, então, vendo a surpresa no rosto de Albert, explicou em detalhes as capacidades de Peter e contou o caso de Robert Parker, o advogado de Chicago que o professor ajudou.

Albert já conhecia a história por cartas de Nicodemus, mas ouvi-la agora, narrada por ele próprio, na presença daquele extraordinário senhor, fez com visse Peter com espanto e admiração. Este, entretanto,

parecia mais interessado nos bolinhos cremosos do que em suas capacidades de para-normalidade, surgidas tão estranhamente.

— Não é nada, garanto-lhe. E sinceramente espero que seja como um resfriado que nos pega desprevenidos e se vai, conforme veio. — disse, tomando mais um pouco de chá.

Albert assombrou-se com o comentário e Nicodemus continuou:

— Há algumas semanas, Peter telefonou para mim durante a noite, pedindo que entrasse em contato com você e o mandasse com urgência ajudar Valery Cooper. Confesso que na ocasião não me expliquei bem, mas a urgência era tanta que não me permitia ficar tagarelando, enquanto algo terrível estava acontecendo...

— O senhor teve alguma visão com ela? — perguntou Chamberlain, olhando interessado o velhinho que, como ele, tinha uma vistosa cabeleira branca.

— Não. Apenas recebi um recado do que devia fazer. Ouvi-o tão claramente quanto o ouço agora. Mas foi apenas isso. Ninguém me explicou nada. Então, há algumas noites, eu estava deitado, preparando-me para dormir, quando algo se aproximou de mim... Era uma presença, não sei bem como definir...

Albert franziu a testa, preocupado. Primeiro Valery, depois Jimmy e agora o professor McKenzie. Peter continuou contando o que tinha acontecido e tudo que viu, deixando-o cada vez mais espantado e um tanto apavorado:

— O senhor quer dizer que...

— Não quero. Estou dizendo que o mal, puro e

simples, instalou-se naquela casa. As forças que se juntam lá são tantas e tão intensas que eu tinha de vir para cá, tentar ajudar. E digo mais: Valery Cooper corre risco de morte, seu namorado não se libertará e, se a dançarina que encontramos hoje se mudar para lá, vai morrer também. Ela tem o campo energético muito forte e vai ser presa fácil...

— Dançarina? — perguntou Albert, perdido.

Nicodemus explicou, definindo Mary Jane como uma doce e santa criatura, cheia de encantos e graça.

— E o que querem fazer? — indagou Albert.

— Não é óbvio? Vamos até a casa conversar com o fantasma do rapaz. Ele é a chave de tudo. — disse Peter, comendo mais um bolinho, dessa vez recheado de geléia de framboesa.

Valery, com Jimmy e Brian a seu lado, olhava, espantada, o carro esporte que se aproximava, brilhando ao sol de verão, e deixava um rastro de poeira atrás de si.

— Quem é? — perguntou o rapaz.

Ela fixou o olhar no automóvel e então exclamou, quase gritando:

— Mary Jane e Andréa! Não acredito!

O som da voz de Johnny Cash chegou aos seus ouvidos bem antes de o carro parar em frente à casa e Valery, sorrindo, correu até as mulheres:

— Andréa!!! — gritou, abraçando a irmã — Como é bom te ver! Mary Jane! Por que não me avisaram que vinham?

— Quis fazer uma surpresinha. — disse a platinada, deixando uma grande marca de batom vermelho no

rosto da moça.

— Mas... Como vocês vieram juntas? — perguntou Valery, confusa.

Andréa, com ar divertido, explicou tudo em poucas palavras, apenas não se referindo ao fato de ser "acompanhante de perua".

Jimmy olhava sorrindo para as três mulheres, sem ter idéia de quem eram, e Brian a seu lado sacudia a cauda, feliz com as visitas.

— Venham, vou mostrar tudo a vocês. — convidou a arquiteta, lançando um olhar de soslaio para Jimmy, chamando-o para acompanhá-las.

— Minha irmã, Andréa Cooper. — disse e a garota olhou para ela como quem não entende o que está ouvindo.

— E aquela outra, quem é? — perguntou Jimmy, olhando, admirado, para as formas de Mary Jane e para seu decote generoso.

— Mary Jane Boyd, a proprietária da casa. — disse, olhando para ele, imaginando que, para um homem do século XIX a moça devia ser mesmo um choque.

— Ela é dançarina? — perguntou Jimmy.

"Pelo jeito algumas coisas nunca mudam", pensou Valery, sacudindo afirmativamente a cabeça.

— Oh, céus! E ela comprou a casa? Minha mãe deve estar se revirando no túmulo! — comentou ele, dando uma risada.

— Você está bem, Valery? — Andréa olhou a irmã com olhar desconfiado. — Por que fica falando coisas sem sentido?

A moça não teve tempo de responder. Mary Jane, que entrou na casa à frente das duas, chamou-as e elas

se aproximaram; Jimmy e Brian estavam logo atrás.

Os rapazes que trabalhavam no lugar pararam para ver as visitas e trocaram olhares, quando Mary Jane, acostumada a lidar com homens, cumprimentou:

— Olá, meninos! Estão cuidando bem da minha casa?

— Sim, senhora. — respondeu o mais atirado deles e ela sorriu, jogando a cabeça para trás.

"Que figura!", pensou Andréa, rindo.

"Que mulherão!", pensaram os rapazes.

Jimmy riu, divertindo-se, e Valery olhou-o, cheia de amor nos olhos. Como ele ficava lindo quando sorria!

Percorreram a casa, a arquiteta explicando à platinada o que já haviam feito e o que ainda fariam, expondo suas idéias sobre os ambientes e tudo mais. Para sua surpresa, Mary Jane mostrou-se muito mais esperta do que parecia ser, dando opiniões pertinentes que mostravam afiado senso de praticidade:

— Devia ser arquiteta. — disse Valery que sinceramente gostava dela.

Jimmy comentou:

— Nunca subestime uma dançaria, meu amor. São as criaturas mais perspicazes que já conheci. Não que tenha conhecido muitas, é claro...

— É claro. — ecoou ela, com olhar irônico.

— É claro o quê? — perguntou Andréa. — Valery, tem certeza de que está se sentindo bem?

— Ótima. — disse, afastando-se para mostrar a Mary Jane as passagens secretas e expor suas idéias de como utilizá-las.

— Tem um tesouro escondido também? — perguntou a loira, adorando a novidade. — E um fantasma? Eu sou sensitiva, sabe? Desde criança vejo coisas. — afirmou, o

olhar sério examinando o corredor que se estendia além da parede.

Valery olhou para Jimmy, espantada, e ele não soube o que dizer.

— Não achamos nenhum tesouro — informou a arquiteta sorrindo — e quanto a fantasmas... bem é uma casa antiga, não é?

Mary Jane olhou em volta e parou os olhos exatamente onde Brian e Jimmy estavam. O coração de Valery acelerou e ela empalideceu ligeiramente.

— Há algo nesta casa. — disse Mary Jane. — Eu sinto. Ai, meu Deus que emoção!!! Minha casa é assombrada. — disse, entrando pela passagem, os quadris ondulando de um lado para o outro, os saltos batendo no piso de madeira, provocando um ligeiro eco cadenciado.

Após percorrerem toda a construção, examinaram a parte externa, onde Valery falou sobre a piscina e quadras que projetara. Mary Jane, olhando uma parte do terreno, perguntou:

— Aquilo é um cemitério?

— Sim. Não sei o que pretende fazer com ele. Tenho idéia de restaurá-lo também, mas não sei o que pensa sobre isso.

— Pode restaurar e arrumar tudo. Não devemos mexer com os mortos, e muito menos com seus túmulos. — respondeu Mary Jane, séria.

Valery concordou com ela, mas espantou-se com a seriedade que viu no seu rosto.

— Temos a capela, também. Está praticamente em ruínas, mas tenho alguns esboços sobre ela e gostaria que você desse uma olhada.

Valery não disse, é claro, que foi Jimmy quem a ajudou a fazê-los, de forma que a proprietária pudesse reconstruir a igrejinha exatamente como era.

Minutos depois, sentadas na casa de madeira de Valery — que Mary Jane classificou como parecendo "uma casa de bonecas" —, elas tomaram um suco gelado e degustaram o almoço que Janet mandara, enquanto apreciavam os desenhos e discutiam seus detalhes. Valery estava totalmente envolvida por seu trabalho, empenhada em atender aos desejos de Mary Jane, com Andréa dando palpites e opiniões, de forma que não percebeu Jimmy desaparecer. Quando procurou por ele e não o viu em lugar algum, seu coração gelou. Porém não havia nada que pudesse fazer naquele momento, com as duas em volta dela. Concentrou seu pensamento no anjinho dourado e suplicou com toda força: "Por favor, não deixe que nada de mau aconteça a ele!"

Peter, Albert e Nicodemus chegaram à casa de Jimmy em silêncio, cada um envolto nos próprios pensamentos.

— Vamos ter chuva grossa. — comentou Albert, olhando o céu.

— Graças a Deus. — comentou Nico, enxugando a careca que queimava ao sol forte.

Encontraram as moças ainda conversando sobre a reforma. Valery rezava internamente para que Jimmy estivesse bem. Albert apresentou os amigos e, assim que Peter pousou os olhos em Valery, sentiu-se ligeiramente tonto e foi tomado de sensações que só podia descrever como "indescritíveis", o que muito irritou seu

amigo Nicodemus, quando mais tarde tentava explicar o que havia acontecido.

— Albert, que bom que veio! — exclamou Valery, os olhos traindo a tranqüilidade que seu sorriso demonstrava.

Peter olhava em volta, procurando por algo que ele mesmo não sabia o que era e Chamberlain perguntou:

— O que houve?

— É o Jimmy. — disse ela, esquecendo-se da presença da irmã e dos outros. — Ele sumiu e eu estou com medo...

Albert suspirou e Andréa, sem entender, perguntou:

— Mas quem é Jimmy?

Ninguém respondeu e Mary Jane, que olhava pela janela, soltou um grito assustado.

— O que foi? — perguntou Nicodemus, cheio de preocupações as quais Peter classificou como "ridículas".

— Não sei... Vi alguma passar lá fora... Não sei explicar, parecia uma... uma presença!

— Acalme-se, senhora. — pediu Peter com voz firme. — Vamos resolver tudo...

— Resolver o quê? — perguntou Andréa, perdida na conversa.

— E o Jimmy? Aquela coisa pode estar querendo matá-lo! — desabafou Valery, assustada.

— Ele não pode morrer, querida, lembra-se? Já está morto. — Albert tentou tranqüilizá-la.

— Quem já está morto? — insistiu Andréa, preocupada com a expressão no rosto da irmã.

— Então há mesmo fantasmas na casa! Eu sabia! Eu disse que sou sensitiva. — afirmou Mary Jane,

balançando a cabeça e fazendo beicinho.

— E realmente é, senhora. Vamos precisar da sua ajuda. Há pessoas sofrendo muito aqui e outras que precisam encontrar seu caminho. — a voz de Peter estava pesarosa.

— Peter, o que está vendo? — perguntou Nico, apreensivo e Andréa explodiu:

— Alguém pode me explicar que raio de conversa maluca é essa e quem é Jimmy?

— Jimmy é... é... — Valery não sabia o que dizer. Então, tomando fôlego, acrescentou com voz firme:

— Jimmy é o homem que amo... Só que ele morreu em 1879.

Andréa sentou, olhando a irmã, estupefata. Abriu e fechou a boca várias vezes, incapaz de articular qualquer som. Por fim, disse:

— Valery, o que está dizendo? Eu sabia que você não estava bem! Falando coisas sem sentido e olhando toda hora para a parede! Meu Deus, tudo isso ainda é por causa daquele infeliz do Mike?

A arquiteta virou-se lentamente para Andréa, parecendo não compreender bem e perguntou:

— Do que está falando?

Albert achou que era hora de intervir:

— Vamos nos sentar e explicaremos tudo. — ele olhava com firmeza para todos. — O professor McKenzie e o doutor Goldmann vieram de longe e têm muito a dizer. Vamos ouvi-los.

Mary Jane, em um gesto impensável, mostrou sua verdadeira face e, aproximando-se de Valery, disse:

— Venha, meu bem, sente-se e descanse. Nós vamos ajudar seu Jimmy onde quer que ele esteja. Não

entendo por que essas coisas acontecem, mas sei que acontecem e são tão reais quanto esta mesa. E, se você diz que ele existe e que o ama, é o suficiente para mim.

Capítulo X

— Impossível! Isso não existe! — Andréa não conseguia acreditar no que tinha ouvido, após Peter, Nicodemus, Albert e Valery contarem tudo o que sabiam.

— É possível, é real e existe, sim senhora. — Mary Jane olhava firmemente para a ela e lhe contou casos que presenciou em sua cidade natal, na Virgínia.

— O que vamos fazer? — perguntou Valery aflita, olhando para Peter.

— Precisamos primeiro entender o que está acontecendo aqui. E encontrar William McGregor. Ele é a chave de tudo.

— Mas ele sumiu! Não temos como chegar até ele! A não ser que... Albert, lembra-se daquele dia em que rezamos juntos? Será que, se todos nos juntássemos,

conseguiríamos trazê-lo?

— Vale a pena tentar. — respondeu ele, explicando brevemente o que deviam fazer.

Mary Jane, emocionada pelo que estava acontecendo, segurou a mão de Valery, que segurou a de Andréa e assim por diante, até que todos estivessem unidos, formando um círculo. Juntos, começaram a repetir a frase inspirada que Albert dissera dias atrás: "Nada possui mais força do que um coração iluminado".

Jimmy, que se sentiu arrastado de volta àquele lugar infecto e tenebroso quando observava as moças conversando, estava agora sentindo talvez as piores dores e as mais brutais torturas de sua existência. A força com que o atacavam era de tal forma furiosa que, por mais que tentasse se concentrar na imagem do anjo e quisesse pensar em Valery, não conseguia. A seu lado, Brian gania, sentindo as dores de seu dono, sem conseguir sair dali. Nada podendo fazer contra aquela coisa que o atacava, Jimmy apenas esperou que acabasse. Porém a cada instante tudo ficava pior. Juntando as poucas forças que tinha, gritou:

— Deixe-me! Não mereço isso!

As dores aumentaram, fazendo-o gemer horrivelmente, enquanto sentia seu corpo se contrair, sendo atravessado por espasmos que o queimavam e que pareciam durar uma eternidade. Sem mais conseguir lutar contra aquilo, percebeu que ia desmaiar. Olhou para Brian e sentiu tanto amor pelo companheiro — que nunca o abandonava, e jamais o deixava solitário — que pensou ser aquele o seu derradeiro momento e que de alguma forma morreria outra vez. O cão o olhou, cheio de carinho, e Jimmy

balbuciou:

— Obrigado, meu amigo...

Aquelas palavras tão sinceras, vindas diretamente do seu coração, demonstrando uma gratidão sem limites, tiveram um efeito balsâmico em sua alma torturada e a lucidez voltou. Apesar das dores atrozes, a imagem de Valery tornou-se forte em sua mente e ele, com igual emoção e sinceridade, murmurou:

— Eu a amo. Deus a abençoe pela alegria que me deu.

A imagem do anjo dourado surgiu em sua cabeça. Jimmy agarrou-se a ela e, enquanto se esforçava para se livrar daquele castigo sem explicação, a forte luz dourada que vinha da casa de Valery o encontrou, envolvendo o local onde estava e afastando o suplício que o atormentava. Lentamente, Jimmy sentiu o corpo flutuar, tornando-se leve, mais até do que o ar, e ser conduzido para fora dali. Mal conseguia abrir os olhos, tal a tortura que aquela coisa lhe infligira. Mas o pouco que viu fez com que duvidasse de suas faculdades. Ele estava envolvido em um casulo de luz dourada, sendo gentilmente levado a um lugar que desconhecia, enquanto à sua frente a imagem de Valery, envolta em luz azul, sorria para ele. Então fechou os olhos e não viu mais nada.

O círculo de orações se desfez quando Valery, sem saber por quê, sentiu que Jimmy estava liberto.

— Precisamos trazê-lo. — disse Albert, preocupado. — Alguém precisa chamá-lo.

— Ah, eu faço isso. — ofereceu-se Mary Jane, sob o olhar admirado de Andréa, que continuava sem acreditar em nada.

— Há luz elétrica na casa, senhorita? — perguntou Peter a Valery.

— Temos uma instalação provisória, mas sim, há luz. — respondeu, intrigada.

"Graças a Deus", pensou o homem, explicando:

— Precisamos ir para lá. Seja o que for que tenhamos de enfrentar, é lá que faremos isso.

O céu pesado foi riscado por um relâmpago no momento em que Valery abriu as portas da casa. O trovão que o seguiu fez seu coração gelar. "Não é hora para bobagens", pensou. Mary Jane, que a cada minuto mais surpreendia a todos, perguntou:

— Onde era o lugar preferido de Jimmy, onde ele mais gostava de ficar? Isso ajuda, sabe?

— Não sei... O quarto dele, talvez... Outro dia me falou emocionado sobre ele. — respondeu Valery, subindo a escada com os outros seguindo os seus passos. Entraram no ambiente, Valery ligou a luz e Mary Jane pediu:

— Dê-me a sua mão. E me ajude aqui. Vamos chamar seu namorado.

— Ele está morto! Vocês enlouqueceram? — perguntou Andréa indignada, mas calou-se quando Mary Jane olhou para ela. Parada, com Valery a seu lado, Mary Jane fechou os olhos e se concentrou:

— Fale-me alguma coisa dele: uma imagem, uma característica, algo em que eu possa me agarrar. — pediu a loira platinada.

— Não sei... Ele tem olhos azuis e cabelos castanhos, longos. É alto, forte e o sorriso é perfeito...

Mary Jane ergueu as sobrancelhas, espantada, imaginando que o rapaz devia ser mesmo lindo.

— Pense no cachorro... O nome dele é Brian. É um setter vermelho.

Mary Jane assentiu. Peter e os outros fecharam os olhos e, sob a orientação de Nicodemus, acostumado àquele tipo de coisas, já que fazia reuniões exatamente com esse fim na Universidade, todos se concentraram, enquanto Mary Jane pensava no cachorro e, junto com Valery, chamava:

— Jimmy McGregor, Jimmy McGregor...

Ele abriu os olhos, sentindo-se fraco e cansado, porém as dores não mais o afligiam. A seu lado, Brian levantou-se e começou a latir com força, sacudindo a cauda, as orelhas em pé.

— O que foi? — perguntou o rapaz, tentando se levantar.

O cachorro chorou e latiu, ainda em posição de alerta. Jimmy sentiu que algo o puxava com força e, quando deu por si, estava em pé em seu quarto, vendo diante de si Valery, Mary Jane, Andréa, Albert e mais dois homens que não conhecia.

— William McGregor? — perguntou Peter ao vê-lo.

— Jimmy! — gritou Valery correndo até o rapaz, esquecida de que não podia abraçá-lo.

— Meu amor! — disse ele, cheio de ternura. — O que está havendo? Quem são...?

— Peter McKenzie e Nicodemus Goldmann. — disse ela — São americanos, vieram até aqui para nos ajudar. Oh, Jimmy! O que aconteceu? Foi aquela... aquela... coisa, outra vez?

Ele fez que sim com a cabeça:

— Mas já estou bem... Como vim parar aqui?

— Mary Jane... Ela o chamou...

— Ela pode me ver também? — perguntou, espantado.

— Não. Apenas eu e o professor McKenzie...

Peter aproximou-se:

— Como vai, senhor McGregor? Sou Peter McKenzie. É um prazer conhecê-lo.

Jimmy piscou, sem entender o que estava acontecendo, mas respondeu:

— Igualmente, senhor.

Em poucas palavras e suplicando para que Nico se calasse, Peter explicou por que estavam ali.

— Não entendo... O senhor está me dizendo que essa coisa que me ataca é... o demônio em pessoa?

— Não o demônio, mas o mal, caro rapaz. Uma força maléfica, alimentada por alguém que não permite que o senhor fuja dela.

— Alguém... morto? Algum fantasma, assim como eu? — ele tentava entender.

— Não... E um ódio alimentado há anos, mas não pelos mortos. São os vivos que o afligem. Durante gerações, sua família vem sendo perseguida por isso...

— Mas quem nos odeia tanto a ponto de fazer algo tão terrível? E por que isso só começou depois que as pessoas que compraram esta casa se mudaram daqui?

Como apenas Peter e Valery ouviam o que Jimmy dizia, iam informando aos outros. Foi Albert quem explicou:

— Enquanto sua família e a outra que a sucedeu estiveram aqui, mantiveram a casa protegida por suas orações e energias amorosas. Porém, quando se foram, a barreira de proteção que faziam foi-se com elas e outras forças puderam entrar.

— Está me dizendo que esse ódio sempre esteve por aqui, apenas esperando para me atacar? — perguntou o rapaz, incrédulo — Mas por quê? O que eu fiz de tão terrível?

— Condenou Andrew Sullivan. — respondeu Albert, com um suspiro.

— Senhor McGregor, nós viemos para ajudá-lo a seguir seu caminho, mas nada podemos fazer até que essa emanação odiosa termine. — explicou Peter.

Valery olhou para Jimmy, sentindo o coração apertado. Sabia que ele precisava se libertar e seguir seu caminho, mas não queria ficar sem ele. Era o amor da sua vida! No entanto, nada disse sobre isso, apenas perguntou:

— E como vamos combater essa força? Como vamos ajudar Jimmy?

Peter e Albert trocaram um olhar significativo, mas foi Mary Jane quem respondeu:

— Ué, vamos descobrir quem é a pessoa que odeia seu namorado e então... então... o que faremos então? — perguntou, olhando intrigada para Nicodemus, que a presenteou com um sorriso aberto.

— E você pensa que é só chegar lá e falar: "Hei, você, pare já de fazer isso!"? — perguntou Andréa, entrando na conversa, esquecida de que não acreditava em nada daquilo. — Vai ver a pessoa nem sabe o que está fazendo!

Mary Jane olhou ressentida e esboçou um beicinho. Não gostava que falassem com ela naquele tom.

— A única pessoa que conheço por aqui que ainda nutre mágoas pelo que aconteceu no passado é Alicia Sullivan. Precisamos falar com ela. — comentou Albert,

pensativo. — Só não sei como podemos convencê-la ou fazê-la cortar esses laços de mágoa e ressentimento...

— Nisso, meu caro Chamberlain, eu posso ajudar. — disse Peter, suspirando, enquanto pensava por que sempre ficava com a parte de falar com fantasmas.

Alicia olhou intrigada e um tanto surpresa para o grupo que a aguardava na espaçosa sala da sua mansão. O que queriam? E quem era, em nome de tudo que é mais sagrado, aquela mulher usando roupas que ela só podia classificar como vulgares? De todos ali, o único rosto conhecido era o de Albert Chamberlain e foi a ele que ela se dirigiu:

— Professor Chamberlain, que surpresa! Não esperava visitas... O que posso fazer por vocês?

— Alicia, como vai? Na verdade temos muito para conversar, mas, antes, deixe que eu apresente meus amigos.

Alicia olhou um por um, conforme Albert ia fazendo as apresentações e, se sorriu para Peter e Nicodemus, encantada por receber dois ilustres professores da Universidade de Chicago em sua casa, dardejou um olhar de ódio para Mary Jane e Valery, ao descobrir que eram elas as responsáveis pela reforma da casa de seus inimigos.

Jimmy, com Brian parado a seu lado, sentia o ódio da mulher chegar até ele, como ondas invisíveis de algo gelado e cruel. Olhou atentamente para Alicia, achando-a feia e desagradável, enquanto perguntava-se onde já vira aquela mulher antes. Havia algo nela que lhe era incrivelmente familiar. Porém, por mais que se esforçasse, não conseguia se lembrar.

Terminadas as apresentações, Alicia, que pensava que aquelas não eram horas de se visitar ninguém, perguntou:

— Aceitam um chá ou um pedaço de torta?

Peter McKenzie, controlando sua vontade de dizer sim à comida, para espanto de Nicodemus, recusou-a, olhando simpaticamente para a mulher, enquanto pedia:

— Lady Sullivan, sente-se por favor. Precisamos conversar.

Com muito tato e escolhendo as palavras que iam usar, ele e Albert explicaram o motivo da visita.

— Estão brincando comigo! Chamberlain, como se atreve? — ela elevou a voz um tom cima do que seria adequado para uma dama.

— Sei que isso tudo parece impossível, senhora, e, para lhe ser franco, eu mesmo tenho dificuldades para acreditar em muitas coisas que acontecem comigo, — explicou Peter um tanto encabulado — mas garanto-lhe que tudo é verdadeiro. De outra forma, não teríamos vindo, meu amigo e eu, de tão longe.

— Absurdo! Fantasmas? E me pedem que eu ajude a um McGregor? Justamente o homem que desgraçou minha família e minha vida? Perderam o juízo!

Mary Jane olhou para Valery e depois para Andréa, cuja expressão dizia: "Viu? Eu disse que não seria fácil".

— Posso fazer uma pergunta? — Andréa quebrou o silêncio embaraçoso.

Alicia olhou-a e ela continuou:

— William McGregor morreu há mais de 100 anos. A senhora não era nascida e, pelo que vejo, o fato de seu antepassado ter sido obrigado a dar parte de sua

fortuna ao filho que teve fora do casamento não afetou o patrimônio da família de forma significativa. Por que alimenta tanto ódio e rancor por pessoas que já morreram?

Alicia se levantou e Jimmy sentiu o ódio dela aumentar e envolvê-lo.

— Essa gente desgraçou minha família no passado e o faz até hoje.

— Mas ninguém mais liga pra isso! Quem se importa com coisas que aconteceram há mais de 100 anos? — perguntou Mary Jane, espantada.

— Talvez, no lugar de onde você saiu, — respondeu a mulher, olhando com desdém para suas calças justas e a blusa decotada — ninguém se importe mesmo. E por que se importariam? Não me parece que você tenha uma origem que valha a pena lembrar. Mas aqui é a Inglaterra! As pessoas têm passado! A origem conta e muito!

Mary Jane olhou em dúvida para Valery:

— Ela está me ofendendo, não é? Não entendi muito bem...

— Você me disse que o espírito de William está preso à casa e sofre muito, não é? — Alicia olhou, divertida, para Albert, que concordou com a cabeça.

— Pois bem, — continuou a mulher — se depender de mim, ele vai fritar no inferno. Que sofra e se contorça de dores horríveis, que jamais tenha paz ou descanso, assim como eu jamais tive!

O ódio dela era tanto que Jimmy foi ao chão, sentindo o corpo dobrar-se de dor. Valery, horrorizada, viu o rapaz ser envolvido por uma onde negra que aos poucos tomava conta de toda a sala.

— Saiam daqui! Todos vocês! Bando de malucos! — gritou a mulher, assustando Mary Jane.

Nicodemus, com os olhos cravados em Peter, viu a expressão do amigo mudar, demonstrando que via alguma coisa.

— O que foi? — quis saber.

— Há alguém aqui... Um homem acabou de chegar.

Jimmy, desmaiado, nada viu e Valery, a seu lado, também não. Aparentemente, apenas Peter sabia o que estava acontecendo.

— Que homem? — Nico ficou entusiasmado.

— Boa noite, caro senhor. — cumprimentou o desconhecido — Meu nome é Andrew Sullivan.

— SAIAM DAQUI!!!! — berrou Alicia, parecendo enlouquecida, ao ver que nenhum deles havia se movido. — VÃO EMBORA!!! DEIXEM-ME EM PAZ!

Andrew aproximou-se de Mary Jane e colocou-se ao lado dela. Com a mão em sua testa, utilizou-se dela e gritou:

— HILARY! OUÇA-ME. — a voz de Mary Jane, normalmente delicada e feminina, saía agora grossa e vigorosa, enquanto seu rosto adquiria uma expressão que não era a sua.

— Quem é Hilary? — perguntou Nico. — Quem está aqui, Peter?

McKenzie fez sinal ao amigo para que se calasse. Albert, espantado, assistia à cena, sem saber o que pensar, enquanto Andréa ajoelhava-se ao lado da irmã que, desesperada, via Jimmy contorcer-se de dor.

— Ouça-me, Hilary, pois tenho muito a dizer! — continuou Andrew, agora com a voz mais baixa, porém mantendo o timbre poderoso.

Alicia quis falar, mas algo a impediu. Mesmo com sua cabeça dizendo a ela que aquilo era um truque qualquer e que estavam tentando enganá-la, seu coração sabia bem que era com ela que a voz falava.

Peter olhava aquilo, pasmo. Via o homem parado ao lado de Mary Jane e imaginava como aquilo era possível. Como alguém que já morreu podia falar assim? E, se podia, por que sua esposa, falecida há tanto tempo, nunca falou com ele? Andrew continuou:

— Você culpa os McGregors e Truddy Fiennes pelo que aconteceu, porém o único responsável por tudo sou eu. Eu agi mal com você e com Truddy. Eu enganei a moça, reneguei o filho que tive com ela, quis fugir de minhas responsabilidades. Deus sabe como me arrependo e o quanto tenho lutado para reparar os erros que cometi! — a voz dele era terrível, pesada e triste.

Alicia ouviu tudo em silêncio. Então replicou:

— Truddy Fiennes se insinuou, fez de propósito para seduzir você e enriquecer! Não foi culpa sua, mas daquela sem-vergonha e do jovem McGregor!

— Hilary, pare com isso! Eu seduzi Truddy, não ela a mim. Eu a cerquei e assediei, até convencê-la de que estava realmente apaixonado. Eu menti, Hilary! Menti para você e para ela! Eu menti! — as lágrimas começavam a correr pelo rosto de Mary Jane. — Perdoe-me, mas eu menti...

Alicia estava com os olhos muito abertos, a boca caída, o peito arfando. Não ia acreditar naquilo, era tudo mentira!

— Eu não sou Hilary!

— Você é... mas não se lembra. Assim como todos

não se lembram quem foram ou o que fizeram. Precisa parar com isso. Está mantendo o pobre rapaz em uma cela de torturas sem fim!

— Ele desgraçou minha vida! — berrou a mulher, mas nesse momento não era Hilary quem gritava e sim a própria Alicia, pensando em Thomas Wellbridge e o quanto ele a humilhou em sua juventude.

— Não foi ele, Hilary, mas Thomas Wellbridge quem a fez reviver os ódios do passado.

Ao ouvir aquilo, a mulher apavorou-se começou a gritar coisas sem sentido, voando em cima de Mary Jane, tentando atingi-la de alguma forma.

— Sua vagabunda! — berrou, enquanto Albert a segurava com braços firmes. — Eu vou matar você! Como soube? Como soube? — perguntava, confusa.

— Hilary, ouça-me! — ordenou Andrew com autoridade. — Fui seu marido e quero que me escute. Em nossa vida de casados, eu me comportei mal. Eu a traí com diversas mulheres e desrespeitei nossa família. Mas em momento algum fui responsável pelo comportamento de Thomas Wellbridge! Ele agiu de acordo com a própria consciência e você tem que entender isso! Não é culpa de ninguém!

— Você assassinou William McGregor! Você se suicidou e me deixou com toda a cidade contra mim, contra nós!

— Eu não matei o rapaz. — disse o homem, com voz cansada. — Não fui eu, Hilary...

A força que dominava Jimmy diminuiu e ele olhou para Valery confuso.

— Mas, mas... se não foi você, quem foi? — perguntou a mulher.

— Quero que pense, Hilary, quero que se lembre. Lembre-se, Hilary, lembre-se...

Andrew afastou-se de Mary Jane e a moça, dominada por um torpor que não entendia, sentiu o corpo amolecer, sendo amparada por Nicodemus e Albert. Então, pareceu-lhe estar em outro lugar. Viu que conversava com um homem baixo e barbado, pagava-lhe algum dinheiro e ele sorriu, mostrando que em sua boca faltavam vários dentes. E ela teve ciência do que aconteceu:

— Quando soube que eu havia perdido a causa no tribunal, Hilary encontrou-se com esse homem, conhecido malfeitor da região, e pagou-lhe para que acabasse com a vida de McGregor. Durante os anos que se sucederam, eu carreguei a culpa pela morte dele e o segredo de Hilary, até que, não agüentando mais, dei fim à minha vida, enforcando-me no bosque. Deixei para Hilary uma carta, na qual explicava tudo que sabia e minhas razões para me suicidar. Já que minha vida só causou malefícios, talvez minha morte aliviasse a todos — Andrew contou tudo a Peter que, por sua vez, repetiu cada palavra para os outros.

— É mentira! Eu não fiz isso! Eu não fiz, eu não fiz!!!! — gritou Alicia, caindo em um choro convulsivo e descontrolado.

— No momento em que viu as conseqüências dos seus atos e teve, com a minha morte, de dividir a herança com a criança que tive com Truddy, Hilary transformou o remorso que sentia em ódio e passou a amaldiçoar a cada dia todos os envolvidos no caso. Como Alicia foi rejeitada por Thomas Wellbridge, devido aos escândalos que envolveram nossa família no

passado, seu ódio retornou e ela, mesmo sem saber, deu vida aos sentimentos do passado gravados em sua alma.

Peter repetiu as palavras de Andrew uma a uma para os amigos que a tudo ouviam, com espanto.

— Ela mandou me matar? — perguntou Jimmy, confuso.

Andrew aproximou-se dele:

— Sinto muito por tudo que lhe causei. Vim aqui hoje para tentar me redimir e impedir que essa loucura continue.

Jimmy não sabia o que dizer. Tudo que pôde perguntar foi:

— Estou livre para partir?

Andrew olhou para ele com firmeza:

— Não é o ódio de Hilary que o mantém preso, mas uma promessa não cumprida. Agora preciso ir. Agradeço a todos e principalmente à jovem que me permitiu falar com vocês.

Antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, Andrew desapareceu, deixando Alicia ainda chorando, descontrolada, sob os cuidados de Albert.

Peter contou tudo que aconteceu, inclusive a conversa entre Andrew e Jimmy.

— Como ela está? — perguntou o rapaz, olhando a mulher que 126 anos antes tirou a sua vida.

— Como ela está, Albert? — Peter repetiu a pergunta.

— Vai ficar bem... Vou cuidar dela. Creio que Alicia precise de carinho e atenção e de um bom tratamento psicológico também. E penso que sei exatamente quem pode cuidar dela.

— Você? — perguntou Nicodemus.

— Não... Janet Fiennes.

Capítulo XI

Após deixarem Alicia dormindo sob o efeito de calmantes e de Albert ter conseguido convencer Janet a passar a noite com ela, todos voltaram para a casa de Valery. Peter e Nicodemus estavam calados, tomando um chá bem quente e forte. Mary Jane, pensativa, comentou:

— Foi mesmo uma sorte eu ter vindo, não? Só quero ver a cara do meu tourinho quando eu contar tudo que aconteceu!

— Ainda não entendi como Alicia virou Hilary e depois tornou a ser Alicia. Para falar a verdade, não entendo direito tudo o que acontece aqui. — Andréa olhava para o chão quando falou.

— É simples, senhorita — explicou Nicodemus, feliz por se sentir útil — Alicia e Hilary são a mesma pessoa, o mesmo espírito. Alicia é, na verdade, a reencarnação, por assim dizer, de Hilary Sullivan.

Andréa não compreendeu e o homem iniciou uma

longa explicação sobre seus estudos e o que pesquisavam na universidade, ao que ela ouviu com atenção.

— Como você está? — perguntou Valery preocupada, olhando para Jimmy.

— Como se tivessem arrancado uma parte de mim. Sinto-me leve, muito leve...

— Ainda não acabou. — disse Peter, aproximando-se e falando com a parede onde Jimmy estava, pois assim parecia aos outros que não podiam vê-lo.

— Professor, não sei como agradecer ao senhor pelo que fez. Nem a seus colegas nem à moça que comprou minha casa. Jamais pensei que tantas pessoas se importassem comigo ou que algum dia alguém iria me ajudar. — Jimmy continha a emoção ao falar, mas sua voz era de tal forma tocante que Peter sentiu os olhos umedecerem.

— Não há o que nos agradecer, meu jovem. — comentou Albert, olhando para onde imaginou que Jimmy estava, quando Peter narrou o que ele dizia. — Fizemos o que devíamos. Afinal, não é esse o sentido maior da vida? Ajudarmo-nos e entendermos os mistérios que nos cercam?

Jimmy sorriu e continuou:

— Devo tudo a você, Valery. Você veio para me ajudar. É meu anjo, minha salvadora. E eu nem posso te abraçar, mas apenas dizer o quanto te amo.

Ela sorriu:

— Você me salvou de uma existência cheia de mágoas e do medo de amar. Você me mostrou que a vida é mais do que eu sequer podia imaginar e que, se amamos de verdade, nada é impossível. Creio que

estamos quites. Eu te amo, William Patrick James McGregor.

Jimmy sorriu, emocionado.

— O professor McKenzie se importaria de conversarmos lá fora? — perguntou Jimmy, disfarçando a emoção.

Peter concordou e eles saíram. Caminhar após a tempestade que caiu estava impossível, então sentaram-se lado a lado na varandinha da casa.

— Quer minha ajuda para ir embora, não é? — Peter olhava o céu estrelado acima deles.

— Não quero deixar Valery, mas sei que não posso ficar. Porém não sei sobre o que Andrew falou quando se referiu a uma promessa que não cumpri. Não me lembro...

Peter suspirou:

— Meu rapaz, embora não entenda bem por quê, eu posso ver os mortos, falar com eles e até ajudá-los a resolverem assuntos inacabados, mas não posso conhecer suas vidas nem saber de seus passados. Lamento muito...

— Está dizendo que não há nada que possa fazer por mim? — perguntou Jimmy, desanimado.

— Tente pensar: o que foi que prometeu? A quem prometeu? Quem sabe alguma dama que tenha se enamorado de você ou alguma dívida que não pagou...

— Receio que não seja isso. Não tinha dívidas e nunca prometi nada a mulher alguma, pois nunca tencionei me casar. Não é estranho eu ter conhecido a pessoa com quem adoraria viver e a quem amo tão profundamente apenas agora, que não posso tê-la comigo?

Peter não respondeu. Novamente estava diante de um caso de amor em que um dos dois está morto.

— Bem, se não é isso... Quem sabe a algum parente, amigo, conhecido? Talvez tenha prometido algo que acabou esquecendo...

Jimmy mergulhou em pensamentos e lembranças.

— Não consigo me lembrar de nada. A não ser... será?

Peter olhou para ele e seus olhos diziam: "Como é que vou saber o que está pensando?".

— Quando estava em Londres, logo depois que me formei, havia alguém, uma mulher, para falar a verdade, que fazia doces maravilhosos e de quem eu sempre comprava alguma coisa para ajudar...

— Continue. — pediu o outro.

— Essa mulher, cujo nome era Anabeth Smith, tinha uma filhinha, a pequena Caroline, a quem eu sempre levava um agrado. Ela era doente, não podia sair da cama, não tinha amigos nem brincava, como qualquer outra criança...

— Sim, e o que houve com ela? — Peter procurava incentivar as lembranças do rapaz.

— A menina gostava muito de mim e eu costumava ler histórias para ela quando ia buscar minhas encomendas. Era uma boneca de porcelana, o senhor devia tê-la visto. Chamava-me de mister Tale, justamente porque eu lia para ela...

Os olhos de Jimmy adquiriram uma expressão sonhadora, mergulhado que estava em sua vida, da qual nem se lembrava mais.

— Então, após alguns anos em Londres, decidi voltar a Bridgnorth, pois minha mãe queixava-se

constantemente de saudades e meu pai me queria por perto. Assim, voltei para cá e nunca mais fui a Londres nem vi a pequena Caroline.

— E o que houve com a menina? Fez a ela alguma promessa?

— Não sei o que houve com ela, mas me lembro de que, na última vez em que a vi, avisei que ia voltar para casa e ela me fez prometer que ainda iria visitá-la. Agora que estou pensando nisso, creio que suas palavras foram: "Vou esperar por você, mister Tale, e não vou embora daqui enquanto não vier me ver". O senhor acredita que pode ser isso? — Jimmy olhava Peter cheio de ansiedade. Com um suspiro, o homem respondeu:

— Vale a pena tentar, não? Sabe onde era a casa da garota, ainda se lembra?

Jimmy fez que sim e McKenzie perguntou:

— Se for isso e se realmente a menina estiver esperando por você, sabe que estará livre para ir, não?

Jimmy assentiu e o velho continuou:

— Como fará com a senhorita Cooper? Precisa dizer a ela...

— Amo Valery, professor, mais do que tudo nesta minha infeliz existência, e daria qualquer coisa para poder me casar com ela e ter uma vida normal. Mas não posso. Não é justo condená-la a viver assim, com um marido fantasma a quem não pode tocar e por quem não pode ser tocada. Ela precisa ter a chance de uma vida feliz...

Peter não respondeu. Pelo que tinha visto, a moça não se importava que Jimmy estivesse morto, mas lhe pareceu que era melhor ficar quieto. Apenas lançou ao

rapaz um olhar solidário.

— O senhor irá comigo a Londres? — ele olhava o céu cheio de estrelas, evitando demonstrar o peso da decisão que havia tomado.

— E por que não? — perguntou o professor. — Já vim até aqui... Ir a Londres é fácil.

Alicia acordou no meio da noite, confusa e desorientada, tentando se lembrar do que aconteceu com ela. A seu lado, Janet Fiennes, sentada em uma poltrona, parecia cochilar.

"O que ela faz aqui? O que houve comigo?", tentava se lembrar, mas a memória não ajudava. Tudo que conseguia pensar é que não sentia mais o coração pesado e que não via, naquele momento, motivos para odiar Janet. Esta, pressentindo que alguém a observava, mexeu-se na cadeira e acordou, assustada, dando com Alicia olhando para ela:

— Está sentindo alguma coisa? — perguntou.

— Truddy Fiennes...

Janet assustou-se. Sabia que era péssima idéia mandarem que ela ficasse tomando conta daquela mulher que a odiava.

— Não. Janet Fiennes. Truddy morreu há muitos anos. Agora se acalme e volte a dormir. — pediu, levantando-se da poltrona, pronta para sair correndo dali.

— Não me reconhece, Truddy? Sou eu, Hilary. Meu Deus, como fui injusta com você, como a fiz sofrer... — as lágrimas rolavam pelo seu rosto e Janet, apavorada, pensou que Alicia estava enlouquecendo.

— Venha se deitar. — pediu Janet, pensando em

chamar um médico.

— Diga que me perdoa, por favor, diga que me perdoa! — imploro Alicia, chorando, sentida.

Janet parou e examinou com calma o rosto da mulher a sua frente. Por fim, sentindo que o peito ardia, disse:

— Eu a perdôo, seja lá do que for. Agora volte para a cama, por favor.

Alicia, em prantos, abraçou-se a ela que, sem saber o que fazer, devolveu o abraço.

Parado aos pés da cama, Andrew olhou a cena, emocionado. Um grande passo havia sido dado no caminho do entendimento e dali em diante dependeria de cada um encontrar dentro de si a força de que precisaria. Tão silenciosamente quanto havia surgido, sua imagem desvaneceu-se Janet, sem saber por quê, falou baixinho:

— Obrigada...

Uma semana se passou desde aquela noite estranha e cheia de acontecimentos que marcou o fim de uma era de ódios e rancores. Jimmy sentia-se cada vez melhor e mais leve, como se aos poucos estivesse se desligando deste mundo. Valery voltara ao trabalho e percebia as ausências dele com o coração partido.

— Meu Deus, ajude-me... Está chegando a hora... — pensava constantemente, quando o via a olhá-la com expressão entristecida.

Andréa e Mary Jane, empolgadas com os progressos na construção, passavam os dias fazendo listas de compras e pesquisas de materiais de acabamento. Albert, que visitava Alicia cada vez mais constantemente, via seus progressos com otimismo.

Então, numa manhã ensolarada e brilhante que parecia deixar tudo mais bonito e cheio de vida, Peter conversou com Valery a respeito de Jimmy e da história que ele havia lhe contado.

— Quando vão a Londres? — ela quis saber com os olhos cheios de lágrimas.

— Em breve... Ele não tem coragem de lhe dizer isso e não quer deixá-la... Jimmy está muito apaixonado, senhorita.

Valery suspirou e engoliu as lágrimas:

— Ele precisa ir, não é?

— Todos temos um caminho a seguir, minha querida, e o dele já demorou demais. Mas, se me permite uma observação, eu arriscaria dizer que o fato de o jovem William partir não vai separá-los.

— Como assim? — perguntou a moça.

— Talvez você não o veja mais, talvez apenas perceba a presença dele ocasionalmente, mas isso não significa que ele não vai estar lá ou vai deixar de amá-la. Vocês estão em lados diferentes agora, mas um dia não vão estar mais, não é?

— O senhor quer dizer... quando eu... eu... morrer?

Peter fez que sim com a cabeça.

— Mas e até lá? Como vou viver sem ele? Eu o amo muito, professor!

Ela recomeçou a chorar e Peter a abraçou:

— Por isso ele ainda não foi... porque sabe que você vai reagir assim...

Valery ergueu a cabeça:

— Posso estar lá... quando... quando acontecer?

— Mas é claro que sim!

— Então eu vou, professor. Quero estar com ele

enquanto me for possível.

Peter sorriu. Ah, o amor! Que sentimento maravilhoso!

O prédio onde Anabeth Smith morava estava abandonado e fechado havia muito tempo, por conta de uma briga entre os herdeiros que há anos corria na justiça, sem que se chegasse a uma conclusão sobre quem devia ficar com ele.

Parados diante da porta do lugar, Jimmy, Valery e Peter coçavam a cabeça, procurando uma forma de entrarem. Para Jimmy não haveria dificuldades, mas os outros dois não podiam atravessar paredes. Por fim, sem outra escolha, pegaram algumas ferramentas no porta-malas do carro de Mary Jane — que concordou em esperar por eles do lado de fora — e arrombaram a porta, diante do olhar surpreso de dois bêbados que perambulavam ali por perto.

O cheiro de poeira e mofo chegou até eles, quando pisaram no pequeno saguão, e só piorou conforme subiam os lances da escada que rangia alto.

— Fique tranqüilo, — disse Valery a Peter, que estava apavorado, pensando que tudo ia despencar a qualquer momento — estes prédios são mais resistentes do que parecem.

Subiram dois andares, viraram em um corredor comprido e sujo; os ratos corriam, assustados, e as teias de aranha balançavam sobre suas cabeças. Jimmy parou em frente a uma porta fechada e respirou fundo:

— É aqui. — anunciou.

Peter ajudou Valery a empurrar a porta de entrada, que estava emperrada pelo tempo, e eles se viram

dentro de um cubículo de três cômodos, sujo e decadente.

— Era tudo tão limpo e arrumado... e sempre havia cheiro de bolo assando ou de calda de açúcar. — disse Jimmy, deixando as memórias voltarem. — Meu Deus, quanto tempo passou!

Valery olhou para ele, cheia de compreensão no olhar, e o rapaz avançou em direção ao quartinho que Caroline dividia com a mãe.

— Veja, Caroline! Olhe quem está aqui! — disse uma mulher gordinha, saída sabe-se lá de onde.

Peter assustou-se e deu um pulo quando a viu. Então, diante dele, materializou-se a antiga casa da senhora Smith, com seus móveis baratos e pertences arrumados com primor. Deitada na cama, uma garotinha cheia de cachos loiros que lhe caíam sobre os ombros e de impressionantes olhos azuis, bateu palmas, feliz:

— Mister Tale! Mister Tale! Você voltou! Viu, mamãe? Eu falei que ele ia vir! — a menina mal cabia em si de tanta alegria.

— O que está havendo? — perguntou Valery, curiosa, pois nada via.

Peter narrou-lhe o que estava acontecendo e ela mais uma vez se perguntou por que conseguia ver apenas Jimmy.

O rapaz, sorrindo, aproximou-se da cama da menina:

— Perdão, Caroline, por ter demorado tanto tempo para voltar!

A senhora Smith enxugou, ligeira, uma lágrima furtiva que escapou de seus olhos e suspirou:

— Obrigada, Sir, por ter vindo. Ela o espera há tento

tempo... e eu não quis deixá-la sozinha aqui...

Jimmy, emocionado, sentou-se ao lado da garotinha, beijando-lhe a testa:

— Está pronta para ir agora, Caroline?

— Você vai conosco, mister Tale? — perguntou a menina.

Jimmy cochichou alguma coisa no ouvido dela e apontou para Valery. A criança riu alto e fez que sim com a cabeça, cochichando de volta:

— Ela é muito bonita! — E passou os bracinhos pelo pescoço dele, abraçando-o o mais forte que podia.

— Você conta uma história enquanto nós vamos? Tenho saudades das suas histórias. — o olhar da menina, cheio de expectativa, estava também transbordando de amor. Jimmy se sentiu tão comovido, que precisou de todas as suas forças para não desabar no choro.

Peter, com as lágrimas correndo livremente, contava a Valery o que estava vendo e ela não pôde evitar de se sentir tocada por tudo aquilo.

Jimmy, controlando-se, olhou para Anabeth e fez um sinal com a cabeça, indicando que era hora. Diante deles, um facho de luz azulada, que aos poucos ia adquirindo coloração rosada e brilhante, surgiu, abrindo-se em um túnel dourado, por onde Caroline e a mãe entraram de mãos dadas, enquanto Jimmy, chorando como criança, começava:

— Era uma vez, muito tempo atrás, em um reino encantado, um rei muito bondoso que tinha três filhas... — E continuou até que a luz se fechasse.

Peter, chorando muito, assoou o nariz em um lenço, enquanto Jimmy, sorrindo, aproximou-se.

— Podemos ir. — disse ele, aliviado. Minha promessa está cumprida.

Valery, apesar de ter o coração apertado, não conseguiu evitar a pergunta:

— E você? Quando chegará sua vez?

— Ainda não está na hora, meu amor... Será em breve, mas não agora...

Epílogo

O tempo passou voando para Valery e Jimmy. Peter e Nicodemus já haviam retornado há muito para Chicago e eventualmente Valery falava com eles por telefone. Mary Jane e Andréa partiram algumas semanas depois deles, não sem antes a loiríssima fazer Valery prometer

que, se houvesse qualquer outra história ou se outro fantasma aparecesse, ela iria chamá-la de volta imediatamente

— É tão emocionante isso tudo! Adoro casas assombradas! — disse ela, ao se despedir, no aeroporto.

— Cuide-se, mana. E você, seu fantasma, se estiver por aqui, cuide bem da minha irmã ou eu é que vou puxar seu pé à noite. — ameaçou Andréa, abraçando Valery com carinho.

Em Bridgnorth a vida seguia normalmente, com Janet e Alicia cada vez mais próximas e Albert tomando conta delas para que tudo ficasse ainda melhor.

A casa, conforme os meses passavam, readquiria seu antigo esplendor e beleza, com Valery comandando os trabalhadores com mestria e eficiência.

O verão transformou-se em outono e este em inverno, obrigando as obras a serem interrompidas, até as nevascas cessassem. A primavera começava a despontar, derretendo a neve e trazendo o verde claro das folhas novas, os pássaros e a alegria da vida, quando, certa noite, Jimmy aproximou-se de Valery e a chamou para um passeio. O céu, estrelado ao máximo, parecia não ser real, tal sua beleza e brilho.

— Eu te amo. — disse ele, quebrando o silêncio, durante a caminhada. O coração dela parou. A hora havia chegado.

— E eu a você. — disse, tentando engolir as lágrimas.

— Eu vou voltar, sabe? Quando você estiver bem velhinha e chata, e ficar dando bengaladas em seus netos, eu volto. Então, nada mais vai impedir que eu te pegue nos braços e beije com toda vontade que sinto

no peito.

Ela riu, ainda chorando:

— Não vou ficar chata...

— Ah, vai sim! E vai continuar linda, cheia de ruguinhas, porque você é linda, meu amor. Você é a mulher mais linda que existe... E é minha...

Ela desabou no choro.

— Olhe para mim. — pediu o rapaz, pousando as mãos sobre os ombros dela.

Valery ergueu os olhos cheios de lágrimas.

— Quero que me prometa que vai ser feliz, vai se divertir muito, sempre que puder, e que, se pegar mais alguma casa assombrada para reformar, vai sair correndo de dentro dela.

— Ah, Jimmy, não quero rir! — disse, rindo entre as lágrimas.

— Mas eu quero que você ria... Quero guardar essa imagem comigo de você sorrindo sob a luz das estrelas...

Brian latiu alto e um facho de luz azulada surgiu, abrindo-se em um túnel dourado por onde Valery viu, encantada, Jimmy jogar-lhe um beijo e dizer:

— Eu voltarei, meu amor... Quando for a hora, eu voltarei pra te buscar. Eu te amo, Valery...

— Eu te amo. — foi tudo que ela conseguiu dizer, enquanto o vulto dele desaparecia por aquele corredor luminoso.

Durante horas ela ficou ali, perdida em pensamentos, vendo a luz das estrelas e tocando a relva onde ele havia pisado. Por fim, sem saber o que fazer, levantou-se e recomeçou a caminhar. Estava entrando em casa, o rosto molhado de lágrimas, quando um ruído chamou

sua atenção. Encolhido no canto da varanda estava um filhote da mesma raça de Brian, olhando com olhos amedrontados para ela, tremendo de frio e de medo.

— Ei... Olá... — disse, pegando o cãozinho no colo. — Como veio parar aqui? Está com medo?

O filhote encolheu-se todo e ela olhou para o céu, onde lhe pareceu que, dentre todas as estrelas, uma piscou mais intensamente.

— Venha, pequeno Brian, vamos para dentro. Vou agasalhar você. — ela disse e entrou, sentindo que qualquer que fosse o tempo que precisasse esperar, estaria com Jimmy novamente. E, desta vez, para sempre.

Fim

